

REVISTA

DA SEMANA

40 6-10-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

**QUE ACONTECERÁ COM O
PETRÓLEO SE FECHAREM
O CANAL DE SUEZ?**

OUTRAS REPORTAGENS NO TEXTO



Tão essencial ao progresso do país

...o serviço telefônico, sem recursos adequados, não pode expandir-se na escala necessária.

As tarifas telefônicas do Brasil são das mais baixas do mundo, mas...

...o país só tem 13 telefones por 1.000 habitantes.

Em outros países, a proporção é muito maior: Portugal tem 26; a Itália, 42; a Argentina, 57 e os Estados Unidos, 322 telefones por mil habitantes.

Medidas e providências objetivas, que permitam a melhoria e a expansão das comunicações telefônicas em todo o país, trarão maior prosperidade à indústria, ao comércio e à lavoura, e maior conforto ao lar.

PROCURANDO SERVIR SEMPRE MELHOR



REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 40 — Rio de Janeiro — 6-10-1956

DIRETOR Gratuliano Brito
ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Que Acontecerá com o Petróleo?	4/7
Carlitos, o Sempre Jovem	22/23
O Drama de Suez	26/29
O Cinema Ressuscitou Van Gogh	30/35
A Inauguração do Canal de Suez	44/47
Dezesseis Mil Brotos em Flor	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Poeira do Tempo	16/17
Itinerário do Brasil	19
Literatura e Arte	20/21
Música	24
TV Na Revista	25
Palavras Cruzadas	36
Por Esse Mundo de Deus	40/41
Semana Astrológica	48
Pelas Esquinas da Noite	49
Revista Há 50 Anos	50
Conversa de Mulher	54/55
Grand-Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

LITERATURA

Crianças, Jardins, Primavera	3
O Homem e o Trapézio	14/15
Evasão	51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	37
A Mais Bela Mulher do Mundo	38/39

CAPA

PIER ANGELI (Kodachrome M.G.M.)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana.

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agências em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



Crianças, Jardins, Primavera

◆ A primavera chegou, disseram os jornais como se precisássemos de anúncios para senti-la dentro de nós, para declarar sua vinda, mesmo que ela não surja como deve ser: cheia de flores, rejuvenescendo folhas e corações. Mas a primavera chegou e isso é o que importa: trouxe-nos um calor de verão, um sol escaldante nada próprio à uma estação lírica, indicadora de esperanças. A primavera chegou não com dignidade total, tanto os crimes que enchem os noticiários, mulheres matando bárbaramente, crianças sendo raptadas ou crescendo no crime. Chegou a primavera, não poderemos saudá-la com água e leite, e a Prefeitura está disposta a acabar com o nosso Mercado das Flores, feio é certo, suado é verdade, mas afinal residência daquelas que anunciam com mais vigor, o nascimento da primavera.

◆ Mas nem tudo está perdido, pois é primavera: se nossos corações ficam tristes com o desaparecimento do Mercado das Flores, alegramo-nos porque no Largo da Carioca apareceu um novo jardim, tão rapidamente construído — 72 horas — que parece ter nascido de sonho numa noite de inverno que passou. Temos um novo jardim: pés de abios, jabuticabas, jamelão e palmeiras foram colocados naquele trecho onde antes se plantavam automóveis, comemorando a Campanha Nacional de Educação Florestal, finalizando assim, galhardamente, as festas da «Semana da Árvore». Um jornal disse: o povo invadiu o jardim demonstrando sua satisfação por esta brilhante realização da Prefeitura. Acrescento: — estamos, nós povo, tão pouco habituados a receber dádivas, que quando encontramos uma assim, corremos a saudá-la com toda nossa alegria. — «Sabes? parece mentira, não temos nada de nosso, mas ontem ganhamos um jardim!» é o que podemos afirmar agora.

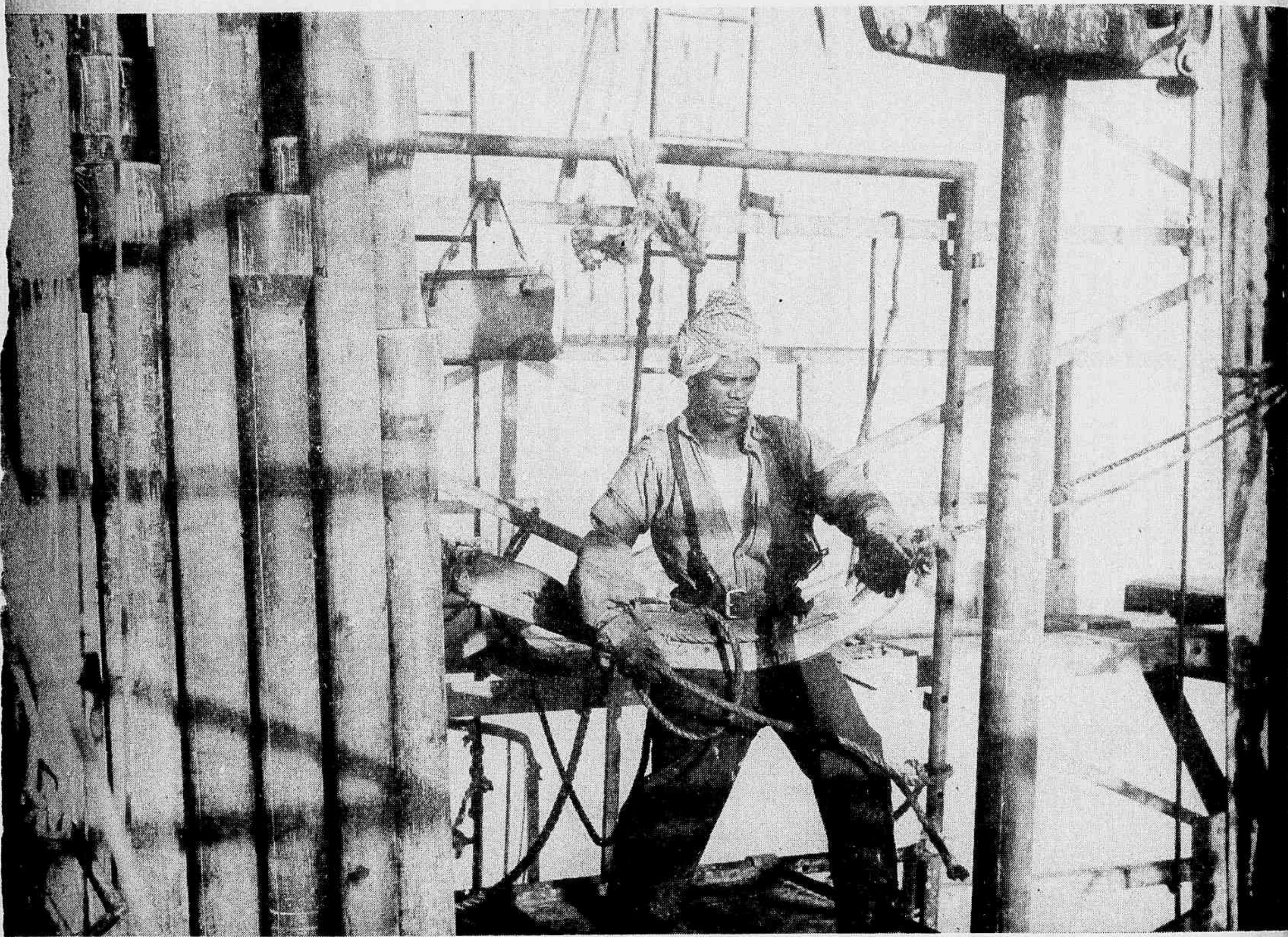
Sê bem-vindo à nossa paisagem, jardim! Tomara que não te chamem com o nome de qualquer político importante; tomara que a Prefeitura que te criou não te abandone; tomara que tuas árvores sejam como as da Praça Paris, corajosas, arrogantes, sempre em luta com as ordens das folhinhas e resistindo valentemente às monstruosidades que se cometem contra elas.

◆ A primavera chegou, estamos em outubro e vamos todos colaborar mais uma vez com uma das mais belas campanhas que o país promove de Norte a Sul, de Leste a Oeste: a Campanha Nacional da Criança. Se a campanha da árvore foi bela, mais bela ainda é essa, na qual levamos nosso apoio e solidariedade àqueles que promovem ajuda as crianças, levando aos pequeninos brasileiros desvalidos, os sem família e vivendo do amor alheio, um pouco de conforto, uma pequenina ternura através de suas instituições. Para este mês da criança estamos todos nós adultos prontos a colaborar com a mesma alegria com que invadimos o novo jardim que a Prefeitura nos deu. Queríamos apenas que, em homenagem à primavera, o dr. Negrão de Lima fizesse um milagre: melhorasse, reconstruísse, refizesse mas não deixasse desaparecer nem morrer o nosso Mercado das Flores. Pudessemos eu fazer ainda um pedido: em homenagem à primavera, o «rapa» poderia deixar em paz esses pobres homens que vendem nas feiras ou nas ruas, galhos e plantas dos morros? A primavera ficará muito contente, se isso acontecer...

ENEIDA

FECHADO O CANAL DE SUEZ,

QUE ACONTECERÁ



Um operário nativo da região petrolífera do Kuwait, no Oriente Médio. — À direita: Terminal oceânica de um dos oleodutos que despejam a produção do Golfo Pérsico nos portos do Mediterrâneo. A capacidade total de escoamento não vai além de 900 barris por dia.

QUARENTA e quatro graus à sombra, marcava o termômetro naquela tarde escaldante de julho, num apazível balneário à margem do Mediterrâneo quando o **homem forte**, rodeado de amigos e de visitas importantes deixou escapar por entre dentes, uma frase indiscreta, enquanto consultava o relógio de pulso.

— Dentro em breve, veremos como se comporta um continente em pânico.

A frase, que para algumas testemunhas teve como arremate um gargalhar histórico, no dizer de outras teve o riso amargo das explosões sopitadas.

Para vingar Assouam — ciclópica represa,

cujos projetos recém-terminados calculavam para enchê-la plenamente, deixar correr, livremente por um ano e meio, as águas do maior rio do mundo; para vingar o fracasso da sua Grande Pirâmide, Gamal Abd el Nasser — o homem forte do Egito — garroteou o Canal de Suez, e pôs em pânico não apenas um continente, mas a quase totalidade do mundo ocidental.

SUEZ — A TORNEIRA DA EUROPA

A decisão desassombrada de Nasser, nacionalizando a companhia que controlava o canal, provocou sucessivas conferências internacionais, despertou patéticos apelos sentimentais, e dividiu a opinião pública mundial segundo as

duas correntes políticas mais em voga nesse pós-guerra tão incerto e ameaçador.

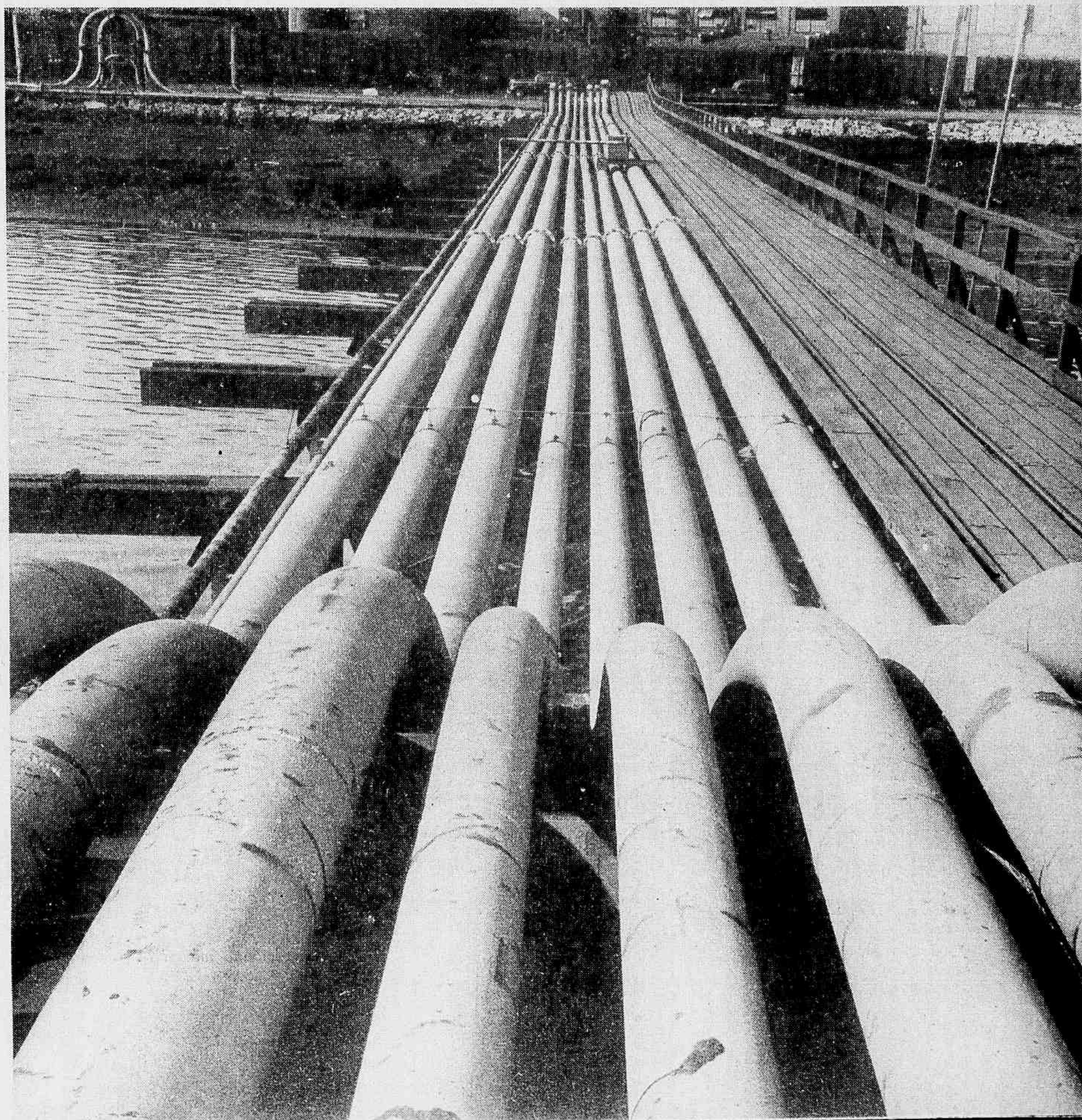
A torneira de petróleo da Europa — que antes era manobrada por muitos — somente nas mãos de Nasser agora se abre ou se fecha. A Europa necessita, diariamente, de 2 milhões e 500 mil barris de petróleo. Dessa quantidade 1 milhão e 200 mil barris passam pelo Canal, vindo do Oriente Médio, e o resto é remetido através de oleodutos instalados desde os campos petrolíferos até os portos mediterrâneos, cuja capacidade máxima de escoamento é de 800 mil barris por dia.

A produção total dos países europeus (excluída a Rússia e seus satélites) não chega a atingir 180 mil barris diários, o restante é for-

COM O PETRÓLIO?

RACIONAMENTO DE GASOLINA À VISTA? — O AUMENTO DA PRODUÇÃO DA VENEZUELA (QUE NOS ABASTECE EM 2/3 DE NOSSAS NECESSIDADES) PARA ATENDER À EUROPA SEDENTA — «HIPÓTESE ABSURDA», AFIRMAM OS TÉCNICOS DA PETROBRÁS — ANTIECONÔMICO E DEMORADO O TRANSPORTE PELA ROTA DO CABO DE BOA ESPERANÇA — DESVIO DE NAVIOS-TANQUES E ENCARECIMENTO DO FRETE.

Reportagem de W. GUARNIERI



CANAL DE SUEZ

recido, parte pelos E.E.U.U. e pelos poços da Venezuela e da região do Caribe.

E SE NASSER FECHAR O CANAL?

Os planos que agora se consertam para garantir o abastecimento do suprimento de petróleo às nações européias, inclui, como não poderia deixar de acontecer, a hipótese do fechamento definitivo do Canal de Suez.

O próprio secretário de Defesa dos Estados Unidos, falando à imprensa mundial, afirmou que «se estão elaborando planos que, em nossa opinião, salvarão o mundo ocidental do desastre econômico, se, desgrazadamente, a passagem pelo Canal de Suez vier a ser, fisicamente, interrompida pelo Egito».

De acordo com esses cálculos, mesmo no caso do canal se fechar, a Europa poderia continuar a receber, pelo menos, os 800 mil barris, por meio dos oleodutos, e mais ainda uma quantidade adicional de outros 800 mil barris, que poderiam ser enviados do Golfo Pérsico, por meio de navios-tanques, contornando o Cabo da Boa Esperança, ao sul do continente africano.

DISTÂNCIAS COMPARADAS

Cerca de 8.400 milhas marítimas até Londres (ou seja 13 mil quilômetros) é a distância que tem a percorrer os transportes que se utilizam da passagem pelo Canal.

As distâncias comparadas das rotas marítimas, para utilização na hipótese da sua interrupção, são as seguintes:

DA INGLATERRA

Ao Oriente Médio (Via Cabo) ..	11.575 milhas
Aos Estados Unidos	4.050 milhas
À Venezuela	4.775 milhas

A alternativa de utilização da rota que passa pelo Cabo, viria acarretar um sem número de consequências desastrosas para a economia de alguns países europeus, provocando inclusive o encarecimento do produto, pela elevação das tarifas de um transporte mais demorado, além de forçar o emprego de maior número de unidades, para garantir o fornecimento regular do óleo negro.

Relativamente ainda aos problemas financeiros com que poderão se defrontar alguns países europeus, quando se altera a fonte de abastecimento do petróleo, é de se acentuar o agravamento da escassez de divisas ao se transferir as operações da área da libra esterlina para a área do dólar.

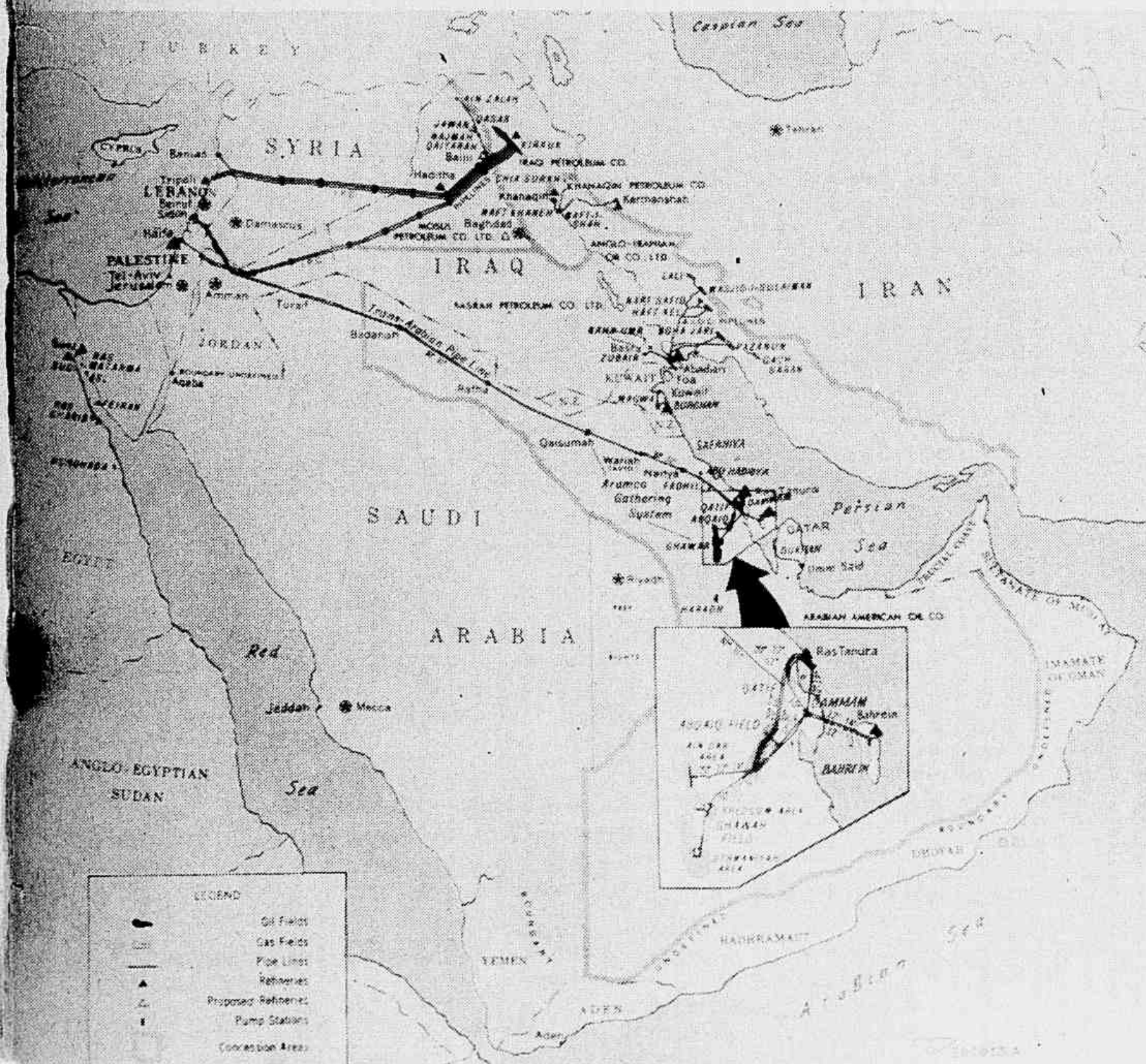
OUTRAS CONSEQUÊNCIAS

Para fazer frente às necessidades do mercado europeu, a produção de petróleo no Hemisfério Ocidental, e especialmente nos Estados Unidos, terá de ser aumentada em cerca de 800 mil barris diários. Afirmam peritos no assunto que essa providência não representaria problema algum, pois tanto os Estados Unidos, como o Canadá e a Venezuela vêm registrando um aumento progressivo que bastaria para suprir suficientemente na nova emergência.

Dessa opinião também compartilham altos funcionários do governo norte-americano e alguns diretores de companhias petrolíferas, que acreditam igualmente que o problema do desvio das rotas de abastecimento e o aumento da produção do petróleo na América Latina, podem ser resolvidos com a maior facilidade.



Arábia Saudita, região de onde provém 1/3 de nossas importações de óleo bruto. Os nossos técnicos estão tranqüilos, porque não nos utilizamos de Suez. Mas, e quando os navios-tanques forem desviados para abastecer a Europa? Em baixo: Campos petrolíferos do Oriente Médio, cuja produção diária é a segunda do mundo — 3 milhões e 300 mil barris.



MAS... E NÓS?

Muito embora tivéssemos feito várias tentativas para ouvir a opinião do presidente da Petrobrás, pudemos apenas colher declarações formuladas através de terceiros, e que nos autorizam informar que o Brasil vem importando o petróleo bruto, diretamente do Oriente Médio, utilizando a rota do Cabo da Boa Esperança, na proporção de 1/3 de suas atuais necessidades.

Os restantes 2/3 de nosso consumo provêm **justamente** dos poços venezuelanos e de algumas outras regiões do Caribe.

Afirmam os peritos internacionais que a única possibilidade de manter o fluxo de petróleo para os centros consumidores da Europa seria aumentar consideravelmente a produção dos Estados Unidos e da Venezuela, que se situam mais próximos da Europa do que o Golfo Pérsico, pela rota do Cabo.

Causa surpresa, portanto, que através do seu

Serviço de Relações Públicas, os assessores da Petrobrás venham afirmar que «o fechamento do Canal de Suez em nada virá alterar a produção e o consumo do petróleo no Brasil pois, muito embora 2/3 de nossas importações provenham da Venezuela, os nossos suprimentos estão garantidos por contratos feitos a prazo longo e que autorizam supor sejam fielmente mantidos em qualquer emergência» — conforme declarações prestadas pelo dr. Gualberto de Sá, acessor de Relações Públicas.

Transmitindo, igualmente, informações do coronel Janary Nunes, Presidente da Petrobrás, acrescenta o aludido acessor que «o fechamento do Canal virá, isto sim, beneficiar enormemente, pela valorização, as nossas reservas petrolíferas, incrementando os estudos de levantamentos geológicos e mesmo pelo incentivo à prospecção do petróleo no aceleração do programa já traçado pela alta direção da companhia».

Em resumo: De acordo com o pensamento oficial dos dirigentes da Petrobrás, **o fechamento**

do Canal de Suez vem constituir um novo «mar de rosas» para o petróleo do Brasil...

RACIONAMENTO A VISTA

Todavia, em outras fontes merecedoras de crédito, dentre elas, as duas maiores empresas estrangeiras em operação no país, podemos constatar um certo cepticismo com relação ao futuro dos nossos suprimentos petrolíferos.

Unânicos foram as opiniões que colhemos junto aos técnicos no assunto, de que os Estados Unidos embora liderando a produção mundial de óleo bruto (produzindo 6 milhões e 800 mil barris diários) não se bastam a si mesmo, razão porque são obrigados a se valerem também nas reservas venezuelanas. A Venezuela por sua vez, não só fornece aos países da América Latina como ainda envia o restante de sua produção para o continente europeu, como ficou dito.

A alternativa de emergência, no aumento da



POÇO PIONEIRO DE CUPARI, NA FOZ DO RIO TAPAJÓS, NO AMAZONAS, QUE JÁ SE ENCONTRA COM 1.031 METROS PERFURADOS.

produção dessas fontes para atender à Europa, viria acarretar, necessariamente, o desvio das cotas normais de fornecimento aos países sul-americanos, e, conseqüentemente, ao Brasil.

Por outro lado, o desvio de navios-tanques pa-

ra acelerar o eventual abastecimento via Cabo da Boa Esperança, acarretaria, não apenas o encarecimento do frete, como, possivelmente, a retirada de unidades em face da prioridade para atender aos europeus que atualmente vêm mantendo os nossos suprimentos normais fornecidos pelos poços do Oriente Médio. Ambas as hipóteses, não muito impossíveis de serem concretizadas, iriam provocar uma súbita escassez do produto, acarretando como não poderia deixar de acontecer, o estabelecimento de **um novo racionamento de gasolina.**

O BRASIL E O EXEMPLO DO CANADÁ

As conjecturas formuladas pelos técnicos mais sensatos em torno de uma possível aceleração

dos estudos e dos levantamentos geológicos para beneficiar as nossas reservas petrolíferas, tendo em vista a interrupção do Canal, são de molde a admitir apenas discretos índices de progresso.

O Canadá, por exemplo, é citado frequentemente como exemplo típico, quando se sabe que lá operam, livremente, quase todas as grandes companhias petrolíferas norte-americanas, e cuja despesa diária, é orçada em cerca de 1 milhão de dólares em trabalhos de perfuração e sondagem. Com todas as suas fronteiras abertas, e com todo apoio oficial à iniciativa privada de origem estrangeira, não produz o Canadá — **nos 8 anos de exploração intensiva a que se impôs** — mais do que 350 mil barris diários, muito inferior às suas crescentes necessidades de costume.

PLANOS DE EMERGÊNCIA

A conjuntura atual, com o «problema Suez»

criado por Gamal Abd el Nasser, ainda passível de solução definitiva, estaria fadada a evoluir no sentido do que acima ficou explanado. As companhias petrolíferas e os proprietários de navios-tanques até agora não se desviaram da passagem por Suez, e aguardam apenas que os pilotos estrangeiros do Canal cessem de trabalhar. Mas, estão sendo traçados planos para uma modificação radical no sistema de suprimento e distribuição mundial do petróleo no caso de haver demoras no cruzamento do Canal de Suez.

E desses novos planos terão que, forçosamente, se pôr a par as nossas autoridades governamentais, através da assessoria de seus técnicos imediatos.

Mas, quando? **Depois do racionamento?**

A SEMANA EM REVISTA



UM TEXANO, cheio de dinheiro, ofereceu quinze mil dólares a Lolobrigida, para que ela, na festa do 15º aniversário da filha do americano, executasse os números que realizou no filme «Trapeze». Lollo não aceitou.

COM A próxima visita da cegonha aos príncipes de Mônaco (Rainier-Gracie), os terrenos à venda no pequenino território valorizaram-se de 10 a 20 por cento, tal o júbilo de que se sentem possuídos os habitantes.

EM TÓQUIO, uma imensa piscina foi construída no Jardim Zoológico local, a fim de que nela pudessem ser colocadas seis baleias cinzentas, que passarão a fazer parte das coleções imperiais.

INTERNACIONAIS

AOS GRITOS de «Temos Fome», «Temos Fome», grande multidão, em La Paz na Bolívia, investiu contra inúmeros prédios públicos, entre os quais a Rádio Illimani. Foi dispersada a tiros, morrendo pelo menos uma pessoa. O governo tomou logo providências: decretou o estado de sítio...

O PODERIO militar do Egito, segundo «Paris-Match», resume-se em 3 divisões de infantaria, 3 brigadas motorizadas e uma guarda nacional de 30 mil homens. Cem caças Mig, 80 Vampires, e 50 bombardeiros Yliouchine. Os peritos pensam constituir, até 1958 mais cinco divisões.

PERGUNTARAM A Jean Boiteux, campeão francês de nado livre, onde havia aprendido a nadar. O homem, que é engraçadinho, retrucou logo: «Na água, ora!»

NESSE NEGÓCIO todo do canal de Suez, quem não deve estar gostando nada é o rei Ibn Saud, da Arábia Saudita. Ou ele adere a Nasser — e desgosta seus amigos norte-americanos, ou então rompe com o Egito, e nesse caso tem de enfrentar a Liga Árabe...

EXISTE EM Londres uma senhora de nome Ken Moore que dorme há cerca de cinco meses. O que é mais engraçado, é que ela espera uma criança para dentro de mais dois ou três meses. Segundo os médicos, ela não acordará nem mesmo para delivrance. O que não deixa de ser um estado interessante.

NÃO HÁ dúvida de que a União Soviética está mais democrática: sua equipe de futebol foi derrotada pela da Hungria, por um a zero, e os jogadores AINDA não foram fuzilados...

O REI DO Sião largou seu trono de ouro maciço, e ingressou num mosteiro budista. Todas as manhãs, tem de ir para a rua, mendigar.

SEGUNDO TUDO indica, o poeta espanhol (exilado) Juan Ramón Jiménez — de quem Manuel Bandeira traduziu tantos poemas — ganhará o Prêmio Nobel de Literatura de 1956. Porém há outro nome no páreo: o do francês Saint-John Perse, um dos maiores poetas da atualidade.

PERGUNTARAM AO romancista francês Jean-Pierre Dorian: «Li seu livro, e ele me agradou; quem o escreveu por você?» — Ao que o escritor retrucou: «Muito obrigado por haver apreciado meu livro. Quem o leu para o senhor?»

O MAIOR pintor chinês da atualidade chama-se Tchang Ta-Ts'ien, e não é, infelizmente, conhecido, tal como deveria, no ocidente. Há pouco, na França, teve ele a oportunidade de se encontrar com Picasso, a quem presenteou com duas obras suas uma, sobre seda, representando bambus. Dedicatória do quadro: «Ao velho mestre Picasso, a fim de que sorria um pouco».

XAVIER PEREIRA, um homem que passa por ser o mais velho do mundo, acaba de ser levado, de avião, para os Estados Unidos, onde tentarão determinar-lhe, ao certo, a idade. Ele deve andar rondando a casa dos 160 anos. E ainda é mais lúcido do que muito rapaz. Nasceu na Colômbia.

UM DOS MAIORES enterros realizados nos últimos anos foi o que ocorreu no dia 13 de agosto em Marcinelle, na Bélgica, quando foram sepultados os mineiros que pereceram vítimas de explosões em uma mina carbonífera. Cem mil pessoas compareceram ao ato, provenientes de toda a Bélgica, da França, da Itália, do Sarre.



UM JOVEM atingiu, com quatro balas de revólver, o ventruado ditadorzinho «Tacho» Somoza, da Nicarágua. Foi morto, porém Somoza, após submeter-se a prolongada operação cirúrgica, não está passando bem. Reprovamos qualquer espécie de terrorismo, e repudiamos a violência, mesmo se utilizada contra aqueles que dela fazem sua única regra de governar. Mas que dá gosto, numa época tão cheia de agitações, em que a liberdade vem sendo sistematicamente massacrada sob os mais incríveis disfarces, ver um ditador — mesmo que seja um ditador-mirim, como Somoza —, levar uns tirinhos, ah, isso dá.

UM SOLDADO árabe, de patrulha na fronteira entre Israel e a Jordânia, enlouqueceu e disparou sua metralhadora contra um grupo de arqueólogos que se encontrava realizando escavações nas cercanias. Três pesquisadores faleceram.



COM UM vestido de dezoito metros de comprimento, Emília Correia Lima, Miss Brasil de 1955, casou-se com o major Wilson Santa Cruz Caldas, que é também engenheiro. Os noivos irão à Europa, e depois passarão a residir no Rio.

O NOVO chefe de Polícia, Batista Teixeira, tomou posse. Tem cara de anjo, mas durante o Estado Novo, foi um dos principais auxiliares de Felinto Müller — outro que ultimamente também anda angelical... Homem de Odilo Denys, de quem foi até há pouco uma espécie de secretário, dizem que ao discutido general é que se deve a sua indicação para a sucessão de Magessi.

★

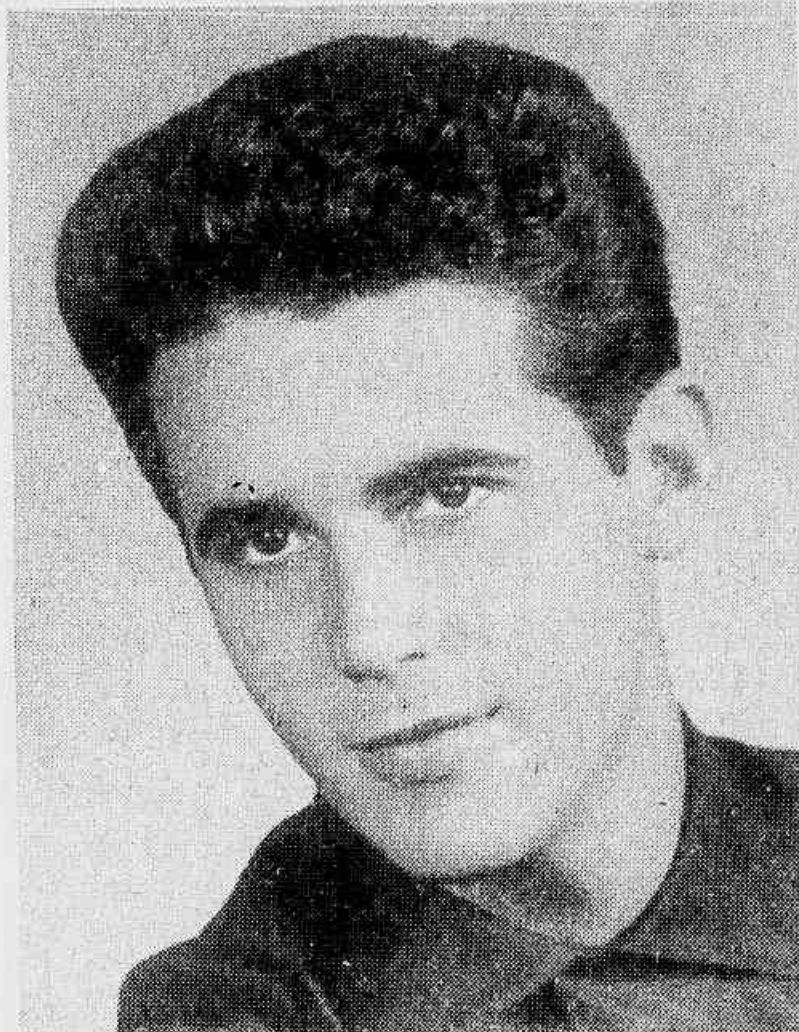
JÂNIO QUADROS, o **máluco**, o **descarado**, o **mal arrumado**, o **intolerante**, o **obárbaro**, fez com que o orçamento de 1956, de São Paulo, apresentasse um saldo de um bilhão de cruzeiros. [K, o escovadinho, o pé-de-valsa, o trêfego, o bem humorado, o equilibrado, vai bem, obrigado.

★

OS CHINESES da Ópera de Pequim — que já se foram embora — antes de deixarem a cidade, visitaram tôdas as «gafieiras» do Rio.

★

BENJAMIN ALBAGLI é francês, ou não é? A disputa continua braba, o vereador Salomão Filho não lhe dando uma folga. Cá para nós: esse Salomão não será egípcio ou algeriano?...



ADRIANO REYS será o principal intérprete de «Chéri», a peça de Colette que está para ser estreada no Teatro Copacabana, logo em seguida ao cartaz atual. Foi testado pelo grande diretor espanhol Luca de Tena, que não só lhe apreciou as qualidades artísticas, como também achou possuir o jovem artista o «physique du rôle», para «Chéri». Os cenários da peça são de Fausto de Albuquerque, e os figurinos, da pintora espanhola Isabel Pons. «Chéri» comemorará ao mesmo tempo o 10º aniversário dos «Artistas Unidos», e o retorno de Henriette Morineau ao grupo, de onde se afastara faz algum tempo.

NACIONAIS

JOSÉ MARIA ALKIMIM, ministro da Fazenda, está nos Estados Unidos, com uma luzida comitiva de treze pessoas. Ajuda de custo para cada componente da delegação: cinco mil dólares. Diária: cem dólares. Entre as treze pessoas seguiram os dois filhos e a esposa do ministro. Me leva...

★

FORA QUEM deu o o cronista Luís Lôbo, da «Tribuna da Imprensa», sob o título «Desculpe, Dona Rachel». Ele pretendia demonstrar que o verso «Liberdade, Liberdade, abre as asas sobre nós», não era do Hino da Proclamação da



CAUBY PEIXOTO partiu para os Estados Unidos novamente. Recordar-se que quando esse cantor brasileiro ali esteve pela primeira vez, conseguiu sucesso. Ele agora pretende demorar-se pelo menos por um ano.

República, e sim o da Independência. Rachel de Queiroz, porém, é quem tinha razão: o verso é mesmo do Hino da Proclamação da República, seu Lôbo!

★

QUEM LEU os suplementos esportivos da semana passada, deve ter pensado que o Flamengo é quem tinha vencido o jogo contra o América. Com efeito, falou-se mais nos rubro-negros, do que nos diabos rubros, que afinal de contas foram os vencedores. As explicações para a derrota choeram: juiz ladrão (todos os tentos do América teriam sido conquistados de maneira ilegal); calor infernal (favorável portanto aos «diabos»...); falta de Dequinha; etc. etc. No fim, o marcador apontava, implacável: América 3 x 2 Flamengo...

★

HOVE A Semana da Árvore, com exposições no Ministério da Educação, inauguração de uma praça arborizada no largo da Carioca — praça construída em 72 horas — etc. Vários homens públicos, entre eles o Presidente, deram-se ao delicado mister de plantar árvores. Bananeiras.



VINICIUS DE MORAIS, após o êxito do «Orfeu da Conceição», pretende escrever uma revista musicada baseada na «Moreninha» de Macedo. Sugestões para peças futuras, de Vinicius ou de quem desejar fazê-las: «Rigoletto de Oliveira», «Otelo de Souza», «Carmen dos Santos», «Traviata da Silva», «Tosca Pereira», etc., etc. Sem contar com «Parsifal Barroso», que já está feita...



PASSOU PELO Rio de Janeiro o cidadão italiano, hoje residindo na Argentina, Dino Segre, que muita gente ainda julga, atualmente, dotado de talento. O citado cidadão, que é considerado escritor por alguns, incautos, também atende pela alcunha de Pitigrilli, pela qual é mais facilmente reconhecível. Já deve estar de novo em Buenos Aires, felizmente.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

AZASO EB-5

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—«Mischna» e «Gemara» são as duas partes em que se divide:
 - Torah?
 - Talmud?
 - Zendavesta?
- 2—Que língua falava Cristo:
 - hebraico?
 - sânscrito?
 - aramaico?
- 3—Mitridate, Re del Ponto, é uma ópera de:
 - Verdi?
 - Mozart?
 - Weber?
- 4—O Primeiro Código do mundo é de:
 - Hamurabi?
 - Phtah-Hotep?
 - Dungi?
- 5—Que pintor fixou em tela o episódio descrito por Heródoto — a Justiça de Cambises, mandando esfolar um magistrado:
 - Gerard David?
 - Jan Memling?
 - Jean Bellegambe?
- 6—«A Literatura é um produto do meio» — nessa frase pode ser condensada a filosofia da arte de:
 - Tardieu?
 - Taine?
 - Hegel?
- 7—Qual desses pintores era de família nobre:
 - Toulouse-Lautrec?
 - Van Gogh?
 - Soutine?
- 8—No Código Penal Brasileiro, o homicídio está regulado pelo artigo:
 - 256?
 - 121?
 - 147?
- 9—Que poeta francês de nascença tornou-se alemão pelo espírito:
 - Mallarmé?
 - Chamisso?
 - Verlaine?
- 10—Em troca, que poeta alemão, desprezado em sua terra, era admiradíssimo em França:
 - Schiller?
 - Heine?
 - Rückert?
- 11—O senador Sílvio Curvo representa que Estado:
 - Maranhão?
 - Alagoas?
 - Mato Grosso?
- 12—Escreveu obra fundamental sobre o Barroco:
 - Vasari?
 - Wölfflin?
 - Friedlander?
- 13—«Um dilúvio de luz cai da montanha...» — verso de:
 - Fagundes Varela?
 - Antero de Quental?
 - Antônio Nobre?
- 14—Que foi Bernard Shaw, no início de sua carreira:
 - repórter?
 - crítico musical?
 - crítico de arte?
- 15—Que quer dizer «Formidável»:
 - terrível?
 - agradável?
 - excelente?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS:
1 — Talmud; 2 — aramaico; 3 — Mozart; 4 — Dungi; 5 — Gerard David; 6 — Taine; 7 — Toulouse-Lautrec; 8 — 121; 9 — Chamisso; 10 — Heine; 11 — Mato Grosso; 12 — Wölfflin; 13 — Antero de Quental; 14 — crítico musical; 15 — terrível.



O RISO DOS OUTROS



Fui eu mesmo quem censurou: e daí?

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Desenho de RAMÓN

Especial para «Revista da Semana»

(Continuação do número anterior)

Copyright Keystone e Pierre Horay

◆ RESUMO DA PARTE PUBLICADA — Piotr Kapitza, com a colaboração de um numeroso grupo de sábios, realiza pesquisas ultra-secretas. O grande romancista Ilya Ehremburgo, move uma terrível campanha de descrédito contra os maiores nomes da ciência soviética, com o fito, exclusivo, de desviar a atenção dos espões e observadores ocidentais do que se promove na Rússia em matéria de física nuclear. Idanov toma a si a chefia da campanha, e como homem calculista e frio que é, traça todos os planos. Kapitza parte para a Mongólia com os seus colaboradores a fim de fundar as chamadas «cidades atômicas». Mas as revelações de Kapitza sobre o seu passado, na Inglaterra, causa certa apreensão entre alguns membros da missão.

A partir de 1930, as fronteiras russas são hermeticamente fechadas, ao mesmo tempo que a espionagem no estrangeiro torna-se mais ativa. Desde então, a cunhada de Kapitza representa, frente aos visitantes russos, o papel de esposa. No início, este papel era representado naturalmente: ela tomava conta da casa, de modo que Ana Alexeievna consagrava-se inteiramente aos seus estudos matemáticos. O nascimento dos filhos em nada alterou este estado de coisas.

— Só me espanta — disse eu ainda não convencido de todo — o fato de não transpirar nada... Kapitza faz um gesto com os ombros.

— E' que o Piotr Kapitza de 1930, não era ainda um personagem que despertasse interesse, digno de ser vigiado em sua vida privada. E depois, a presença contínua de Natacha enganou a todo mundo. O problema era Moscou não saber que a mulher com quem eu vivia na Inglaterra não era a minha. No hotel, não se podia adivinhar que «N» significava Natacha e não Nadejda.

— Mas a separação, o divórcio... — Sob que aspecto isto poderia me interessar — replicou Kapitza com impaciência.

Eu alimento ainda dúvidas, mas a atitude de Kapitza mostra que não se deixará mais interrogar. Não é um milagre que ele tenha

confiado em mim, revelando-me sua vida privada?

Caminhamos agora em silêncio, lado a lado.

— Deixemos isto. Tu também, tua mulher te abandonou e agora não é mais que um semi-homem. Estamos quites!

SOBRE 31 ESTRELAS SE ABRI- GAM 9 CIDADES ATÔMICAS

O hotel já está à vista, mas eu não posso deixar de arriscar uma última pergunta:

— Porque não trouxe Ana Alexeievna consigo a fim de que ela trabalhasse com o senhor?

— Que faria ela? — interroga Kapitza friamente.

— Não dizem que ela conhece muita matemática?

— Sim. Dizem. E' possível. Mas, que é que ela sabe fazer?

Evidentemente, ele, que é um verdadeiro semi-deus, cria, adivinha, inventa. Mas deve só por isso, pelo fato de ser uma inteligência superior, olhar com tamanho desdém para o resto do mundo? Como este homem deve ser solitário na vida e como deve sofrer!

Chegamos finalmente ao hotel, onde todos já se acham de pé e se preparam para almoçar. A conversa ainda não está muito animada, mas Ioffe o «proton carregado de sorriso» lá se encontra, e por isso as coisas devem mudar de aspecto.

Após a refeição, a douta assembléia começa a trabalhar. Quanto a mim, tenho muito o que fazer e

não posso dar aos meus companheiros mais que alguns minutos de atenção. Iniciam-se as discussões. De dois a dois os grupos se separam. Depois se reúnem novamente. Kapitza e Ioffe, consultados ininterruptamente por todos, devem dar seus pareceres, eliminar as diferenças e conciliar as opiniões.

No primeiro dia, a conferência dura cerca de dez horas. Ninguém faz anotações, o que não deixa de me surpreender.

Permanecemos por mais dois dias em Koutchoug; depois partimos para Baku a fim de atingirmos Magnitogorski no sul dos Urais. Em seguida voltamos à região do mar Cáspio para continuar pelo Turquestão, Kasachtan, Sibéria Meridional, Baikal-Ankara, Mongólia Exterior, onde, DE DIREITO, somos considerados estrangeiros. Finalmente, ganhamos o Extremo Oriente.

Nossa viagem dura cinquenta e três dias. Kapitza e seus colaboradores têm em vista trinta e um estabelecimentos. Dessas trinta e uma «Estrélas», em apenas nove veremos nascer e crescer as «cidades atômicas». As outras não são mais que pontos de apoio, de importância secundária.

Quando chegamos à terceira «Estréla», o correio se nos apresenta...

Nada mais habitual, nada mais normal na Rússia Soviética do que um estafeta. Eles são tão numerosos que quase ninguém lhes presta atenção, muito embora seus po-

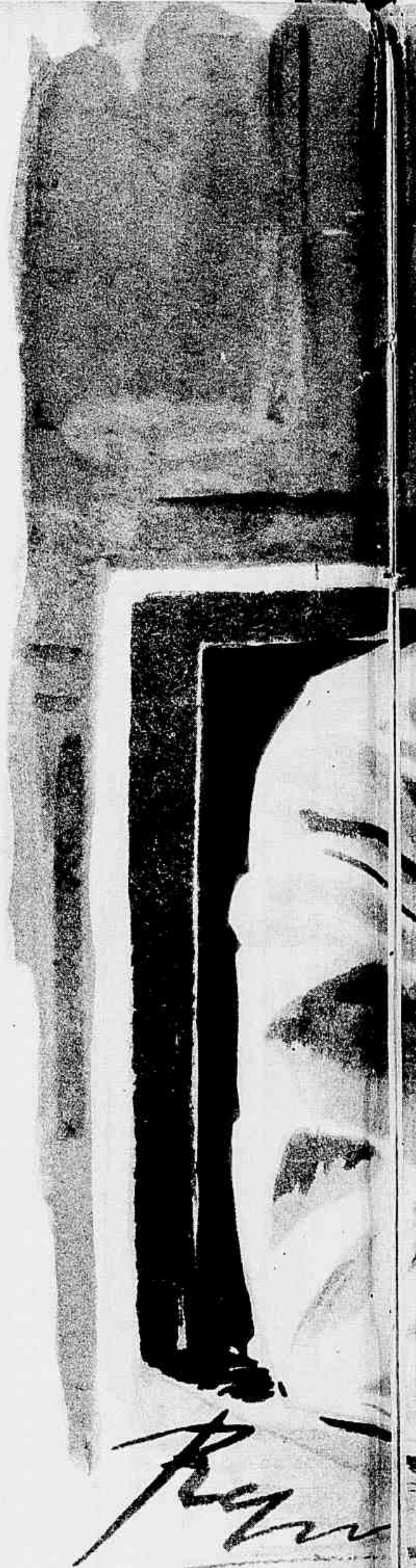
deres sejam bastante amplos. Dê-se modo, se um ministro ou qualquer funcionário graduado já estiver instalado em sua poltrona no avião, deve ceder seu lugar sem discutir ao estafeta que o exigir. Existem mensageiros especiais do Politburo, do Conselho de Ministros, assim como de outros organismos burocráticos...

Mas todos já estão habituados a eles; por isso, ninguém lhes dá mais muita atenção.

Coisa curiosa: ao fim de cada visita a uma «Estréla», aparece um mensageiro, como por obra da magia. De onde vem? Aonde irá? E como? Ninguém sabe e nem ousa perguntar.

Kapitza se isola prolongadamente com esses mensageiros num quarto privado ao abrigo de toda indiscrição, e dita interminavelmente. Kapitza tem uma memória extraordinária.

Nossa viagem torna-se mais e mais difícil. Alguns do nosso grupo resistem muito mal à fadiga e aos rigores do clima. Ao fim de





cinco semanas, aquele que se chama «Grendhal» e Sabourov devem ser substituídos. Essa substituição se efetua sem dificuldades, em Utká, ao norte dos Urais, a 16 graus abaixo de zero. Todos mostram sinais bem evidentes de esgotamento, exceto um único, Kapitza. E este é vários anos mais velho do que Sabourov que teve de abandonar o seu posto.

Teria o nosso honrado colega russo a obrigação de levantar para nós o véu que ainda encobre um dos mais profundos e angustiantes mistérios da natureza: as formigas espirram?

Tal foi a pergunta, acompanhada de risos estertóricos, que fizeram ao geólogo russo, Vladimir Obrutchev, quando ele ousou declarar em 1908, ante a Sociedade Real de Geografia, em Londres, que havia constatado, em duas regiões da Ásia Central a existência de minerais rádio-ativos. Houve uma trovada no auditório. Obrutchev não levou a mal a brincadeira e replicou que se empenharia em respon-

der a pergunta, o que faria dentro dos próximos trinta anos. Mas a anedota ficou.

Trinta anos mais tarde, no mês de março de 1938, festejava-se na Rússia o septuagésimo quinto aniversário de nascimento de Obrutchev, membro da Academia de Ciências. Seu nome já se havia tornado mundialmente famoso. Poucas são as sociedades geológicas que não contam o nome do sábio entre os seus membros de honra.

A festa se realiza num dos maiores salões de Moscou. Stalin encontra-se presente. O velho Obrutchev, devido à sua má saúde, não pode assistir à cerimônia, mas recebe uma delegação que lhe leva uma saudação do governo russo.

Piotr Kapitza usa da palavra em nome da Academia Pan-Russa. Foi este o único discurso que ele já mais pronunciou.

— Permita-me, querido Vladimir Afanasievitch, oferecer-vos um presente, testemunho perfeito da amizade que vos dedicamos. É de segunda mão, conta trinta anos de

idade, e me foi remetido pelo grande físico Rutherford.

Kapitza recorda a brincadeira sobre as formigas. E acrescenta:

— Trinta anos agora são passados e a ciência dá a sua resposta: Sim, as formigas realmente espirram! Mas tão forte mesmo que a terra estremece. Em todos os tempos da ciência do mundo, buscase fervorosamente. Todos querem saber o que elas poderão fazer...

O velho está emocionado mas quer dissimular com uma brincadeira:

— Era uma vez duas terras — diz ele. — Duas mulheres e dois nomes. Ou duas espécies. Duas vezes durante dois anos eu deveria, por conta de duas coroas, procurar essas duas mulheres. Mas dois nobres animais — cães — daqueles que não têm dois pés me impediram...

Ninguém da assistência compreende. Mas todos sorriem. Julgam que o velho não está longe da infância. Chegam mesmo a aplaudir-lo.

Duas horas mais tarde, André IDANOV (foi ele um dos primeiros a felicitar Obrutchev) presta contas a Stalin e leva a este a palavra do velho sábio.

— Ele está muito velho — conclui ele pensativo — mas tem tudo na cabeça e isto deve ter um sentido quebrado. Eu lhe remeto a ordem de Lenine quando Ioffe e Kapitza se fazem anunciar. Que entende ele por essas duas mulheres? Devo pedir-lhe explicações Koba?

Stalin não responde imediatamente. Reflete.

— Temos todo o tempo. Uma coisa, porém, é certa: Se Obrutchev, com os limitados meios de investigação de que dispunha há trinta anos passados, encontrou nessas regiões, minerais rádioativos, é porque eles devem ser particularmente ativos. E nós sabemos o que fazer, não é verdade? O problema é procurar essas duas mulheres, primeiramente no mapa.

(Continua no próximo número)

O HOMEM E O TRAPÉZIO



ZARCO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

ESTA era a segunda visita incorporada da seção de Compras e Vendas da EMPIRE S.A., desta vez, porém, havia nova disposição de seus elementos, que, a levar-se em conta, mostrava claramente o preenchimento das duas vagas que Otávio deixara. Boa pessoa o dr. Magalhães: cuidara do seguro de vida de Otávio, amparava Teresa, ludibriada em seu amor, agora desancorava o homem fracionário. Otávio não imaginava receber tamanha atenção, mas a tragédia causa sempre revolta aos espectadores por sua inexorabilidade, e cada um propõe solução menos dramática, esforçando-se em amenizar o desfecho. Cada homem é autor de um pedaço do mundo e, quando não lhe é dado o encargo de montagem, insinua-se no ponto: acrescenta vírgulas, modifica falas, apressa o ritmo, buscando criar na deturpação.

Dois ex-companheiros ladeavam o gerente: Pigmalião e Teresa. A sucessão numérica, a disposição dos retratos estabelece o primado de uns sobre os outros, e podemos lê-los como um organograma, estudando as relações estabelecidas entre os elementos. Pigmalião, à direita subserviente, tímido para com o chefe, enfrentava Otávio com pose nova em que tentava manter ereta a espinha, adquiria o hábito de olhar os menores nos olhos, arrogava-se o direito de apartear de vez em quando. À esquerda do dr. Magalhães, Teresa sustinha os olhares do gerente, fitava além da janela fugindo aos olhos de Otávio, era o ponto de revolução da dança mímica do gerente que amontoava os arrazoados da visita.

— Senhor Otávio. As Empresas Imobiliárias Reunidas Escol S.A. não podem deixar de trazer-lhe as manifestações públicas de seu agradecimento por seu zelo funcional. Causou-nos profunda emoção a carta que o senhor nos dirigiu, renunciando à chefia da Seção de Compras e Vendas, seção esta que, durante sua gestão, atingiu, verdade é que se diga, a culminâncias não antes alcançadas. Compreendemos perfeitamente o

choque emocional do companheiro, tão duramente atingido pela fatalidade mas queremos confirmar nossa solidariedade. Seus companheiros, nós aqui presentes, desejamos contribuir mais efetivamente para sua reabilitação, por isso fazemos-lhe entrega, nesse momento, desta cadeira de rodas, fruto do espírito de colaboração de seus colegas.

— Muito obrigado, meus amigos. Não sei como agradecer-lhes tamanha bondade.

Não, não era comoção pela generosidade da Seção de Compras e Vendas, era a visão de seu ridículo que lhe mareava os olhos, era a imagem de sua impotência de movimentação. A cadeira de rodas era mais real que as pernas ausentes, que não via, palpável como não o fora o desastre insensível. O ambiente do hospital não o deprimia, mas a cadeira de rodas mostrava, na frieza de seus metais, toda sua inutilidade; era mais escravo, mais subserviente que Pigmalião. Já não era fração no conteúdo exato do termo; tornara-se esdrúxulo; agora era número misto fração imprópria.

O dr. Magalhães intrometia-se na peça, modificara o roteiro, adaptava o desfecho de maneira sutil, buscando para si parte preciosa no drama. À esquerda, Teresa fugia os olhos através da janela aberta, sem contemplar Otávio, negaceando a resposta.

Otávio contemplou a cadeira com curiosidade, buscando apreender todo o mecanismo rígido. Já não chegaria à Madalena, teria que ser conduzido até ela; nunca mais estariam sòzinhos no restaurante modesto onde o violino do homem de negro diluía-se em sons de queixa... Quem o conduziria até ela?

Refêz-se o círculo. O dr. Magalhães preocupava-se disfarçadamente com Teresa, cedendo-lhe o caminho, demorando-lhe nos olhos; Pigmalião preocupava-se com o dr. Magalhães. A cadeira de rodas era real e fria, e Otávio lembrou as pernas distantes, perdidas com Madalena, a Seção de Compras e Vendas, Teresa...

CAPÍTULO XIV

O NECROTÉRIO

DESCOBRIA agora o resto do hospital. Edson era o capitão das novas conquistas, conduzia sua cadeira de rodas pelos corredores e pátios. Otávio, no seu modo metódico, planejou o edifício: três blocos construíam o Z, três andares cada um, largas escadas conectando-os e cinco elevadores — o dos médicos, o dos visitantes e três para o serviço. A enfermaria que ocupava era no terceiro andar, na perna inferior do Z, a perna oposta era o pavilhão das mulheres; o tronco do Z destinava-se à administração, sala de internos, a capela e o necrotério.

Dolorosa a visão da morte. Otávio já passara ante o necrotério algumas vezes, mas não lhe causava arrepios quando vazio, as duas mesas de mármore despidas, sem sombras artificiais, sem a insinuação de frio e isolamento. Mas, hoje, a mesa trajava linho branco velas equívocas derramavam sombras dançarinas no chão de mosaico, e um corpo inteiriçado voltava para o teto a face escondida sob o pano branco.

Porque se acendem velas para os defuntos? A viagem só possui uma rota, e não são necessários faróis para acidentes já ultrapassados; talvez o desejo de fixar um marco no mundo que fica, corporificando a secreta esperança de regresso. As velas eram a cópia micronétrica dos quatro pontos eternos; o norte estava consumido, o leste extinguiu-se em semitons de amarelo — era o vento que se intrometia pela porta larga — o sul recomeçava, e o oeste acabava de ser redescoberto pela moça de azul-pálido. Repetiam-se os quatro pontos do tempo de menino, viriam depois os quatro cantos do quarto onde Madalena se abandonava, as quatro paredes da enfermaria — o Cristo ao norte. Ali estavam os quatro pontos cardeais da orientação inútil dos que só possuem um caminho.

O ritual era estranho, obcecava-o. Todos os que chegavam dirigiam-se

com passos metrificados ao centro do necrotério, estacavam ante a imensidade da mesa de mármore, descobriam o rosto oculto sob o pano branco (porque é sempre branco o véu dos mortos? O que buscam esconder aos olhos que nada vêem?), e regressavam pesarosos após olhá-lo por alguns instantes. Mas deixavam algo junto ao morto, ou traziam alguma coisa dele; seus olhos ficavam lá, além do pano branco completados no mistério a que assistiam. Não era apenas apreensão que traziam, parecia que a visão daquele rosto lhes comunicava mensagem difícil de decifrar — estagnação ou repouso.

Otávio desviou o olhar para a imagem colorida ao fundo da sala. Poucas diferenças entre o Cristo fixado a pregos e o homem horizontal: a substância era a mesma, somente diferiam as posturas e os continentes. Os braços da cruz davam impressão de asas abertas para o vôo da libertação, a pedra fria absorvia o calor do corpo; o Cristo tinha a posição de quem saltava sobre o abismo da morte, o homem deitado necessitava de impulso. Ele também não possuía pernas que o ajudassem na elevação, não teria ponto de apoio para o lançamento.

— Vamos embora, Otávio; este cheiro de espermacete embrulha-me o estômago.

Olhou o pano branco no rosto do morto; quando morresse fariam o mesmo. Queria descobrir a mensagem oculta, aprender o significado do mutismo teimoso, decifrar o equilíbrio daquela estabilidade. Restava erguer o véu branco e ler na face desconhecida.

— Vamos embora, Otávio; não estamos muito longe disso.

Madalena seria velada da mesma maneira; não esconderiam o sorriso eterno da promessa de beijos, o decote ousado por onde mergulhavam os olhos ansiosos de satisfação...

— Vamo-nos, Edson; meu dia de descoberta chegará também.

(Continua no próximo número)

A CADEIRA DE RODAS ERA REAL E FRIA, E OTÁVIO LEMBROU AS PERNAS DISTANTES, PERDIDAS...

GASPARINO DA MATA

JORGE DE CASTRO



O CARDOZINHO

◆ A figura mais impressionante, mais fabulosa que conheci em toda a minha convivência com escritores e artistas-plásticos, foi o velho Cardozinho: J.B. de Cardozo Jr. — Pintor — como costumava assinar os seus curiosos e divertidos quadros. O «seu» Cardozo, era, ao que parece, filho de gente modestíssima. Os pais morreram, com toda a tripulação de um pequeno barco que transportava sal, nas costas do Cabo Frio. E só ele escapara: ele e um cachorro! Assim, o naufrago de cinco anos, órfão de pai e mãe, foi cair nas mãos de um velho conde, que o adotou e educou como filho. A verdade sobre o começo de sua vida pode ser outra, mas isto foi o que ele me contou...

Eu já o conheci quando ele estava aposentado, com seus setenta e tantos anos. Era baixinho, meio atarracado; usava um indefectível casaco de alpaca, faixa e calça de listras. E os sapatos de verniz, com polainas, como se pode ver nesta foto tirada no atelier de Portinari, nas Laranjeiras. E o que sempre admirei nele, era a sua fidelidade, a sua perfeita sintonia com o seu tempo. Um novecentista ferrenho! Basta dizer que só andava de bonde!

O velho Cardozinho costumava vir almoçar com Portinari todos os domingos. E após o al-

môço, se a gente jogasse o «burro», ele distribuía umas «balas» que trazia infalivelmente consigo. Mas se não houvesse jogo, ele não distribuía as balas. Aí punha-se a discutir com o Mário de Andrade. As discussões mais gozadas que já presenciei em toda a minha vida! Pois o velho Cardozinho, talvez devido à sua criação, acreditava piamente na existência do inferno. E de diabos com chifres, rabos e tudo, expelindo fogo pelas narinas... Às cinco horas, puxando um belo «cebola» de prata, dizia para os circunstantes: «Bem, os senhores me desculpem...» A gente insistia para que ele ficasse mais um pouco. «O senhor toma um lotação, sr. Cardozo». Mas ele, olhando para o bicho, replicava solene: «Eu levo uma hora para chegar à cidade». E lá se ia pegar seu bonde... Os Portinari naquela época, estavam morando no Leme.

A primeira exposição do Cardozinho, se não me engano, foi no Palace Hotel, patrocinada pela Associação dos Artistas Brasileiros. E com ele expôs também o Ernâni do Irajá. Vocês podem imaginar o ridículo da coisa... O Ernâni do Irajá, com quadros enormes, de mulheres nuas... E o Cardozinho, com seus quadros di-

minutos, quase miniaturas... Eu o auxiliei a vender um à senhora Paulo Prado. E calculem vocês, que ele pediu pelo mesmo, 300 mil réis. E ainda me perguntou, diversas vezes, cheio de escrúpulos: «Você não acha que está muito caro, hem menino?» Era como se falasse em 30 contos!...

E o mais curioso é que todos os seus quadros, copiados com uma extraordinária, uma fenomenal paciência, de figuras de jornais, de revistas e cartões postais velhos, tinham uma história... Vejamos: «O marinheiro solitário ou o adeus das sereias». Era um navio com a bandeira brasileira desfraldada, singrando os mares. E na praia, um bando de sereias, de nádegas à mostra, dando adeus para um solitário marinheiro, na pôpa. «O pecado do reverendo», era um padre atrás de uns rochedos, vendo um grupo de moças tomando banho... As moças, não estavam despidas, mas vestindo aqueles maiôs horríveis zebrinos. Uma delícia de ingenuidade, o pecado do reverendo...

Um dia levei o Lincoln Kirstein, do Museu de Arte Moderna de Nova York, ao atelier do «seu» Cardozinho. O MAM queria comprar-lhe um quadro. Os preços, como vocês todos sabem, eram módicos. Variavam geralmente entre 100, 200 e 300 cruzeiros. Mas havia um de 500! Estranhei... Era um retrato do pintor, tendo ao fundo uma vista do Pão de Açúcar. Aproximei-me do velho e perguntei, em voz baixa, intrigado: «Mas por que este quadro é mais caro que os outros, «seu» Cardozo?» O bom velhinho, com a maior ingenuidade deste mundo, deu-me a seguinte explicação, explicação séria, bem de acordo com a sua maneira de pensar, porém risível: «Meu filho, repare a posição difícil, em que se colocou o artista...» E' que na sua cabeça, segundo a sua maneira de pensar, o quadro devia ser mais caro pela seguinte razão. O artista (neste caso ele), para o pintar, havia-se colocado em posição de perigo de vida! E fôssem convencê-lo do contrário!

Aqui está uma outra curiosa explicação para um dos seus mais ingênuos e deliciosos quadros. Acho que ele o intitulara «Natureza Mista». O quadro representava uma fruteira cheia de ovos. Na janela, pendurada, uma gaiola com um canário belga, bem gordo e amarelhinho. Ao pé da mesa, preso, amordaçado com uma coleira, um gato listrado. Eu estranhei, pois nunca vira em toda a minha vida gato ser amordaçado, como cão, e preso ao pé da mesa... O ingênuo e crédulo Cardozinho então justificou: «Meu filho, este gato é um bicho de maus instintos. E tem parte com o diabo! Agora, veja: se este demônia pula em cima da gaiola para comer o canário... O que acontece? Derruba a fruteira, lá se vão os ovos. Assim, tem que permanecer amordaçado». Aí está a explicação!...

O mais estranho é que ele desenhava tudo chapado, sem profundidade. Os bichos ficam todos olhando para a gente, com um olhar humano...

O Cardozinho era fabuloso! Imagine que estava escrevendo um romance. Um romance, por sinal, muito dúbio... Escrevia tudo a mão em cadernos escolares, dêsse com o mapa do Brasil na capa. E com uma letrinha redonda, bonita, bem talhada. No final de cada capítulo, desenhava uma roseira... uma florzinha... A história era a seguinte: dois adolescentes — um rapazinho e uma mocinha, se conheciam. A mocinha era apaixonada pelo rapazinho, mas não lhe dava atenção. Acontece que um dia a mocinha cortou o cabelo... E apareceu «à la garçon», mais parecendo um rapazinho... Então o companheiro, por quem ela vivera em vão apaixonada, de repente se toma de amores violentos por ela... Onde andarás esse curioso e

ingênuo manuscrito? Eu daria a vida para tê-lo comigo! Que preciosidade!

Sendo êle próprio pintor, freqüentando assiduamente o atelier de Portinari, qual seria a sua opinião sobre a pintura do mestre revolucionário? Uma vez que o vi chegar e curvar-se, para olhar um quadro, perguntei: Qual tal, «seu» Cardozo? Ele muito discreto, correto nas suas opiniões, limitou-se a responder: «Bem, o mestre sabe o que faz...» E foi lá para dentro discutir sobre o inferno e o diabo com Mário de Andrade.

A mais gozada do «seu» Cardozo é porém esta, que ia me esquecendo de contar: todo carnaval, êle se metia no velho dominó negro e saía à rua. Para quê? Para dizer «perfidias finas» às senhoritas! Coisas da primeira década deste século, a que o velho e curioso pintor se habituara, e em cujo clima ainda vivia e respirava, apesar dos avanços da civilização, avanços que parecia ignorar...

CRAVOU O SANTO

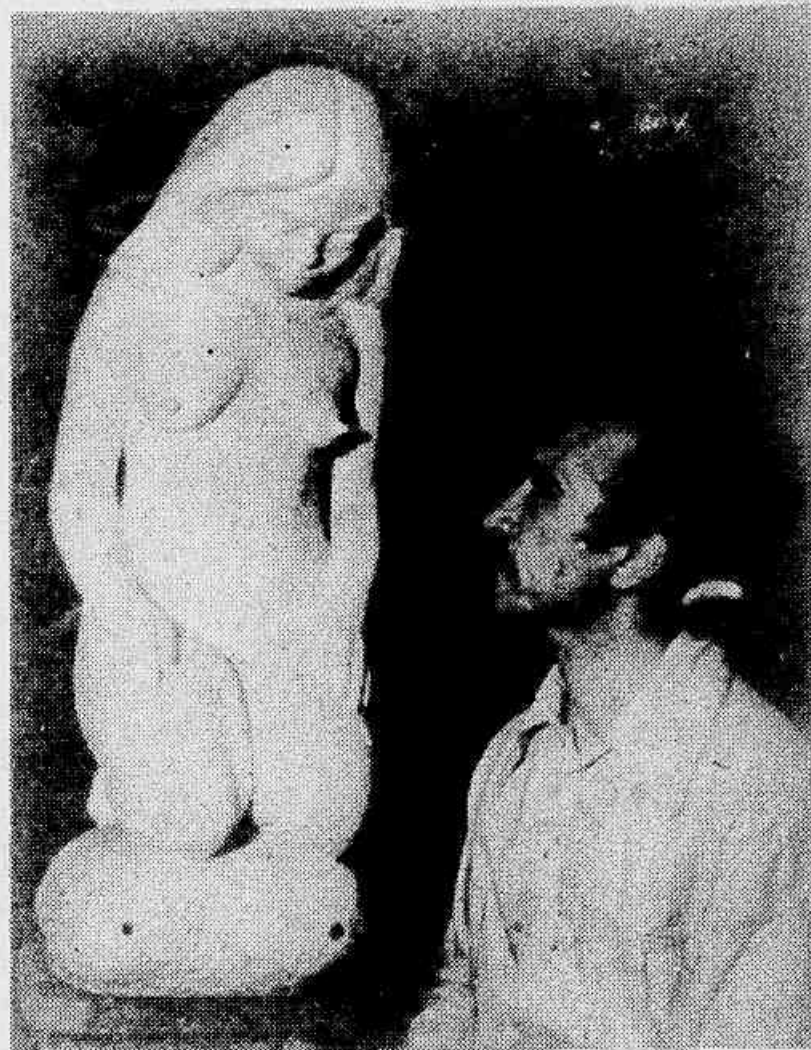
♦ A família Lopes de Almeida morava na rua Almirante Alexandrino, um pouco antes do Curvelo, em Santa Teresa. Todos na família — a d. Júlia, o Felinto, as duas meninas — a Margarida, principalmente, eram muito prendados. Cada um fazia alguma coisa. E recitava-se... Havia umas tardes de arte, com uma atmosfera assim meio de tragédia grega... A elas fui muitas vezes, acompanhando minha irmã mais velha, que era amiga das meninas. Assim, muitos anos mais tarde sabendo que a Margarida estava em Paris tirando um curso de escultura, fui visitá-la. A declamadora recebeu-me com muitas festas, e convidou-me para o «vernissage» do Salão de Outono, onde ela tinha um trabalho. Aceitei o convite, muito sensibilizado... O que eu ainda não sabia, nem vocês talvez saibam, é que a êsse salão pode concorrer qualquer mestre ou aluno — quem quer que se julgue artista, e tenha algum trabalho a mostrar... São quase quatro quilômetros de barbaridades! O curioso é que ao chegar o solene momento da abertura do salão — o «vernissage», os pintores prontamente começaram a passar, nos quadros, o verniz simbólico... E os escultores, que faziam? perguntei com meus



botões. A Margarida deu-me a explicação: pegando uma das setas do seu trabalho — um São Sebastião pavoroso, sorriu para mim e zôs! cravou-a no pobre santo, que depois veio parar num nicho da nossa Câmara Municipal.

O SEXO ATRAPALHOU

♦ O escultor Celso Antônio tinha o seu atelier instalado em baixo do edifício em construção do Ministério da Educação, bem no local onde hoje está funcionando provisoriamente o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O escultor, que sempre teve mania por Astrologia e mulheres exóticas, era muito pouco do trabalho... Assim, passava a maior parte do seu tempo ouvindo rádio, divertindo-se com os seus modelos e fazendo o horóscopo dos amigos. E como estavam em plena efervescência artística, com a construção do revolucionário edifício, alguém achou que o escultor podia encarregar-se de fazer um trabalho... Um homem sentado, que simbolizasse o brasileiro. E como tal, dentro das características etnológicas da nossa misturada raça... O Celso Antônio prontamente aceitou a encomenda. E meteu mãos à obra! O escultor sempre fêz excelente miniaturas, coisas pequenas... Mas os mesmos trabalhos, uma vez ampliados, davam dores de cabeça. O tal homem sentado deu uma das maiores. Vejamos. A escultura, que seria colocada onde se acham hoje as duas figuras de adolescentes, teria obrigatoriamente que ser vista, tanto de baixo, pelos transeuntes, como principalmente do alto, pelas funcionárias... E uma vez a estátua ampliada para doze metros... de que tamanho não seria o seu sexo? Assim, resolveu-se substituir às



pressas o homem brasileiro, em pêlo, e em pleno vigor de suas características, pelas atuais figuras do escultor italiano Bruno Giorgi. E o pobre do Celso Antônio levou na cabeça; como levaria também, alguns anos mais tarde, com outra estátua — a do trabalhador brasileiro.

O BOMBEIRO

♦ Athos Bulcão, pintor mineiro recém-chegado ao Rio, procurou-me na minha primeira exposição fotográfica, no Palace Hotel. E fizemos excelente amizade. O talentoso artista, que foi um dos iniciadores entre nós da pintura abstrata, anos mais tarde, abriu sua primeira exposição. E foi, sem dúvida alguma, a mostra mais bem organizada, a mais perfeita e bem cuidada que um jovem pintor brasileiro já apresentou entre nós. O sucesso artístico (não sei do financeiro!) foi tamanho, que durante semanas só se falava na exposição de Athos Bulcão. Mas depois perdi-o de vista! Uma tarde, estava eu no meu apartamentozinho muito sossegado, quando o jovem pintor mineiro me apareceu... E pediu-me para tirar-lhe urgente umas fotografias. Alguma coisa exótica, para ilustrar uma reportagem, ou coisa que o valha. E como eu havia recebido de presente um quimono muito bonito do Raul Bopp, que acabara de chegar do Japão... Vesti o Athos no dito e fiz as fotografias. A reportagem saiu, o artista fêz um sucesso bruto, dentro daquela curiosa indumentária... Meses mais tarde uma revista japonesa publicava a fotografia, com a seguinte legenda: «Um dos componentes do recém-formado Corpo de Bombeiros



japoneses, da progressista cidade de São Paulo, Brasil». E o Athos, que tirara a foto vestido num autêntico quimono usado pelos bombeiros japoneses, teve que engulir a pílula calado!



Um aspecto da solenidade quando falava o dr. Jair de Oliveira, vendo-se presidindo a mesa o dr. Cleantho de Paiva Leite, chefe de Gabinete e representante do ministro da Viação. Em baixo: Parte da assistência, aparecendo da esquerda para a direita o dr. Gontram de Souza, vice-diretor da Central, sr. Teodorick de Almeida, oficial de Gabinete do ministro da Viação, a esposa e a filha do dr. Jair de Oliveira, diretor da Central, o cel. Naldir Laranjeiras Batista, diretor da Leopoldina, e altos funcionários da Central do Brasil.



ção dos governos uma desordenada concorrência entre o rodoviarismo — amparado, em largo período, por excepcionais facilidades cambiais e pelas pressões políticas — e as estradas de ferro que envelheciam e se depauperavam sob pernicioso regime delicitário progressivo e resultante dos males citados, agravados por um sistema artificial de tarifas protecionistas e demagógicas. Mostrando os resultados práticos de sua atividade na direção da Central, o conferencista informou que se encontram concluídos os pátios das estações da linha de Paraopeba e já iniciadas as obras de remodelação da Estação de Conselheiro Lafaiete e para a construção de uma terminal de cargas na Esplanada de Ararat, na Ponta do Caju, perto do Cais do Pôrto. Também aludiu à remodelação da Via Permanente da Linha do Centro, dizendo da necessidade de maior número de locomotivas elétricas e diesel elétricas, ressentindo-se o país da falta de um parque de locomotivas eficientes, capazes de eliminar o congestionamento.

Sobre esse tradicional problema, frizou o dr. Jair de Oliveira que dentro de 30 dias haverá novo horário para os trens suburbanos, aproveitando-se unidades recém-chegadas e trazendo, em consequência, à tarde e à noite, enorme descongestionamento da gare de D. Pedro II, o que virá trazer maiores facilidades para as pessoas que regressam aos lares, após o trabalho diário.

Terminou o conferencista, após agradecer ao ministro da Viação a colaboração e compreensão na solução dos problemas da Central e ao chefe do Governo o apoio integral à sua administração, declarando que durante a sua gestão houve uma melhoria de 80% no rendimento dos transportes pesados e já conseguiu uma elevação de 2,8 milhões de cruzeiros para já quase 11 milhões na arrecadação diária, ao mesmo tempo que baixou de 3.000 o número de servidores existentes, com uma economia anual de 370 milhões de cruzeiros, deixando de preencher as vagas ocorridas.

UM PROGRAMA DE TRABALHOS NÃO INTERROMPIDO

A Conferência do Diretor da Central do Brasil no Clube da Engenharia

FAZENDO um rápido balanço das atividades desenvolvidas durante a sua gestão à frente da E.F.C.B. e analisando objetivamente os seus principais problemas administrativos, o dr. Jair de Oliveira, diretor da nossa mais importante ferrovia, pronunciou no Clube de Engenharia, no dia 21 de setembro p.p., uma notável conferência sobre a situação das nossas estradas de ferro, acentuando que todas as iniciativas em favor do desenvolvimento econômico do país encontram barreiras quase que intransponíveis na precária rede de transportes. «O grande mal de nossas Estradas de Ferro tem sido a falta de continuidade administrativa e a ausência de um programa básico», declarou o dr. Jair de Oliveira, bastante aplaudido pela assistência, em sua palestra, ao encerrar o Ciclo de Conferências, promovidas pelo Ministério da Viação e Obras Públicas. Historiando as principais dificuldades encontradas durante a sua administração que, fato inédito na E.F.C.B., atravessou 7 períodos ministeriais e 4 governos sucessivos, sempre recebendo o mais irrestrito apoio das autoridades governamentais, disse que durante 30 anos desenvolveu-se, sem a suficiente aten-

Outra vista da assistência, destacando-se o dr. Andrade Sobrinho, chefe de Relações Públicas da Central, o dr. José Moacir Lamarca, tesoureiro da Central e o cel. Ernani José dos Santos Júnior, vice-diretor da Leopoldina.



O POETA DA EQUIPE DE NASSAU

NASCIDO na Amsterdã de 1596, recebeu Elias Herckman esmerada educação. Possuía talento e vontade. Amplo trabalho bio-bibliográfico foi sobre ele publicado pelo seu conterrâneo J.A. Worp. Exaltou-lhe Barlaeus a ação junto de Nassau e no mapa das PRAEFECTURAE DE PARAIBA ET RIO GRANDE refere-se à expedição que comandou às supostas minas auríferas de Capaoba. Dêle traduziu o dr. José Higino Duarte Pereira, em 1886, a DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DA PARAIBA — pela primeira vez publicada em holandês na «Chronica do Instituto de Utrecht». Em estudo publicado, em 1906, na «Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano», largamente apreciou-lhe os méritos o historiador Alfredo de Carvalho. Marinheiro, no verão conduzia Herckman produtos da Holanda para portos russos. No inverno, porém, cultivava as letras. Daí ter dado ao teatro, em 1624, A BATALHA DE FLANDRES e, três anos depois, uma tragédia: ASSÉDIO E DESTRUIÇÃO DE TYRO. Em 1631 terminou A TROMBETA DA VITÓRIA SUECA, poema épico em seis cantos. Depois, foi a RELAÇÃO HISTÓRICA DOS TUMULTOS PROVOCADOS NO IMPÉRIO DA RÚSSIA POR DEMÉTRIO IWANOWITCH. De 1634, data o ELOGIO DA NAVEGAÇÃO — seis cantos épicos — onde, no V, trata dos feitos da Holanda no Brasil. Teve a obra uma ilustração de Rembrandt e valeu ao autor a amizade de Huyghens, a quem dedicou um ano depois o ELOGIO DOS CALVOS.

Foi nesse ano de 35 que Elias Herckman abraçou o serviço da poderosa Companhia das Índias Ocidentais e para o Brasil veio. Um ano depois, viu-se nomeado governador de Itamaracá e de Goiana. Em seguida, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Foi no derradeiro dia de julho de 1639 que ele terminou, em Recife, a DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA PARAIBA.

x x x

Dessa Paraíba — *água má — mar corrompido — porto mau para se entrar* no tupi — traça os limites com Pernambuco e o Rio Grande do Norte. Descreve os conventos dos franciscanos, dos carmelitas e dos beneditinos. Fala das seis igrejas e dos Engenhos existentes. Enumera a aldeia indígena de Joakaka — que traduz como *abraça-me* — e da de Pandaúna. Gaba a fertilidade da terra e a excelência da pimenta. Pinta os Tapuias como «robustos e de grande estatura, ossos grossos e fortes, cabeça grande e espessa», sempre nus, em «vida bestial e descuidosa». Viveriam assim cento e cinquenta, cento e sessenta, duzentos anos. Mas as mulhe-

res eram de baixa estatura. Refere-se provavelmente aos Kariris. Fornece uma curiosa informação: a de que a Baía da Traição era, na língua geral Tibira Caiutuba — *cajual da sodomia*. Cinquenta anos antes, no «Tratado», diz Gabriel Soares que os Potiguares chamavam «Acajutibiró»: — *caju amargo*.

Corriam tanto os Tapuias — afirma — que ultrapassavam um cavalo a galope. Eram, por isso, inextinguíveis na perseguição do inimigo. Comiam muito e nunca marchavam em ordem: corriam sempre desordenadamente. Entre gritos das mulheres e crianças, celebravam os casamentos — o que significava «júbilo e honra». Mas em seguida — listrados do azul do genipapo e do rubro do urucu — dançavam horas a fio. E, casado, podia o aborígene depois tomar as mulheres que desejasse. Quando morria um *principal* — ou algum de seus filhos, era o cadáver assado e comido pelas respectivas esposas. «Não podia ser melhor guardado ou enterrado do que em seus corpos», supunham. Aos parentes e amigos cumpria rapar a cabeça. Mais tarde, traçou Teodoro Sampaio notável crítica às «Etimologias indígenas de Elias Herckman».

x x x

Na DESCRIÇÃO, também fala esse governador da Paraíba dos litoglifos regionais. Essas pedras com inscrições selvagens foram, depois, descritas pelo padre Francisco de Menezes e por Tristão de Alencar Araripe. As de Coité e as de Pedra Lavrada, que o engenheiro Silva Retumba apreciou em 1886, revestiam-se de maior importância. Numa carta a Huyghes — que o dr. José Higino também traduziu — conta Elias Herckman como, junto do Engenho Santo André, repeliu o bravo Rebelinho e seiscientos homens que o acompanhavam. Fortificou de melhor maneira a entrada do rio Paraíba e, pelos bons serviços prestados aos batavos, foi — à chegada de Nassau — escolhido para capitanear a expedição às supostas minas de Capaoba. Onde ficavam? Admite-se que seriam as jazidas de Cachoeira do Riacho das Bruscas — no antigo termo de Princesa, na Paraíba — que entre 1663-65 o comendador Jorge Tasso explorou com relativo proveito. Depois de despedir-se de Nassau no Palácio da Boa Vista — na Ilha de Antônio Vaz — e após colher do alcaide Manoel Rodrigues informes sobre o caminho a seguir, deixou Elias Herckman a cidade de Recife no dia 6 de setembro de 1641.

EDUARDO TOURINHO

Acompanharam-no cinquenta e três soldados, alguns voluntários e sessenta índios mansos. Atrás da coluna seguiram sete carros de bagagem.

x x x

E os expedicionários avançaram... Nos primeiros dias tudo foi fácil: estradas acessíveis, águas fartas, caças abundantes. Mas pouco depois do *Agreste*, surdiram as primeiras dificuldades. Além, deparou-se-lhes a *Caatinga* e, por fim, o sertão bruto — onde o sol calcinava.

De tal monta foram as dificuldades encontradas que, dentro em pouco, reduzia-se a coluna à metade. Herckman — que traçou a narrativa desses dias trágicos — animava hercicamente os companheiros. Mostrava-lhes certa elevação distante como se fôra Capaoba... Mas o ouro não apareceu, a água faltou, os alimentos minguraram. A 4 de novembro de 41, a coluna dizimada — capitão à frente — reentrou melancolicamente em Recife. No ano imediato, entretanto, foi Herckman escolhido pelo Príncipe para acompanhar Hendrick Brouwer à conquista do Chile. Mas — no Chile — a conduta de Brouwer apavorou os naturais. Ele, entretanto, adoece e morre e a Elias Herckman coube assumir o comando das operações. Ensaçou métodos completamente opostos aos do seu antecessor e transferiu-se para Valdivia. Despachou um navio para Pernambuco pedindo a Nassau reforços com que pudesse enfrentar os espanhóis. Mas suas indagações sobre o ouro indispueram o indígena que se recusou a ajudá-lo na construção de uma casa-forte. O flagelo da fome sobreveio, uma revolta estalou e Elias Herckman foi obrigado a punir com a morte sete dos cabeças do movimento. Anunciou-se, ao mesmo tempo, a aproximação de grande contingente ibérico... Ao conquistador nada mais coube do que regressar a Recife nos três navios que lhe restavam.

x x x

Mas, aí dos vencidos! Ao chegar a Pernambuco, viu-se Elias Herckman responsabilizado pelo malôgro. Nem os desatinos de Brouwer, nem os poucos recursos de que ele dispunha foram sopesados. Viu-se o herói ameaçado de ação judicial... Batido por tantos revezes, cerrou para sempre os olhos, em Recife, a 6 de janeiro de 1644. A Companhia das Índias Ocidentais recusou-se a pagar seus proventos aos credores que os disputavam sófregamente. Mas hoje, em que mais de trezentos anos decorreram sobre tais sucessos, a original personalidade de Elias Herckman — poeta, polígrafo, aventureiro e guerreiro — emerge, redimida, do painel histórico do Brasil Holandês.

Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

LIVROS EM DESFILE

◆ NO INTUITO de colocar à disposição dos leitores um instrumento que lhes possibilite avaliar, de imediato, o valor de um livro, o colunista adotará, a partir de hoje, um sistema de classificação, simples e objetivo. Esse sistema que não é de nossa invenção, porém serve maravilhosamente às nossas finalidades, apenas não será pôsto em prática quando tivermos de noticiar o aparecimento, em tradução portuguesa, de algum volume consagrado, já, pela crítica de outros tempos e lugares. Quanto à seção «Um Livro», continuará sendo feita como até agora, sempre que possível semanalmente, e analisará de preferência livro nacional, de poesia ou ficção. Eis a classificação que de ora em diante adotaremos:

* mau; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom.

GIPSON DE FREITAS acaba de editar, pela casa «Sinal dos Tempos», sua peça «O Papagaio de Deus». Na introdução que escreveu para o monólogo, afirma o autor ter nascido «segundo consta, a 21 de fevereiro de 1922, numa terça-feira gorda de carnaval, na cidade fluminense de Campos». E prossegue no mesmo tom: «Sua grande mestra é a vida: com ela tem apreendido a poder de bofetões, escorregões, surras imensas». Gipson é o criador do Parvinismo, sistema filosófico (assim o nomeia) que se baseia no Ridículo, nas situações tragi-cômicas da existência (Sinal dos Tempos, Niterói, 1956. 16 páginas. Cotação: **).

«DORES DO MUNDO», o famoso livro de Schopenhauer, vem de ser incluído na série «Temas de Nosso Tempo», da Livraria Progresso Editora. Albino Forjaz Sampaio faz a apresentação do livro, que também apresenta boa bibliografia (Progresso Editora, Salvador, 1955. 209 páginas).

POR GENTILEZA de Livros de Portugal S.A., recebemos o sétimo volume do «Diário» de Miguel Torga, que abrange dois anos da vida desse poeta e escritor português que passou a infância e parte da adolescência no Brasil. Esses dois anos, meados de 53 a meados de 55, testemunharam inúmeras viagens de Torga, e entre elas uma ao Brasil, por ocasião do Congresso Internacional de Escritores de São Paulo, em 1954. Também Turquia, Grécia, Itália, Algéria e Espanha foram percorridas, rapidamente embora, pelo escritor, que traça, a respeito do passado e do presente de algumas dessas nações, inteli-

gentes considerações. Também inteligentes, embora discutíveis, as opiniões que expande a respeito do desfecho da imensa crise brasileira de agosto de 1954, que o surpreendeu no Rio de Janeiro. Como nos volumes anteriores, às páginas de prosa vêm misturados poemas, sempre de apurada forma e alguns de grande beleza poética (Coimbra Editora, Coimbra, Portugal, 1956. 206 páginas. Cotação: ****).

NIETA LEX é a autora de «Poemas», livro de estréia. Sua poesia é um brado de revolta, em surdina embora. É uma monodia tristonha, da primeira à última página, com momentos de boa intensidade poética: «E veio a saturação / Passou pelo meu corpo / Como água escura, barrenta / Pegajosa / Mas meus olhos / Continuam presos às estrelas». (Edição particular, São Paulo, 1956. Capa de Clóvis Graciano. Cotação: ***).

O LIVRO de estréia do poeta George Tavares chama-se «Telhados de Zinco» e é apresentado por Álvaro Moreyra. Divide-se em 3 partes: «Telhados de Zinco, A Poesia das Favelas e As Canções das Favelas», mas em todas elas o autor demonstra sua predileção por um mesmo tema: a favela, os seus habitantes, os seus problemas. O tema não é novo, já tendo sido inclusive explorado em romances, de que «Salgueiro», de Lúcio Cardoso, é um exemplo. Em poesia, contudo, ainda não o víamos tratado como o fez esse jovem de tez alva, e cabelos alourados, que parece tão identificado com o cenário dos morros, e mais do que com o cenário, com a psicologia de seus moradores. É verdade que muitos dos poemas descambam ainda para a trivialidade; outros acham-se eivados de lugares-comuns, enquanto que outros ainda ressentem-se de influências excessivas de Manuel Bandeira (em «Drama de Favela», por exemplo), e de Solano Trindade (em «Dúvida»), para só citar as mais flagrantes. A poesia dita social é das mais ingratas, e somente grandes poetas conseguem realizá-la sem concessões ao antipoeético. Porém, não há como negar a existência de certo lirismo na poesia de George Tavares lirismo de que o final do poema «A um Negrinho Atropelado» é bem um exemplo: «Hoje, enquanto a mãe o espera / lá em cima do morro / estes olhos fecharam-se / perdidos para sempre / no perdido asfalto / desta cidade». (Pongetti Editora, Rio de Janeiro, 1956. 119 páginas. Cotação: ***).

UM LIVRO

BRITO BROCA E O 1900

★ BASTARIA O título de pioneiro de certa espécie nova de estudos, entre nós — os relativos à vida literária, a literatura analisada sob o seu aspecto social —, para que aplaudissemos Brito Broca, por seu livro «A Vida Literária no Brasil — 1900», há pouco editado por Simeão Leal em seu Serviço de Documentação. (1) Pioneiro, Brito Broca o é de fato. Porque, se Ciro Vieira da Cunha, Raimundo de Menezes, Waldir Ribeiro do Val e certamente outros escreveram ensaios sobre determinados vultos de nossa Literatura, focalizando por vezes de maneira bastante nítida o meio em que se debateram, apenas Brito Broca teve a intenção de estudar, em primeiro plano, esse meio, aqui e ali realçando, é claro, a figura desse, ou daquele escritor.

Não só pelo pioneirismo, porém, Brito Broca merece nossos aplausos: seu livro é bem arquitetado, repousa em sólido arcabouço de conhecimentos, segue fielmente um método — coisa tão rara, entre nós brasileiros, gente tradicionalmente inimiga da planificação —, método que tem tanto de eficaz quanto de agradável. Por isso, o grosso volume é lido de um trago, como se se tratasse de um romance, e não de um levantamento minucioso, e que facilmente poder-se-ia transformar em um calhamaço intragável, da vida literária dos primeiros quinze anos do século atual.

Dificuldades teve o autor para conceituar o que de fato constitui o 1900, no Brasil. Em França, sob essa denominação está compreendido o período de vinte e cinco anos que vai desde os princípios da última década do século 19, até ao tiro de canhão que inaugurou a guerra de 1914. Brito Broca, que se baseou em modelos franceses, viu porém que, para o Brasil, esse esquema teria de sofrer ligeira modificação. Porque, se a mentalidade 1900 terminou, tanto cá como na Europa, com os primeiros estertores da Grande Guerra, seu início, no Brasil, chegou com atraso de dez anos, diretamente de Paris. Caracterizou-se, o 1900 brasileiro, pela remodelação do Rio de Janeiro, encetada pelo prefeito Pereira Passos e por seus engenheiros, pela abertura da avenida Central e pela demolição de tantos pardieiros velhos vindos dos séculos passados. Essa

A R T E S

Uma opinião de Miguel Torga

◆ No sétimo volume do Diário do português Miguel Torga, encontramos, à página 38, uma nota datada de Roma, 4 de setembro de 1953: «Na Sixtina, mais uma vez. E parece-me compreender, finalmente, o drama de Picasso. Depois disto, o que? Só a pintura do feio, do monstruoso, do grotesco e desarticulado. Com semelhante gênio e semelhantes mãos, quem é que honestamente se resignaria a repetir formas já conseguidas, e ser o epígono duma Renascença que esgotou praticamente o harmonioso possível? Para ser digno de si e do nosso tempo, o andaluz só tinha um recurso: desenhar às avessas, inverter os valores, baralhar as tintas. Distender as formas para além dos limites da elasticidade, trazer à tona das fisionomias a impudica nudez do invisível, acrescentar aos olhos filológicos do corpo os olhos policiais da alma. E não hesitou. De resto, as próprias circunstâncias sociais lhe apontavam o caminho a seguir: testemunhar o desespero deste mundo caótico que nos coube. O mundo simultâneo, multifronte, despedaçado, atomizado do momento, que Miguel Ângelo, se visse, documentaria noutra Sixtina, pintando, em vez dum Juízo Final uma Guernica Final». O pequenino trecho acima nos recordou aquele, de vários anos anteriores,

escrito por Fra Pellegrino Antônio Orlandi em seu «Abecedário Pictórico», publicado em Florença, em 1788, e referente ao pintor Jheronimus Bosch: «Fu pittore di profondo, e di bizzarro ingegno, vedendo di non poter superare i Raffaelli i Buonarroti, i Vinci, i Tibaldi, i Correggi e i Tiziani nell'Escuriale di Spagna, ov'erano suoi quadri, invento un modo strano con cui dipinse di fantasia...»

Não há, porém, confundir o pensamento que os norteou: Orlandi (e antes dele, em termos exatamente iguais, Siguenza na Espanha) achava que a maneira pictórica de Jheronimus Bosch decorria de sua incapacidade em pintar como os mestres citados — e que aliás, mais de uma vez se entregaram às «diableries» do holandês, pelo menos Rafael e Da Vinci; Torga acerta, ao afirmar que Picasso trocou, conscientemente, de orientação, na direção do «feio, do monstruoso, do grotesco e desarticulado», porque sabia — como sabe — que está esgotado, de há muito, o caminho palmilhado até há pouco mais de um século pela pintura ocidental. O que não compreendemos é porque chamou o poeta a tal orientação da pintura, a partir de Picasso, de drama. Não vemos em que pode residir tal dra-

remodelação da aparência de uma cidade — coisa interessante — iria determinar outra remodelação, essa subjetiva, na mentalidade de nossos escritores e artistas, políticos e estadistas. Sob o lema "O Rio Civiliza-se", de Figueiredo Pimentel, a capital foi deixando de possuir os ares provincianos que ainda lhe surpreenderam alguns cronistas vivos nos dias que correm. Era preciso que nossos escritores se adaptassem à era de progresso que se inaugurava para o Rio. Novas idéias chegavam, todos os dias, de Paris, pelos transatlânticos. Conferencistas ilustres, quase sempre convidados por Rio Branco, acediam em tocar no Rio, quando a caminho de Buenos Aires, para aqui pronunciarem conferências. Nomes até então desconhecidos, certos senhores que se chamavam Ibsen, Nietzsche, Anatole, Ferri, até Freud, começavam a ser citados, claro que só citados, raramente compreendidos... Interessante, sobretudo, ver, através do livro de Brito Broca, como o 1900 teve por sede praticamente só o Rio de Janeiro, assim como a vida literária da fase colonial tem por cenário Bahia e Minas, o Romantismo São Paulo, o Simbolismo o Sul. Rio e Brasil, do ponto de vista da vida literária em 1900, são sinônimos. Todas as manifestações observadas nos vários estados brasileiros — a Padaria Espiritual, no Ceará, a Oficina dos Novos, em São Luís do Maranhão, a Tertúlia das Letras baiana, etc. — não passaram de ecos do que na capital do país acontecia, assim como só se fazia, no Rio, o que em Paris se recomendava como bom.

Analisando fenômenos vários ocorridos em nossa vida social de inícios do século, tais como a decadência da boêmia, com a conseqüente extinção de tipos como José do Patrocínio e Guimarães Passos; a mania das conferências; a mania da Grécia e a de Paris (o "último Heleno" morreu em 1924 na Academia de Letras, sob as vâias modernistas...); a mutação do eixo literário dos cafés e bares para certas casas editoras; o aparecimento das primeiras revistas ilustradas com fotografias, etc., Brito Broca prestou um trabalho inestimável aos estudiosos futuros daquele período de nossas letras, e seu livro há de ficar, obrigatoriamente, como ponto de referência para todas as tentativas similares que, de futuro, vierem a ser tentadas, no Brasil. Broca verdadeiramente poderosa e implacável, cavou fundo nos arquivos e bibliotecas da cidade, e deles desentranhou toda uma época que não foi apenas uma seqüência de anedotas mais ou menos felizes e de trocadilhos mais ou menos bem sucedidos, mas que merece, como merece, ser estudada, compreendida e recordada.

(1) BRITO BROCA — «A Vida Literária no Brasil — 1900» — Coleção Letras e Artes, volume 5. Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, setembro de 1956. 275 páginas. Com ilustrações).

POESIA



A ADORAÇÃO, do obscuro mestre francês de Moulins (Século XV)

ma. Picasso seguiu, de sua consciência, a única via que lhe restava, coerentemente, seguir. Se nisso há um drama, francamente, diante de drama idêntico viram-se

todos os grandes artistas, desde o dia em que Giotto resolveu inaugurar, para a pintura italiana, uma senda nova, até então não trilhada por ninguém.

NOTÍCIAS

◆ NO MINISTÉRIO da Educação, por iniciativa da Embaixada da

Espanha, mostra de Pintura Espanhola Contemporânea, apresentada por «Ybarra e Cia». ◆ O COLUNISTA, a 9 de outubro, às 17,30 horas, estará debatendo, com Mário Barata, Quirino Campofiorito, José Paulo Moreira da Fonseca, Celso Kelly e provavelmente outros interessados em Arte e em Literatura, no Grupo de Estudos Mário de Andrade, na sede do Pen-Club do Brasil aspectos pouco conhecidos da obra e da época do pintor holandês Jheronimus Bosch. ◆ AINDA ENFERMO o colunista Jaime Maurício, do «Correio da Manhã». Ao talentoso confrade, nossos votos de melhoras.

NA PETITE GALERIE.

desde o dia 16 de setembro, o escultor primitivo baiano Agnaldo dos Santos, comparece com um conjunto de dezoito peças. Na apresentação, Wilson Rocha traça considerações sobre a arte de Agnaldo, «trabalhador manual, nascido na ilha de Itaparica, autêntico homem rústico, habitante de qualquer parte da cidade do Salvador».



Retábulo

Estranho Menino Deus é o dum poeta!

O que nasce e renasce há muitos anos

Na minha noite de Natal, fingida,

Mal corresponde à imagem conhecida

Das sucursais do berço de Belém.

É uma criança tímida que vem

Visitar os meus sonhos, e, ao de leve,

Com mãos discretas, tece

Um poema de neve

Onde depois se deita e adormece.

MIGUEL TORGA



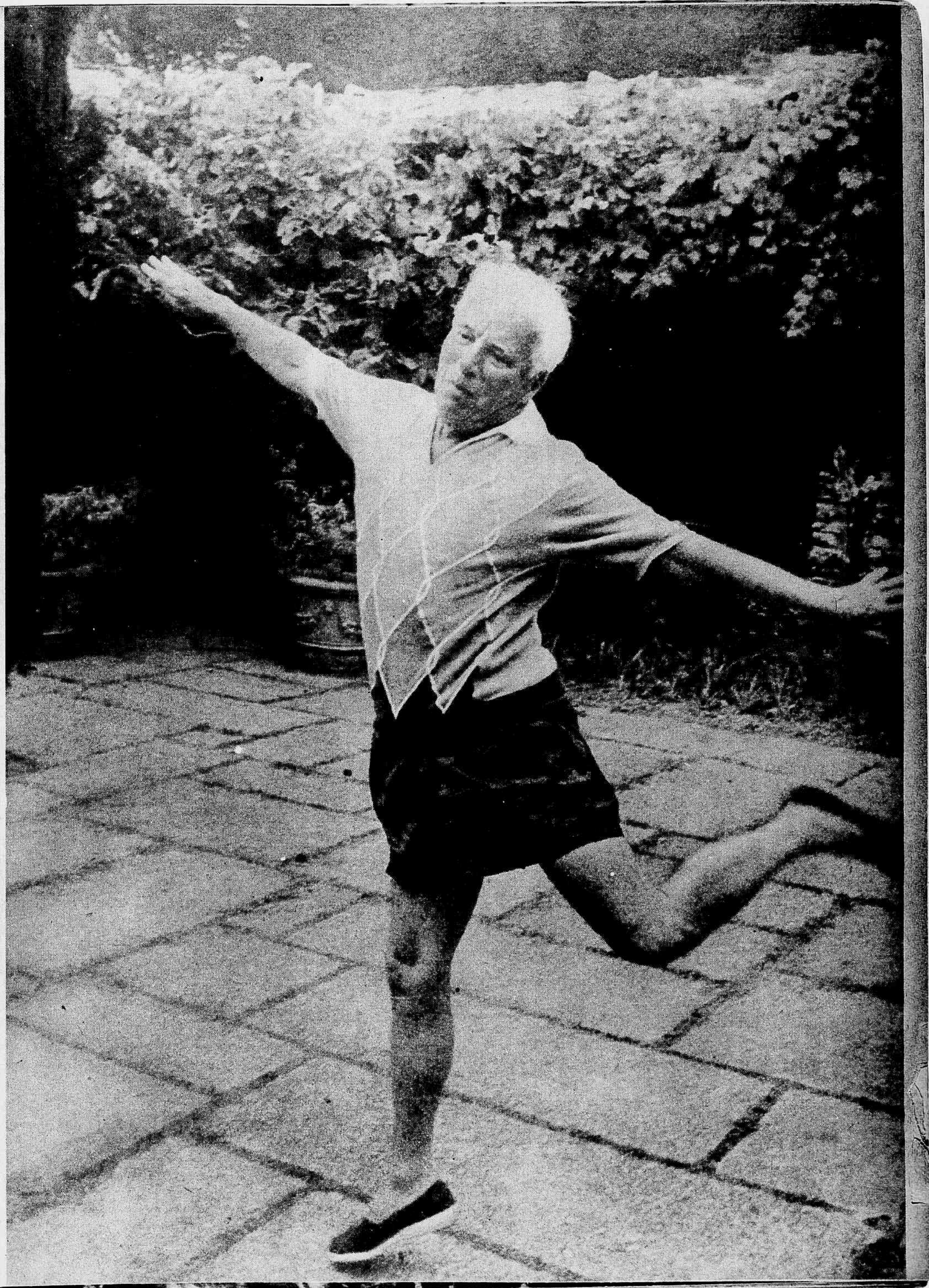
CARLITOS, O SEMPRE JOVEM

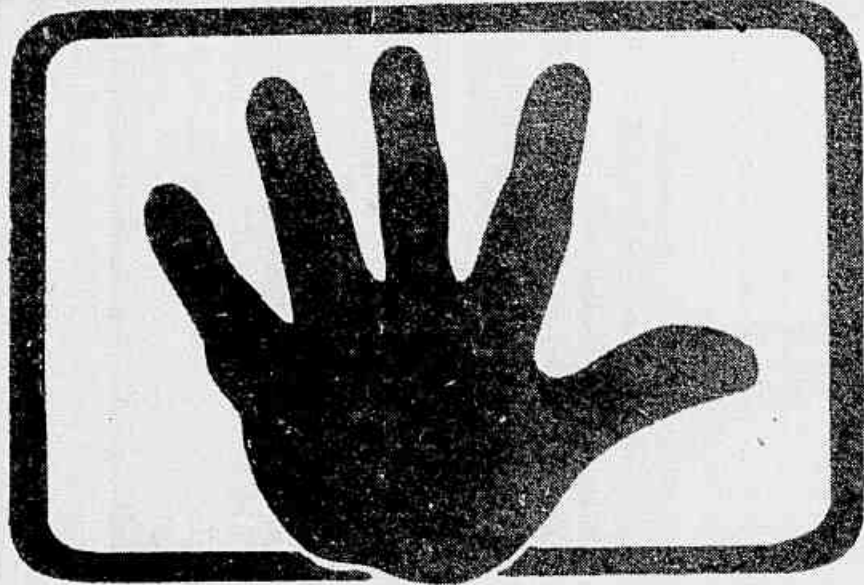


♦ CHARLIE CHAPLIN, com toda a família — a mulher Oona, e os filhos Michel, de dez anos, Josephine, de 7, e Victoria, de apenas 4, passa presentemente grande parte de seus dias na França, país onde vem de terminar seu mais recente e talvez mais belo filme: «Un Roi à New York». Exausto com as filmagens, que se arrastaram durante meses e meses (pois Carlitos é severo para consigo próprio, e cada cena, cada detalhe, tem de ser filmado ou executado uma dezena de vezes até obter seu beneplácito), ele decidiu procurar a praia quase deserta de Saint-Tropez, e ali passar duas semanas, sem ouvir, sequer, a palavra «cinema». Gostou tanto do local, e os meninos tanto lhe pediram, que ele acabou comprando uma pequena propriedade em Lavadou, próximo a Saint-Tropez. Agora, sempre que a atividade artística lhe permite, Charlie para ali se dirige com sua «troupe», e de «short» e camisa esporte, sapatos italianos e sua agilidade que não envelheceu, a despeito dos cabelos brancos que hoje o coroam, passa as férias como qualquer cidadão. Ele, que é a maior figura do cinema, em todos os tempos, tem também um outro título, agora — título de que muito se ufana: é o cidadão mais popular da pequena praia de Saint-Tropez, no sul da França.



VESTIDO ESPORTIVAMENTE, Carlitos, com a família, no tódo de sua lancha, em Saint-Tropez. Em baixo, o artista caminhando, com Michel, seu filho, pelas ruas da cidadezinha, de que é o mais popular dos habitantes. Na página inteira, o anjo Carlitos prepara-se para voar.





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

CONCURSO MUSICAL RAINHA ELISABETH DA BÉLGICA

◆ Atendendo a um pedido que nos foi gentilmente dirigido por Sua Excelência o Embaixador da Bélgica e considerando o interesse que a sua divulgação pode despertar entre os compositores brasileiros, apresentamos aqui uma súmula para o Concurso Internacional de Composição, a se realizar nos meses de abril e maio de 1957. Do referido Concurso podem participar

compositores de todas as nacionalidades, sem limitação de idade. São consideradas da Categoria A as composições para «Orquestra Sinfônica» duração entre 15 e 30 minutos). E da Categoria B as escritas para Orquestra de Câmara, com um mínimo de 15 e o máximo de 30 instrumentos (duração entre 15 e 30 minutos).

◆ As partituras não conterão qualquer assinatura. E deverão ser remetidas ao Diretor Geral do Concurso Musical Rainha Elisabeth com a indicação de uma divisa inscrita no canto superior direito da capa da partitura, acompanhada da indicação a que categoria pertencem. Esta divisa ou emblema deverá ser reproduzido num envelope anexo à partitura. Este envelope conterá nome, prenome, endereço e certificado de nacionalidade do concorrente, a categoria escolhida, uma declaração assinada do concorrente atestando que a obra foi «especialmente escrita para o concurso em questão», uma curta biografia, e uma fotografia 9 x 12 do concorrente. A partitura deverá chegar ao secretariado geral do concurso, «antes do dia 1 de março de 1957», com o seguinte endereço: M. Marcel Cuvelier, directeur général du Concours musical international Reine Elisabeth de Belgique, Palais des Beaux-Arts, 11, rue Baron Horta, Bruxelles (Belgique). As provas do Concurso serão Eliminatórias e Definitivas para ambas as categorias. As provas Eliminatórias terão três graus de julgamento. No primeiro grau, o Júri faz uma leitura à primeira vista de todas as partituras. Proceder-se-á, então, uma votação secreta. As partituras que obtiverem ao menos um voto, serão consideradas aptas para concorrer à prova do segundo grau.

Nas provas de segundo grau, as partituras serão novamente examinadas e somente aquelas que houverem obtido uma maioria simples serão remetidas para a terceira e última prova eliminatória. Nesta, o Júri fará um novo e mais aprofundado exame das peças e designará, por meio de um voto secreto, as três partituras que obtiveram o maior número de votos em cada categoria (Orquestra Sinfônica e Orquestra de Câmara), partituras estas que serão finalmente remetidas à prova definitiva. No caso de duas ou mais peças terem recebido o mesmo número de votos para participar da prova definitiva, proceder-se-á uma votação suplementar que determinará o desempate. As provas definitivas constarão da execução, pela orquestra, das obras aprovadas pelo Júri na terceira prova eliminatória. Após a audição das referidas obras, o Júri das provas definitivas procederá uma classificação definitiva das partituras, atribuindo a cada uma sua cotação, tendo 100 pontos como limite máximo para a nota. Para isto, o Oficial Ministerial, supervisor do concurso remeterá a cada membro do Júri, um boletim por ele visado, levando o número de matrícula das partituras. Baseado na execução de cada uma dessas, o membro do Júri escreverá o número de pontos que ele atribui à obra.

◆ Os membros do Júri assinarão seus boletins, que serão novamente remetidos ao Oficial Ministerial. A classificação será estabelecida na base dos totais obtidos, fazendo para cada obra a soma dos pontos atribuídos por todos os membros do Júri.

Se, porém, a diferença entre o total dos pontos atribuídos a uma partitura e o daquela ou daquelas que a seguirem for inferior ou igual a 3 por cento do total atribuído à partitura que a precede imediatamente, as obras em questão serão

consideradas «ex-aequo» para todos os efeitos. Em caso de «ex-aequo» de duas ou mais partituras, realizar-se-á uma nova votação para promover o desempate. Segue-se a relação dos prêmios para as duas categorias: Categoria A (obras sinfônicas) — Primeiro Prêmio 150.000 francos. Segundo Prêmio 75.000 francos; Terceiro Prêmio — 50.000 francos. Categoria B (obras para orquestra de câmara): Primeiro Prêmio — 100.000 francos; Segundo Prêmio — 60.000 francos; Terceiro Prêmio — 40.000 francos.

VARIEDADE DE PROGRAMAÇÃO

SPECTATOR

♦ A televisão, que ainda está muito em começo — se bem que freqüentemente seja comparada às atividades radiofônicas — encontra-se em franco desenvolvimento. Novas produções são constantemente criadas e as que alcançam maior sucesso não só são aproveitadas por longo tempo como logo são imitadas. Todavia, alguns tipos de programas estão bem estabelecidos e parecem fadados a tão longa vida que constantes inovações são introduzidas nas suas apresentações, sem modificar-lhes totalmente a forma.

A intenção dos programas de TV é a imediata satisfação dos espectadores. É natural, portanto, que sejam feitas exibições essencialmente realistas, ao lado daquelas que se apoiam na fantasia, para que se contente a todos. Daí a variedade das apresentações a que assistimos diariamente: debates, jogos, noticiários ou simples palestras. Cada programa visa principalmente dar a idéia de que a ação transcorre não somente no estúdio como em qualquer lugar, como poderia desenrolar-se a qualquer momento.

Muitos dos programas destinados a apresentações radiofônicas foram meramente adaptados, receberam novas roupagens e adquiriram imagens, para serem exibidos no vídeo. A televisão herdou muitas das características do rádio e, como exemplo, podemos citar o que acontece com a programação de ambos os meios de diversão, que apresentam as suas atrações distribuídas igualmente pelos vários dias da semana, com exibições realizadas em horas previamente estabelecidas e que se repetem rigorosamente a cada sete dias.

Na TV, porém, se esta regra é seguida, isto é, se a seqüência da programação é a mesma, a intenção com que o programa é feito pode variar de uma semana para outra. Comentaremos alguns dos principais tipos de programas a que comumente assistimos.

Os comentários, por exemplo, para o seu sucesso dependem em muito da personalidade do locutor e da veemência que ele dá ao que lê. No entanto, sempre são usados, reforçando as palestras, os mais variados tipos de ilustrações, como fotografias, filmes, «slides», mapas, diagramas, etc., para que seja bastante movimentada a apresentação.

O sucesso das entrevistas depende em grande parte dos grandes nomes que são convidados para a palestra e também da maneira mais ou menos viva e inteligente pela qual a entrevista é conduzida.

As discussões, quanto mais variados e contraditórios forem os temas abordados, mais certo será o sucesso alcançado. A TV, em tais ocasiões, apresenta uma grande vantagem sobre o rádio, uma vez que o espectador acompanha o calor dos debates, não só ouvindo o que dizem os participantes como presenciando as suas reações e expressões fisionômicas, o que sem dúvida contribui em muito para o maior sucesso das discussões. Como já fazem alguns dos nossos organizadores de debates, o tevente deve ser sempre convidado a participar da discussão, tendo oportunidade de enviar a sua opinião sobre o tema que está sendo tratado e, dessa maneira, não só é possível comprovar o grau de audiência do programa como é quase certo obter o agrado total por parte do público que se acha também um pouco dono da apresentação, uma vez que dela participa ativamente.

Se a TV é destinada a debates, conferências e outras atrações que visem não só o esclarecimento como o aumento da cultura do povo, não deve ser esquecido que ela é, principalmente, um veículo de distração que visa a todas as classes de público. Especialmente em um país como o nosso — em que atualmente ainda é bastante reduzido o número de emissoras de TV — é necessário que a dosagem da programação seja feita com muito cuidado, a fim de que sejam exibidas atrações que se destinem a todas as camadas do público.

Por fim, devem ser analisados com cuidado os programas de variedades, principalmente os que concedem grande número de prêmios e que, portanto, têm uma audiência bastante grande. Apresentações do tipo «Agüente as consequências», que a TV-Tupi apresenta aos sábados, vivem não do valor do texto, mas, principalmente, do desembaraço e presença de espírito dos animadores, bem como da graça dos castigos impostos àqueles que deixam de acertar as perguntas que lhes são feitas.

Como se vê, são inúmeros os recursos de que um produtor de TV pode lançar mão a fim de criar um programa de sucesso, mas não deve ele se esquecer, bem como os demais elementos que organizam a atração, de que ela se destina principalmente aos que assistem de casa, antes mesmo de visar o agrado daqueles que participam das brincadeiras e, portanto, toda a ação deve desenrolar-se visando o entretenimento do espectador.

TV EM LISBOA

♦ Constituiu enorme sucesso a primeira transmissão de TV feita em caráter experimental, em Lisboa. Na Feira Popular e em todos os outros locais em que foram colocados aparelhos receptores, foi grande o número de espectadores que ocorreu para apreciar estas primeiras exibições, embora ainda a título de experiência. O grande ciclista português Alves Barbosa foi

uma das primeiras atrações televisionadas em terra portuguesa. Em breve estará operando normalmente a TV, que funcionará com a Emissora Nacional e grandes novidades estão prometidas aos telespectadores portugueses, inclusive transmissões em conexão com emissoras de outros países europeus.

«SHOWS» MUSICADOS

Carlos Machado, durante algum tempo, levou aos espectadores todo o encanto e a movimentação dos seus «shows», antes só conhecidos pelos freqüentadores das nossas buates, mas que, divulgados através do vídeo, ganharam um número muito maior de apreciadores. Mesmo sem o recurso das cores, a TV ofereceu ao público alguns espetáculos completamente diferentes

dos que vinham sendo apresentados no mesmo gênero e até então. Silveira Sampaio substituiu no Canal 13 os «shows» de Machado, levando ao conhecimento dos tevendo alguns dos quadros mais interessantes do seu «No País dos Cadillacs». Novos números de movimento, canto e dança, ao lado da naturalidade e espírito de Sampaio narrando as aventuras do professor

Napoleon, distraíram bastante ao público espectador. Infelizmente, porém, se há espetáculos exibidos com grande luxo e mostrando artistas de valor através da TV, há também atrações como os programas de Virginia Lane para o Canal 6 que são cada vez mais fracos e onde a vedete, com o seu fiozinho de voz, repete constantemente números já apresentados e completamente sem interesse.

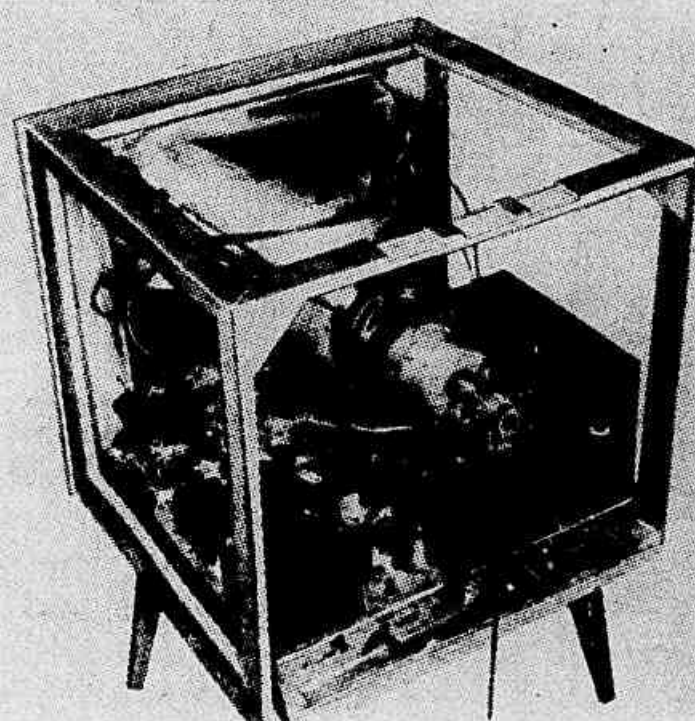
A TV-Tupi, que tem dado ao público ótimas atrações internacionais, como a orquestra de Dizzie Gillespie, as audições de Tito Guizar e muitos outros grandes programas musicados, precisa colocar em pé de igualdade e elevar o nível dos espetáculos em que se exibem os artistas nacionais visando principalmente evitar que essas atrações se repitam indefinidamente.

NOVA PUBLICAÇÃO

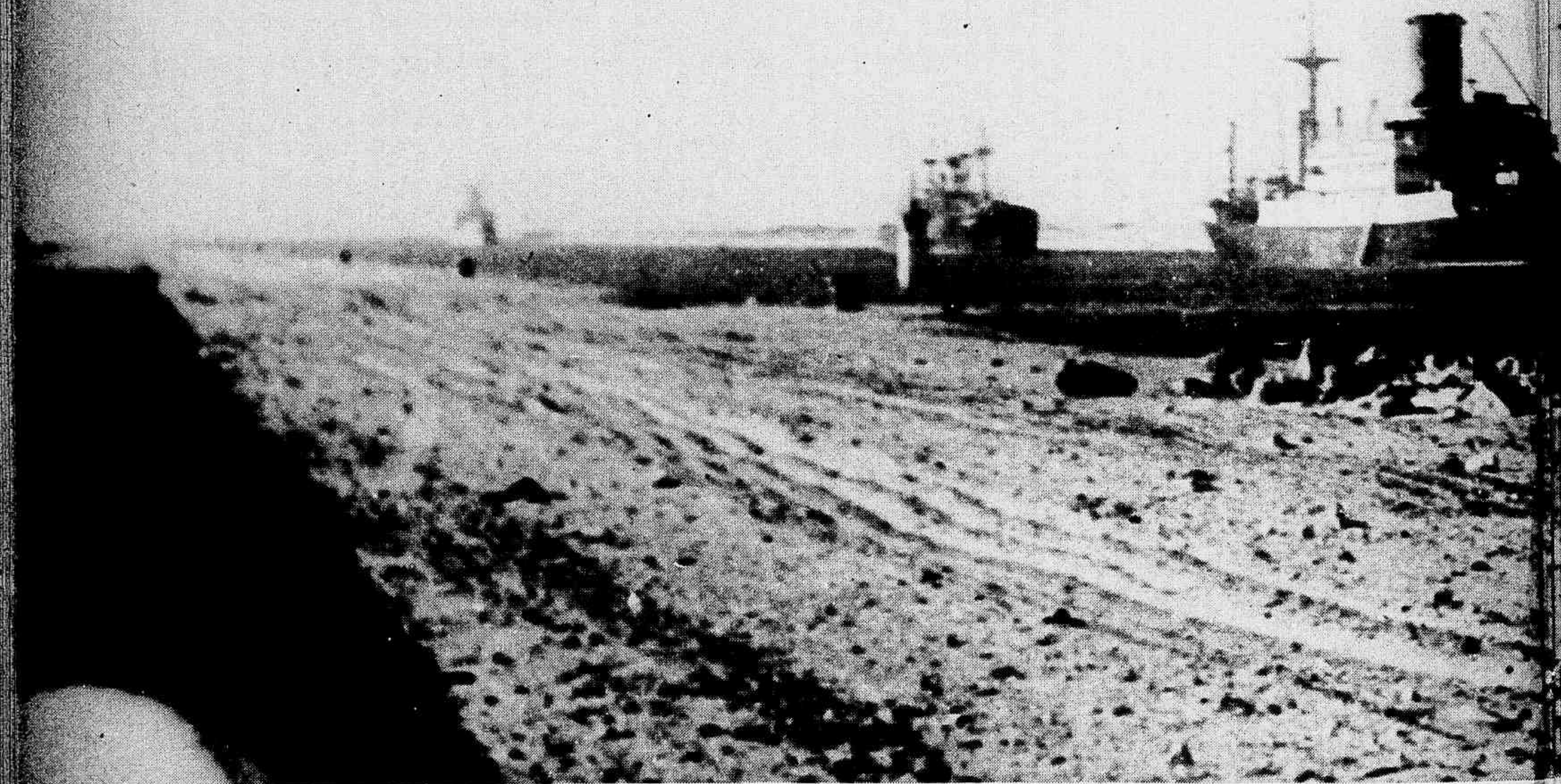
Os leitores que apreciam o que se escreve a respeito da vida e atividades dos elementos que trabalham na TV, têm agora oportunidade de acompanhar todo o movimento e estar em dia com todas as novidades nesse setor, através da nova publicação especializada, «Revista da Televisão», dirigida pelo locutor Gontijo Teodoro e que é das mais informativas do gênero.



♦ Atualmente o aperfeiçoamento da imagem para as transmissões televisionadas em cores é dos problemas que mais preocupam os técnicos norte-americanos. Constantemente são criados novos aparelhos para o aperfeiçoamento dessa técnica. Exibimos, aqui, uma das mais modernas criações para provar a eficiência desse novo tipo de imagem e também um dos últimos modelos Philco, adaptados já com a aparelhagem necessária para captar as cores.



O DRAMA DE SUEZ



Esta é uma das seções mais estreitas do canal, medindo 50 metros de largura. A seu

FIZ todo o percurso do Canal de Suez, do Mar Vermelho ao Mediterrâneo, onde está Port Said. A paisagem egípcia, estejamos no Vale do Nilo ou nas regiões do deserto, é sempre de fácil interpretação. O sol, nesses dias de verão, derrama sua luz forte sobre a extensão de toda a terra e o céu, de um azul sempre igual, não tem acúmulo de nuvens a comprometer a sua continuidade. De automóvel, fizemos o percurso Cairo-Ismaíia-Porto Said. A estrada, moderna e ampla, loge da cidade seguindo o curso do Nilo. As construções, mais escassas agora, indicam que já nos achamos nos arredores da capital. Cedo estaremos em plena campanha egípcia, cortando velozmente o fértil vale do grande rio. São campos de pastagem, de algodão, de tâmaras e de cana-de-açúcar, numa impressionante sucessão de todos os tons de verdes que se conhecem. Ao longe, o deserto. De vez em quando, atravessando

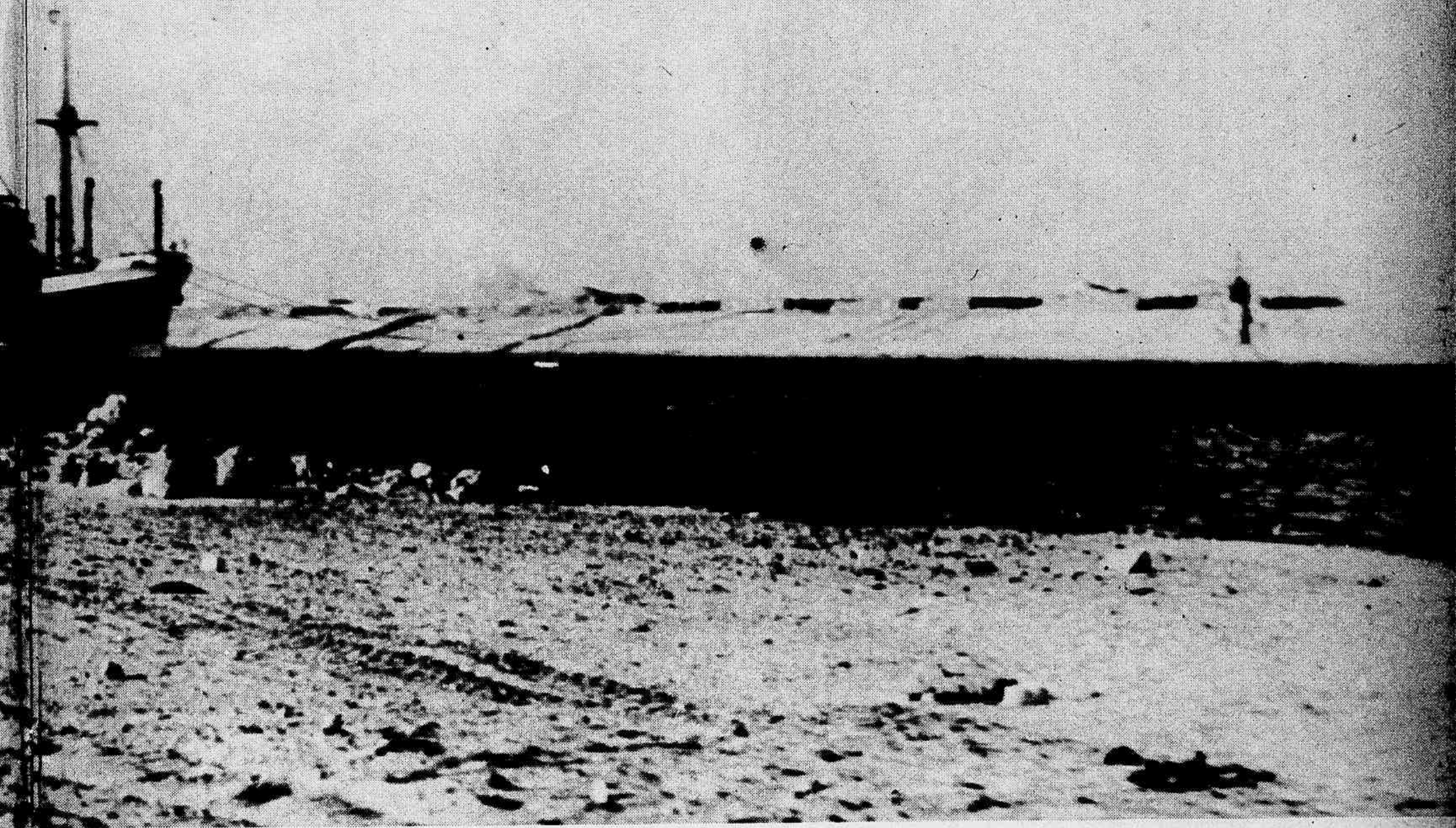
as terras, pequeno canal de irrigação traz até aqui as águas do Nilo. Não fôra a generosidade das suas águas, que anualmente vencem a aridez da terra, adubando-a com sua seiva, e o Egito provavelmente não existiria, ou não teria sido esta fonte de civilização que se espalhou pelo mundo.

A CAPITAL DO CANAL

Chegamos a Ismaíia, onde o Canal de Suez, que aproveitou-se das águas do lago Timsah para ganhar força e romper o deserto que se abre ao norte, no rumo de El-Ferdan, Ballah e El Qantara, oferece ao viajante o aspecto de uma grande enseada. Colocada no centro mesmo do importante caminho marítimo, com seus bosques verdejantes, Ismaíia pode ser apontada como a capital do Canal. Mas Ismaíia, apesar de

UMA «QUESTÃO DE VIDA OU MORTE PARA OS INGLESES» QUE OS EGÍPCIOS RESOLVERAM À SUA MANEIRA ★ LESSEPS FOI APENAS O HOMEM QUE TRANSFORMOU EM REALIDADE O SONHO DE UM FARAÓ ★ RÁPIDO RETROSPECTIVO SOBRE A HISTÓRIA DA ABERTURA DA LIGAÇÃO MARÍTIMA MAR VERMELHO-MAR MEDITERRÂNEO ★ TODO O PETRÓLEO DA ARÁBIA SAUDITA E GRANDE PARTE DA PRODUÇÃO DO IRÃ ENCHEM OS TANQUES DOS PETROLEIROS QUE TRAFEGAM PELO CANAL ★ O SENTIDO DA NACIONALIZAÇÃO DA COMPANHIA DO CANAL DE SUEZ

Reportagem de PAULO SILVEIRA



lado corre a auto-pista militar e os carros podem andar lado a lado com os navios.

tudo, não é a grande cidade no curso do Canal. É, antes, um ponto de repouso, uma parada refrescante, um oásis em meio ao caminho que o canal rasgou em pleno deserto.

De Ismaília o Porto Said, vencendo o deserto árido e desembocando no lago Mensaleh, o Canal corre paralelamente a u'a moderna auto-pista de evidente valor estratégico. Assim, se o automóvel reduz a sua marcha pode emparelhar-se ao navio que sobe o curso marítimo, e como o Canal, nesse trecho, é estreito de cinquenta metros, pode-se, da estrada, acompanhar todos os movimentos que passageiros e tripulantes fazem a bordo. Avisos que se sucedem à margem da estrada, escritos em árabe, francês e inglês, advertem os motoristas de que, à noite, devem circular com os faróis apagados — é preciso evitar, a todo custo, qualquer prejuízo à visibilidade dos pilotos que dirigem os pesados navios pelo canal.

Possantes projetores, dos que se utilizam nas instalações de defesa anti-aérea, postos à proa das embarcações, traçam espetaculares jactos luminosos que se estendem a mais de um quilômetro de alcance. Os navios, em fila indiana, separados uns dos outros por uma distância de uns trezentos metros, deslocam-se vagarosamente, navegando em comboio.

PORTA DE ENTRADA

Ao fim do percurso, como porta de entrada do Canal de Suez, surge Pôrto Said, antes de tudo um pôrto de escala para os navios que saem do Canal, no rumo do Mediterrâneo, ou aguardam a hora de entrar na passagem marítima, buscando o Mar Vermelho. Mais de 15.000 navios ali lançam ferro, todos os anos, 80% dos quais transitam pelo Canal

O PAI DA IDÉIA

Dois mil anos antes da era cristã, já se pensava numa ligação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Um Faraó, Sesostre, da 12ª Dinastia, foi o primeiro a deter-se no estudo do problema. Mais tarde outro egípcio, o rei Serti, 14 séculos antes de Cristo, voltou a projetar a construção de um canal de 57 milhas de extensão que, partindo da cidade de Zagazig, singraria o Golfo de Suez, unindo as águas do Mar Vermelho às do rio Nilo e daí ao Mediterrâneo. A idéia, ainda dessa vez não passou do terreno da especulação. E o mesmo problema viria, nos fins do século 18, preocupar Napoleão, que invadira o Egito, nos seus primeiros passos para a conquista do mundo. Também, mais tarde, o vice-rei do Egito, Mohamed Ali, outro interessado no assunto, abandonava a idéia em troca de uma ligação ferroviária entre Suez e o Cairo, em conexão com outra linha que viria de Alexandria.

Os franceses voltaram, em 1833, a deter-se no caso. Surge, em 1846, uma organização internacional, a «Société d'Etudes du Canal de Suez», que faria o papel, tempos depois, de tropa de vanguarda da empresa fundada por Lesseps, a «Compagnie Universelle du Canal Maritime de Suez».

Vê-se, pois, que o pai da idéia de construção do Canal de Suez não foi Fernand Lesseps, mas ele soube tirar o máximo proveito da amizade que lhe dedicava o então governante do Egito, o Khediva Mohamed Said, que lhe deu, afinal, a ambicionada concessão para a abertura do canal.

A AJUDA EGÍPCIA

Sem financiadores para o seu plano, Lesseps correu os mercados europeus de títulos, vendendo ações de sua Companhia a qualquer pessoa que dispusesse de 500 francos livres. Os trabalhos de construção foram iniciados. Em condições adversas, vencendo jornadas de sol a sol, percebendo salários que apenas prolongavam de pouco o prazo da morte por inanição, vitimados por epidemias, forrando com o próprio corpo o fundo do canal que se rasgava por entre as dunas de uma areia seca e quente, dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores egípcios ali perderam a vida, num sacrifício coletivo mais comovedor que aquele exigido pela construção das Pirâmides.

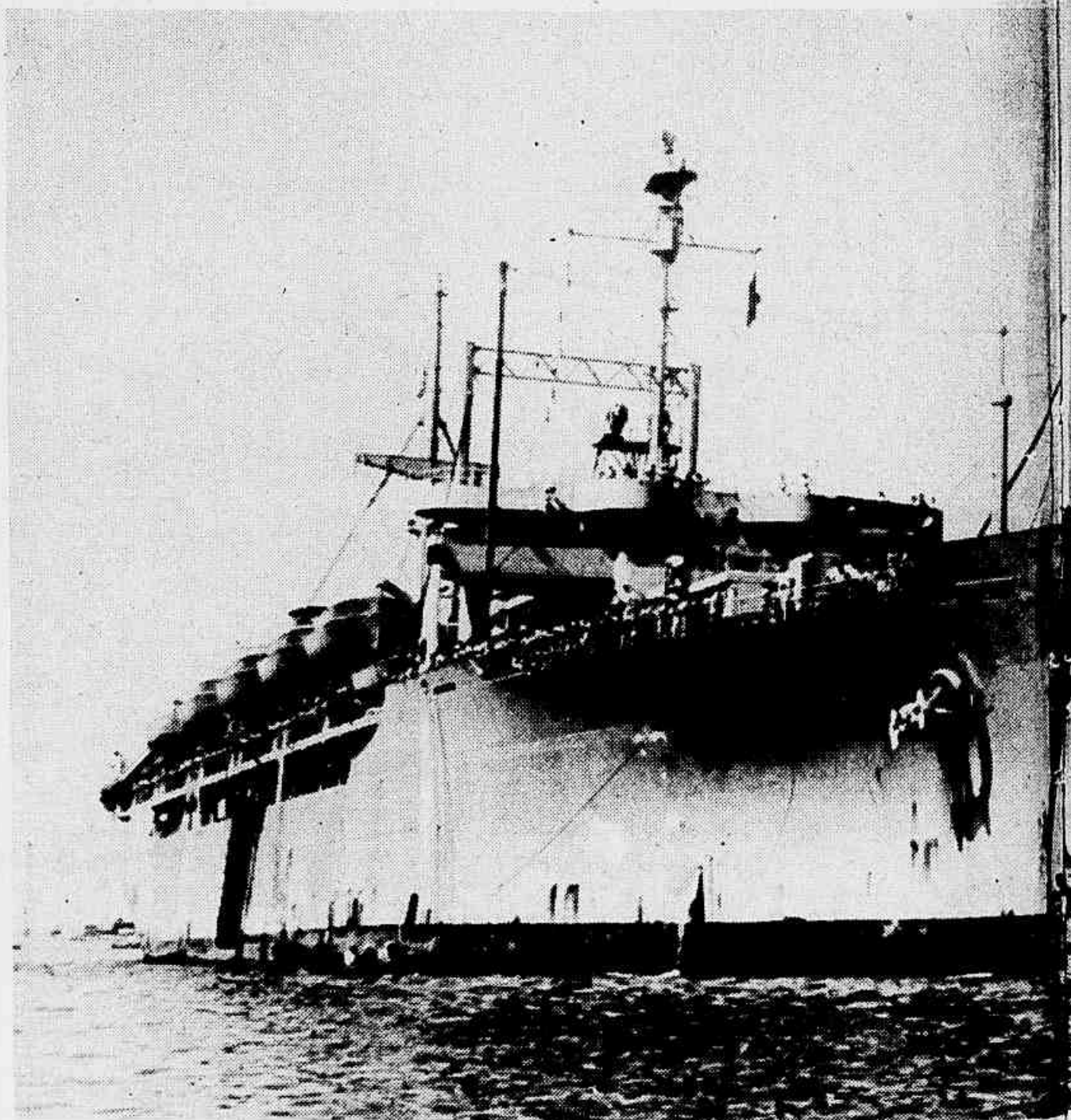
Mina turca que durante a guerra de 14-18 foi colocada na entrada do Canal de Suez. Não explodiu e hoje está no Museu de Ismailia.

de Suez. Apenas 20% dos barcos que aportam a Pôrto Said têm ali o seu destino, transportando cargas e passageiros. Os demais apenas se detêm o tempo estritamente necessário para a formação dos comboios e o ingresso no Canal.

A exceção de uma exigência aduaneira destinada a facilitar a importação e a exportação de produtos destinados ao país, ou dêle procedentes, Pôrto Said é uma zona aberta, onde o comércio de trânsito se pode exercitar livremente, desde que observadas certas reservas concernentes ao controle das tropas, à higiene e à segurança públicas.

Com o constante crescimento do trânsito pelo Canal, Pôrto Said desempenhará, no futuro, um papel ainda mais importante na economia mundial e no incremento da prosperidade do Egito.

Quando o Presidente egípcio, Gamal Nasser, anunciou, em julho deste ano, a nacionalização da Companhia do Suez, a patética declaração de Eden, transmitida pelo rádio e pela televisão a milhares de ouvintes de todo o mundo, e no dia seguinte, enchendo as manchetes de milhares de jornais em todos os países, ofereceu a justa medida do problema: «Para nós, ingleses, a conservação de Suez é uma questão de vida ou de morte», e assim falando passou Eden a conduzir o problema pelo caminho mais perigoso: o caminho do desafio, da ameaça, da intimidação. Mas o Egito manteve em seus termos iniciais a nacionalização da Companhia, «Ignorou» as demarches que passaram a desenvolver as chancelarias das grandes potências. Recusou-se a comparecer à Conferência de Londres, porque não aceitou sentar-se na situação de réu perante um tribunal internacional. Serenamente, com tranquilidade e calma, pôs em desenvolvimento o seu plano de assumir o controle da Companhia de Suez, impedindo, sobretudo, que o tráfego pelo canal sofresse solução de continuidade ou fôsse prejudicada a liberdade de navegação na importante artéria marítima.



O navio americano, «General Le Roy», quando cruzava o Canal de

DE SUEZ

Assim, com o braço, o sangue e a vida dos egípcios, abriu-se o Canal de Suez para servir à causa da aproximação entre os povos. Em cinco anos — de 1859 a 1864, quando foi inaugurado — sessenta mil trabalhadores egípcios viveram sob o mais duro regime de trabalho forçado que a História registra em suas páginas. E no fim do gigantesco trabalho, quando as águas do Mar Vermelho se misturaram às do Mediterrâneo, em meio às festas de inauguração, na presença de representações das principais armadas européias, muitas das quais conduzindo a bordo as testas coroadas de seus países, centenas de milhares de lares egípcios mostravam, ainda, os sinais da dor pelo sacrifício dos mortos. Era o primeiro preço, e muito alto, que o Egito pagava pelo Canal de Suez, sacrifício que se desdobraria, já agora sob a forma de lucros arrancados à sua exploração, pelo espaço de quase um século.

Mas veremos que, além do esforço humano, com outros recursos entrou o Egito no complexo negócio.

Também com o dinheiro egípcio foi construído o Canal de Suez. E, somadas todas as cifras, vê-se que a Companhia extorquiu do governo egípcio, valendo-se dos mais repugnantes pretextos, cerca de 3 milhões e 350 mil libras egípcias.

Pode-se, pois, dizer que foi graças ao esforço do povo e do governo egípcio, esforço que se traduziu em vidas humanas e vultosas somas em dinheiro, que o Canal de Suez se tornou uma realidade.

OS INGLÊSES ABRIRAM OS OLHOS

A construção do Canal de Suez, ligando o Mar Vermelho ao Mediterrâneo e encurtando de muitos dias a viagem à Índia, fez com que os olhos dos ingleses se abrissem, sobre aquele pedaço do Oriente Médio. Compreendiam os ingleses que, para dominar política e militarmente o Egito, o melhor caminho seria, desde logo, assumir o controle econômico e administrativo da Companhia que explorava a navegação pelo Canal de Suez. E a pressão começou a fazer-se sentir sobre o Império Otomano,

que prendia entre as mãos a soberania do Egito. Era necessário, porém, de qualquer modo, que um bom pretexto permitisse traduzir em atos os planos que os britânicos arquitetavam.

E o pretexto surgiu. Em 1822, um líder nacionalista egípcio, Arabi Pascha, depois de um golpe de Estado, assumia o governo. Os ingleses, de olho no Canal de Suez, consideraram em perigo a liberdade da navegação pela passagem e trataram de liquidar com o novo regime.

Depois de um «ultimatum» a Arabi Pascha, a esquadra de Sua Majestade, sob o comando do almirante Seymour, abriu fogo contra Alexandria, arrasando a cidade. A data: 11 de novembro de 1882. No dia seguinte, os marinheiros de Albion desembarcaram em solo egípcio e... ficaram lá até que a política nacionalista do presidente Nasser fez embarcar, de volta, o último integrante das tropas de ocupação.

Legalmente (e os ingleses são geniais para encontrar essas fórmulas de conciliação), o Egito permanecia sob a soberania otomana, mas, de fato, não passava de uma simples colônia britânica. A Companhia de Suez, por seu lado, já se achava nas mãos dos ingleses, pois, aproveitando-se de condições favoráveis, eles já haviam adquirido grande número de ações da empresa.

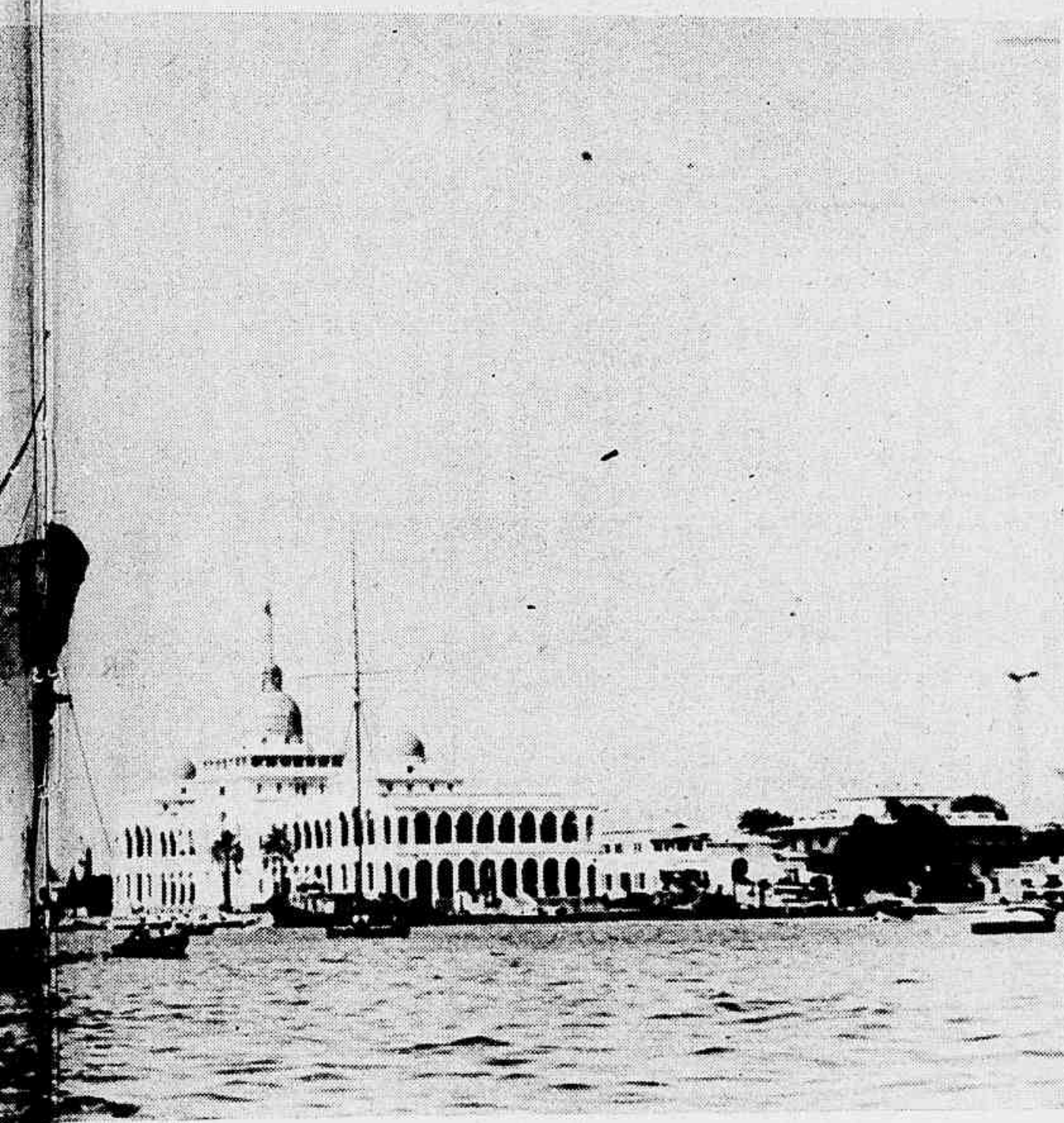
QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

Afinal, por que, da parte inglesa, foi tão violenta, tão cheia de revolta a reação em face da nacionalização da Companhia do Canal de Suez? Olhem para o mapa e localizem o Canal de Suez. Inteiramente em território egípcio, ele é o escoadouro natural da grande produção petrolífera da Arábia Saudita, cujos poços são apontados como os mais férteis de todo o mundo. Este petróleo, transportado em navios-tanque, entra pelo Mar Vermelho, transpõe o Canal de Suez e, em poucas horas, desemboca no Mar Mediterrâneo, servindo, com enorme economia de tempo e divisas, aos países europeus. De outro lado, o petróleo produzido pelo Irã, transportado através de oleodutos que cortam a Síria e o Líbano, chega à costa do Mediterrâneo, a pouca distância de Suez e, fazendo o percurso inverso, em navios-tanque, distribui-se pelos países africanos e asiáticos.

Numa época que se caracteriza, no plano da política internacional, pela acumulação de força militar, econômica e estratégica por parte dos países que disputam entre si a liderança mundial, é fácil compreender-se o papel que o Canal de Suez representa, como «elemento» decisivo no cálculo das posições-chaves espalhadas pelo mundo. Se, como represália a uma eventual ação militar britânica contra o Egito, o governo do Cairo suspendesse a navegação pelo Canal, França e Inglaterra estariam praticamente riscadas, na progressão internacional, do quadro das grandes potências. Vê-se, pois, que Eden tem razão: para a Inglaterra, Suez é realmente uma questão de vida ou de morte.

GUERRA NÃO É FATALIDADE

Os egípcios não aceitam a guerra como uma fatalidade irreversível. É um povo que não quer perder, outra vez, aquilo que levou tantos anos para reconquistar: sua soberania, o direito de dispor do seu destino, a independência de resolver seu futuro sem a intromissão do estrangeiro. Por isso, atende com entusiasmo aos apelos de mobilização que o Governo lhe endereça. Não com intenções belicosas, de agressão. Mas como quem procura cercar-se de garantias, para assegurar-se de que ninguém ousará causar-lhe dano. Procura os centros de alistamento, integra-se nas hostes do Exército de Libertação, inscreve-se entre os doadores de sangue, aperta o cinto, numa comovedora compreensão coletiva da gravidade e da importância histórica do momento que o seu país está vivendo. E mesmo não desejando a guerra, mesmo não acreditando que a guerra seja a melhor solução para as crises que lançam as nações umas contra as outras, é um povo, sem dúvida, disposto a fazer qualquer sacrifício, de boa vontade e consciência limpa, para conservar sua terra livre e o bem da sua liberdade. É preciso, para compreender-se bem este povo, vir-se até ele despidido de curiosidade apenas turística. O Egito já não são as Pirâmides, a Esfinge, o Vale dos Reis, as ruínas de Karnak ou a legenda de Cleópatra. O Egito de hoje é a reforma agrária, é a conquista do deserto, é a nacionalização da Companhia de Suez, são as grandes barragens em construção, que levarão a energia elétrica e a industrialização às regiões que as milagrosas águas do Nilo não alcançam.



Suez, no dia 7 de agosto, transportando tropas turcas de volta da Coreia.

O CINEMA RESSUSCITOU VAN GOGH



VAN GOGH — personificado por Kirk Douglas — jamais se casou. Seus planos sentimentais todos falharam. Em dado instante de sua vida, porém, viveu com uma mulher, adotando-lhe o filho. Mesmo essa mulher o abandonou. — Para o fim da vida, Van Gogh viu-se acometido de alucinações, passando longas temporadas no hospício de Saint-Remy. Um dia, em pleno campo, mete uma bala no coração. Só morrerá alguns dias depois. Seu devotado irmão Theo em breve acompanhá-lo-á.

Texto de JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos METRO-GOLDWYN-MAYER

A SEMELHANÇA do que já foi feito com a vida de Toulouse-Lautrec e do que está sendo feito com a de Amedeo Modigliani, o cinema acaba de transportar para o celulóide a existência curta e atormentada do grande pintor holandês Vincent Van Gogh, nascido em Groot Zundert em 1853, e morto em 1890, por suicídio. Os leitores podem avaliar o que não foi a procura, por entre tantos atores norte-americanos, daquele que tivesse, além da adequação psíquica, o tal e para desempenhar a figura de Van Gogh. Após inúmeros testes, foi escolhido afinal Kirk Douglas, homem robusto e de estatura elevada — como foi Van Gogh; de

cabelos louro-avermelhados, como ele; de face angulosa e nariz aquilino igual ao pintor dos girassóis. Durante meses, preparou-se Kirk para interpretar, ante as câmaras, o célebre artista. Estudou, de início, a vida de Van Gogh tal como narrada em vários estudos a ela consagrados; deixou crescer a barba, seguindo sempre a sábia orientação dos técnicos em caracterização da terra do cinema. O filme basear-se-ia na conhecida biografia do pintor, escrita pelo americano Irving Stone — um dos primeiros a reconhecer o talento do holandês, ainda no início do século. Essa biografia, romanceada, presta-se admiravelmente para um «script» cinematográfico, embora não espelhe toda a realidade sobre a vida desesperada de Van Gogh. Con-



DURANTE A VIDA INTEIRA, VAN GOGH APENAS CONSEGUIU VENDER UMA ÚNICA TELA — A UM SEU IRMÃO. HOJE, SEUS TRABALHOS RENDEM MILHÕES AOS DONOS DE GALERIAS, E SÃO DISPUTADOS ÀVIDAMENTE.

têm as passagens mais apaixonantes de sua existência, é verdade — e só isso bastaria para cercar o filme nela baseado de um interesse acima do comum.

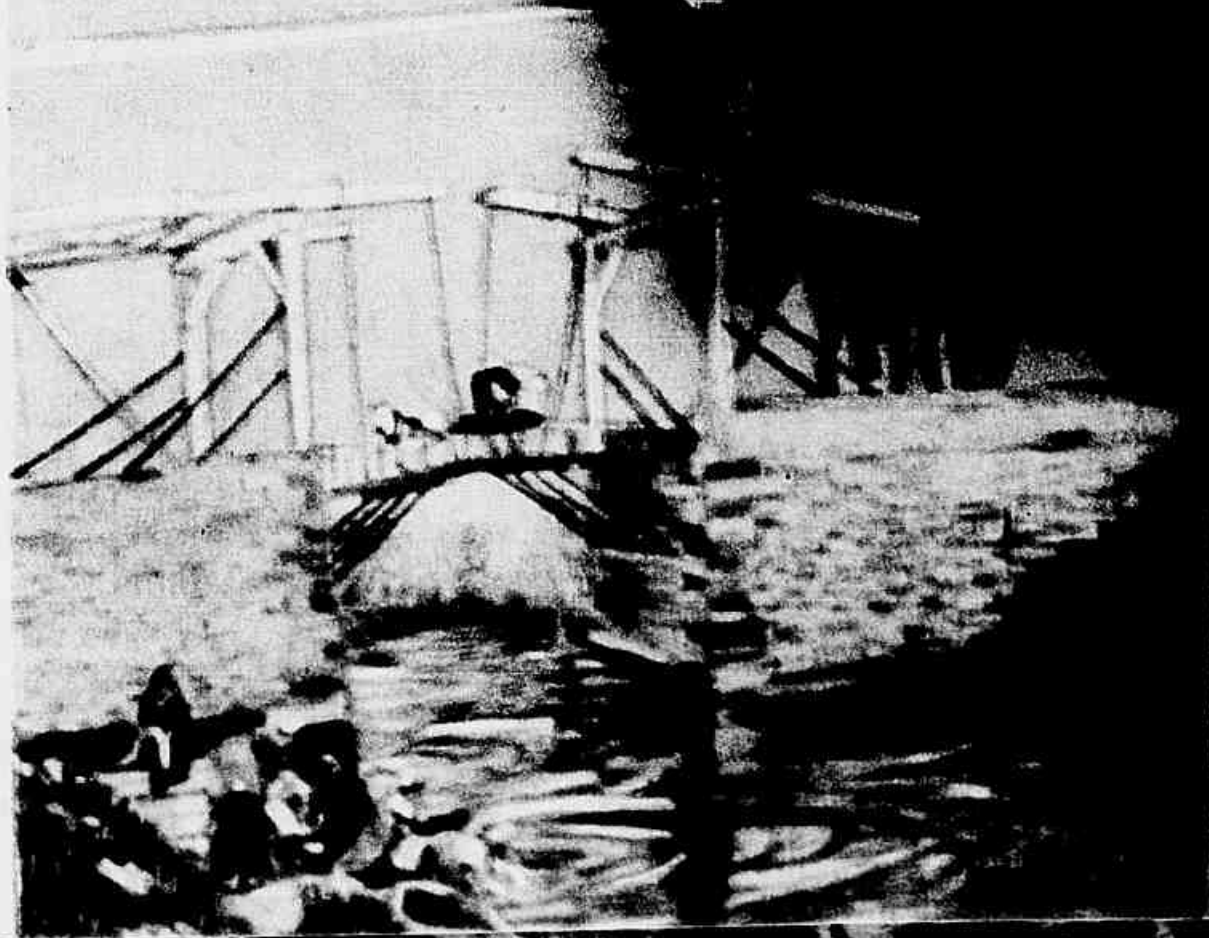
Uma preocupação primordial teve Vincent Minelli — que dirigiu o filme para a Metro: a de filmar, nos mesmos lugares onde transcorreram, as várias peripécias da vida errante de Van Gogh. Groot Zundert, Londres, o Borinage, Etten, Haia, Nuenen, Paris, Arles, Saint-Remy com seus loucos, e afinal Auvers-sur-Oise — onde, certo dia

de delírio mais agudo, metera uma bala à altura do coração —, são etapas dessa vida que durou somente trinta e sete anos, mas que foi um exemplo de dedicação e amor à pintura e à humanidade.

Ao lado de Kirk Douglas, aparecem ainda Anthony Quinn, James Donald e Pamela Brown. O excelente Anthony Quinn personifica Paul Gauguin, o amigo de Van Gogh, tão grande artista como ele, cuja vida proporcionaria também um filme extraordinário. Algumas das telas que aparecem na película são cópias fiéis, executadas por bons



SÔBRE O CAMPO amarelo das espigas de trigo, Van Gogh pinta uma de suas últimas e mais alucinantes telas: os corvos o rodeiam, numa antevisão trágica do que aconteceria alguns dias mais tarde, quando o artista meterá uma bala no peito. — A semelhança entre Kirk Douglas e Van Gogh é impressionante. O auto-retrato que ele tem à mão é original. Foi pintado em 1887 — Van Gogh tinha então 34 anos, aproximadamente.





"EU NÃO VIVO PARA NOSSO TEMPO" — AFIRMOU VAN GOGH EM CARTA A SEU IRMÃO THEO. — "MAS PARA AS GERAÇÕES QUE HÃO DE VIR". O FUTURO CORROBOROU INTEIRAMENTE AS AFIRMAÇÕES DE VAN GOGH.

artistas contemporâneos; muitas são porém originais, tendo sido cedidas, por autorização ultra-especial, por vários museus da Holanda, em particular, e da Europa, em geral.

Problema de difícil solução foi o da cor. Como propiciar cor adequada às tonalidades incomparáveis de Van Gogh sem desvirtuar a beleza primitiva, encontrada nas telas e aquarelas do artista? Durante muito tempo ficaram os técnicos da Metro às voltas com o problema, que não tinha solução, ao menos aparentemente. Porém, com esforço e paciência — e a exemplo do que já tinha sido conseguido com a vida de Lautrec — conseguiram eles emprestar aos cam-

pos de Auvers, ao ambiente cinza das minas de carvão e à atmosfera gris de Paris os matizes com que aparecem, nas telas vango-gianas.

Sobre o desempenho dos artistas, apenas pode-se adiantar que é excepcional, mormente o de Kirk Douglas, que está impressionante na pele do holandês sedento de amor e de compreensão, que se dá por inteiro em cada tela, que procurou sucessivamente o amor de Deus, o amor dos homens e afinal a morte por suas próprias mãos, para explicar a angústia que o devorou noite e dia, e a que a história da pintura ficou devendo um artista de envergadura extraordinária.

VAN GOGH

A PONTEZINHA de Auvers-sur-Oise, que van Gogh fixou numa aquarela inextinguível de beleza, serviu de cenário para essa cena. É interessante notar como mesmo o olhar alucinado do artista foi captado pelo gênio interpretativo de Douglas.



DURANTE ALGUM tempo, Gauguin e Van Gogh moram juntos, num Atelier de Artistas que ambos fundaram. Uma tentativa de homicídio cometida pelo holandês sobre a pessoa de Gauguin veio pôr termo à vida em comum.



SOMENTE A barba foi acrescentada à aparência normal de Kirk Douglas. No entanto, vê-se que o ator americano possui quase que os mesmos traços fisionômicos do pintor: os mesmos olhos de espanto sobre o espetáculo do mundo, o mesmo nariz aquilino, o lábio inferior avançando ligeiramente sobre o superior, as mesmas feições que parecem ter sido esculpidas.

VAN GOGH recolheu, em plena miséria, uma decaída e a trouxe para casa. Ao filho ainda de colo que trazia, adotou como se fosse o seu. A ternura humana conheceu, nesse artista, um campo de atividades sem limite.

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

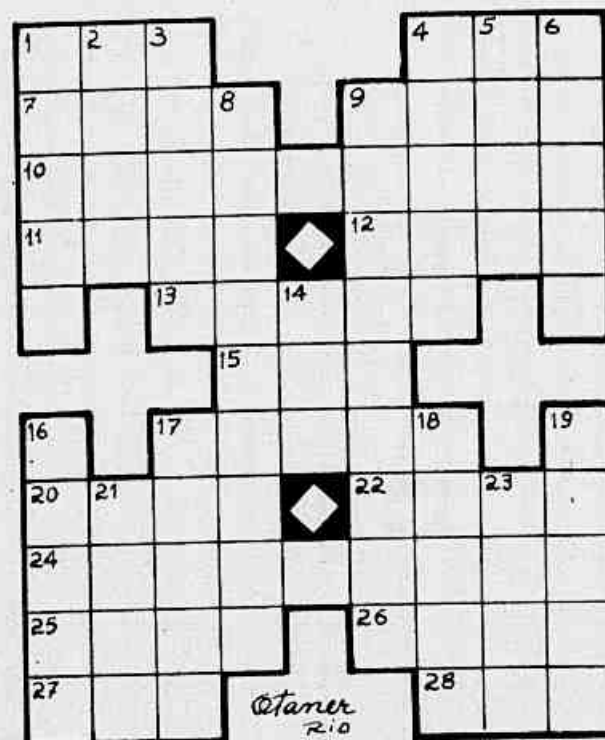
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 139

PARA VETERANOS

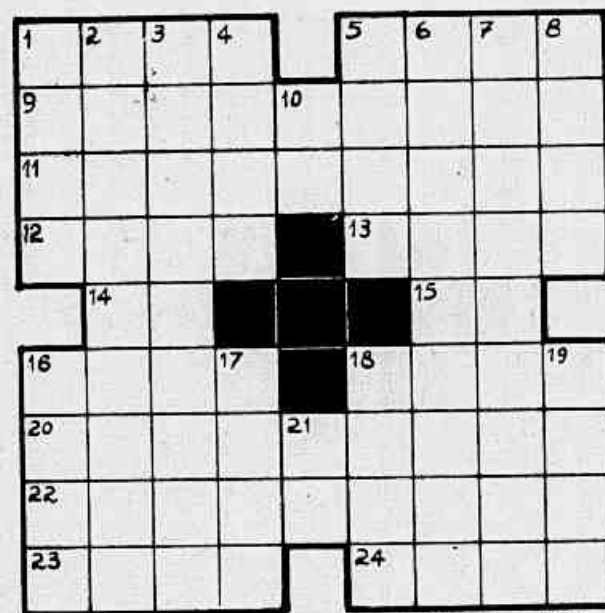
HORIZONTAIS: — 1. Goteira — 4. Pego — 7. Pimenteira das ilhas da Soledade (pl.) — 9. Comilão — 10. Cauterios — 11. Chefe de pescadores, no Malabar — 12. Fita — 13. Festa gentílica do Concão, semelhante ao carnaval europeu — 15. Homem dinheiroso — 17. Sineta grande — 20. Encolerizar — 22. Agarrar-se (a planta) com suas gavinhas — 24. Sesta — 25. Uma das partes do osso ilíaco — 26. Nome de homem — 27. Ala de esquadra — 28. Barbatana peitoral.



VERTICAIS: — 1. Instruído — 2. Pôr de acôrdo — 3. Deuses familiares, entre os etruscos e romanos — 4. Agradável — 5. Jungir (bois) ao carro — 6. Correr paralelamente — 8. Anacoreta — 9. Parte da arte musical relativa à cadência — 14. Instrumento para encurvar trilhos de vias férreas — 16. Demasiada — 17. Semblante — 18. Verga ao pêso — 19. Ave aquática no Rio Grande do Sul — 21. Armadilha para apanhar pássaros — 23. Senil.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Terra arroteada e própria para cultura — 5. Querer bem — 9. Quadro; pintura — 10. Lodo — 11. Naturais de Alagoas — 12. Extraordinário — 13. Mulher formosa — 14. Lavras — 17. Rezar — 20. Da Paraíba — 21. Guarnecei de abas — 22. Grande rio da Rússia — 23. Capital da Itália — 24. Principal compartimento de uma casa.



VERTICAIS: — 1. Ligar — 2. Perereca — 3. Tornaram mais largo — 4. Porção de água cercada de terra — 5. Levantar; izar — 6. Fizera manobras — 7. Senhor — 8. Pouco profunda — 14. Tatu-bola — 15. Cauda — 16. Parte de vestido de mulher — 17. Pequena peça de artilharia — 18. Anual — 19. Faz girar.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 138

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: nauatle — paz — arilo — aval — aler — raras — imã — sebes — id — siria — em — aiola — Cat — ébulo — atai — amba — ramal — ias — romanas.

VERTICAIS: navas — azares — aa — tra — lili — eleme — par — orada — lábia — série — sioba — secar — alumia — matar — albas — tamo — oas — iam — la.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: peralta — delituoso — in — ara — TI — ata — sua — meio — lice — bás — CII — ad — mia — or — soberbosa — raleado.

VERTICAIS: penteador — al — ria — atro — Lua — to — astucioso — diambas — olaeira — ais — sic — Sire — mel — aba — bá — od.

QUE É UM QUAKER?

Por RICHMOND P. MILLER

Primeiro Secretário da Reunião Anual da Sociedade Religiosa dos Amigos da Pensylvania. - Especial para a **Revista da Semana** - Cop. United Press

QUANDO William Penn cujo pai era almirante, homem da aristocracia, visitou pela primeira vez a Córte após a sua conversão ao Quakerismo, apresentou-se ao Rei Carlos II com a consciência de que devia conservar seu chapéu na cabeça. Com um sorriso, o Rei removeu o chapéu. Então, Penn perguntou: «Amigo Carlos, diante de que retiras o teu chapéu?» O Rei respondeu: «Amigo Penn, neste lugar apenas um homem pode usar o chapéu o tempo todo. É o costume».

Os Quakers vestem-se com simplicidade, mas a côr (cinzento para as mulheres e preto para os homens) obrigatória está desaparecendo. Algumas mulheres Quakers ainda usam a vestimenta plena, com seus «bonnets», enquanto os homens vestem seus ternos cinzentos sem lapela, botões ou gravatas.

Porque os Quakers condenam o juramento?

Em vez de fazerem juramentos pela verdade, os Quakers afirmam que sempre falam a verdade. A posição dos Quakers contrária ao juramento judicial lhes tem trazido sérias perturbações através da história.

As objeções ao juramento estão de conformidade com as injunções bíblicas: «Nunca jurar» e «Irmãos, acima de todas as coisas, não deveis jurar». Além disso, jurar pela verdade implica um duplo padrão da verdade: se alguém só pode falar a verdade sob juramento, é óbvio que a palavra do homem só prevalece quando sob juramento. Os Quakers creem que sempre falam a pura verdade.

Como se casam os Quakers?

A cerimônia nupcial dos Quakers é muito simples. Não há ritos, nem música, mas uma reunião para adoração. O noivo e a noiva unem-se na presença de Deus. Suas famílias e seus amigos são as testemunhas. A permissão é obtida em uma reunião a fim de assegurar «inspeção» do ato. Na Pensylvania e em outros Estados, uma licença especial para o casamento tem o valor de um certificado para o casamento legal assinado pelas testemunhas antes mesmo de ser ordenado pelo ministro ou pelas autoridades civis.

Após a obtenção da licença, os nubentes vão à casa de reunião no dia marcado para o casamento. O noivo e a noiva repetem seus votos recíprocos. O certificado de casamento é lido publicamente e todos os que se acham presentes assinam seus nomes. Segue-se, então, uma reunião para a adoração. Aos recém-casados oferecem preces, os que quiserem recitam poesias ou lêem mensagens festivas. Após a reunião, o novo casal dá uma recepção.

Os Quakers permitem o divórcio?

O divórcio é contrário à «Disciplina dos Amigos». Casamentos são promessas de amor, carinho e obediência até à morte. Os Quakers divorciados continuam solteiros enquanto o outro cônjuge continuar vivo. Entretanto, ao lado do divórcio legal existe um divórcio dentro da Sociedade, mas não com tanta frequência como poderia parecer.

Os Quakers dispõem de comitês que tratam das relações familiares e dão conselhos construtivos a fim de evitar a ruptura dos laços conjugais.

Que pensam os Quakers acerca do pecado?

Durante mais de 300 anos disseram que a bondade era inerente ao homem e à mulher em vez de concordarem com a palavra bíblica, segundo a qual, a humanidade herdou o pecado de Adão e Eva. Neste passo, os Quakers se contrapõem tanto aos católicos como à maioria dos protestantes. Os Católicos Romanos acham que somente a prática dos mandamentos e dos sacramentos salva os seus membros do pecado. Enquanto a maior parte dos Protestantes vê o pecado como um fato fundamental da vida do homem sobre a terra e afirma que a vontade de Deus é descoberta através da fé, e não da razão.

Os Quakers acreditam no pecado como um fato existencial, mas descrevem-no como existente no universo necessariamente. Imaginam que o mundo é um tabuleiro de xadrez com quadros negros (pecado) e brancos (bondade). Mas os quadros negros são impostos aos quadros brancos, e não o contrário. Há um «oceano de luz sobre um oceano de obscuridade» segundo a palavra de George Fox. Para os Quakers, o termo «pecado original» supervaloriza o poder do mal. Mesmo quando em estado pecaminoso, o homem continua pertencendo a Deus, que também continua a apelar para a bondade existente dentro dele.

Qual é a atitude dos Quakers com relação a Cristo?

Acreditam perfeitamente na revelação de Deus em Cristo. Há uma variedade de pontos de vista entre os Quakers, mas, por outro lado, existe um testemunho universal (uma fé comum) em que, historicamente, Deus expressou Seu amor a Jesus de Nazaré e que continua a expressá-lo através do Espírito de Cristo. Para os Quakers existem duas facetas da mesma realidade: o Cristo histórico e o Cristo essência e amor.

Acreditam os Quakers na divindade de Jesus?

Esta é uma pergunta de difícil resposta para os fiéis desta religião. Os «Amigos» se referem à «Semente», à «Luz de Cristo», à «Luz Interior» e ao «Guia Interior» como um poder criativo externo de Deus, exprimido unicamente na suprema dádiva de Deus ao homem: Jesus Cristo.

Os Quakers acreditam que Cristo tenha nascido de uma virgem?

Eles não consideram este fato tão importante para o ensinamento da vida de Cristo na terra porque Ele tem o supremo poder de revelar-Se em todos os tempos e para todos os homens.

Como encaram o problema dos Sacramentos?

Para os Quakers não há necessidade de qualquer ritual para estabelecer as relações entre Deus e o homem. Acreditam em todos os Sacramentos enquanto estes revelem a presença Divina. Toda vida é fundamentalmente sacramental. Em todos os tempos e para todos os homens e mulheres, Deus outorga os benefícios supremos da Sua bondade.

Os Quakers aceitam o batismo?

Não. Eles acreditam no batismo do Espírito, mas não o praticam. Ao nascer, o nome da criança é registrado nos livros oficiais das «reuniões» às quais pertencem os pais.

Que pensam a respeito do Céu, Inferno e Purgatório?

Os Quakers relegam este problema às interpretações individuais. «O Livro de Disciplina, Fé e Práticas» não trata destas perquirições teológicas. Acreditam que existe uma vida depois desta.

E acerca da Santíssima Trindade?

Também sobre este assunto dão o máximo de liberdade individual. É preciso recordar que o Quakerismo tem como base «a vida religiosa em si» e não princípios dogmáticos. A sua fé é uma religião de experiência. Tudo aquilo que, experimentalmente, é conhecido a respeito de Deus, do Espírito Santo e de Jesus Cristo, torna-se automaticamente o «Guia da Verdade». E acreditam na imanência de Deus antes que na sua transcendência.

Que acham da Bíblia?

Os Quakers creem que a Verdade se encontre na Bíblia não porque tudo o que esteja escrito seja verdadeiro só pelo fato de o ser na Bíblia. Eles sempre foram grandes estudiosos da Bíblia. Um estudante Quaker fez parte do comitê que editou a Versão Autorizada da Bíblia e um outro estudante foi membro do grupo que traduziu a nova Versão Padrão da Bíblia.

Todos os Quakers são Pacifistas?

Não. Alguns abandonaram o seu pacifismo e partiram para a guerra. Mas do ponto de vista grupal, os Quakers que as formas não violentas de se conseguir a paz, representam o único caminho para a resolução dos problemas internacionais. William Penn afirmava que os «Amigos» existem «não para lutar, mas para sofrer».

Os Quakers sempre se enfileiraram entre os que condenam a guerra. Cromwell pediu a George Fox que lutasse com ele em 1650 e Fox escreveu em seu «Diário»: «Eu disse-lhe que sabia como as guerras surgiam e que conhecia os poderes que as ocasionavam». Durante a Primeira Grande Guerra, o direito de recusa não foi reconhecido pelo Estado e, por isso, muitos Quakers foram presos.

Os Quakers possuem algum credo?

Sim: — as chamadas «Queries». Originariamente as «Queries» eram um conjunto de perguntas que visavam a encorajar a fidelidade dos membros à sua vida religiosa. Na prática, os Quakers respondem uma das «Queries» na reunião mensal e todas as 12 na reunião anual. As «Queries» mais comuns são: Você acha que os «Amigos» comparecem às reuniões com o espírito e o coração preparados para a adoração? A unidade e o amor continuam perfeitos entre vocês? São vocês capazes de perdoar e manifestam cuidado pela reputação dos outros?

Perguntas que se relacionam com a conduta individual ou coletiva: Auxiliar aqueles que necessitam de ajuda material? Assegurar igualdade de oportunidade, no plano econômico e social, àqueles que sofrem de discriminações por motivo de raça, religião ou classe social? Compreender e remover as causas da guerra, desenvolvendo e estimulando as condições para a paz? Assegurar a liberdade política e religiosa, ao mesmo tempo que proporcionar oportunidade para a educação de todos?

Você lê frequentemente a Bíblia ou qualquer outra literatura religiosa? E' pontual no cumprimento das suas promessas e no pagamento das dívidas contraídas? Em todas as relações que mantêm com os outros costuma tratá-los como irmãos?

(Cont. na página 58)

CINE-ROMANCE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ A jovem e bela Lina é apupada no teatrinho onde se exhibia, substituindo, eventualmente, a mãe que estava doente. O príncipe russo, Sergio Bariatini, aplaude-a, impondo o silêncio na platéia. Depois, ao saber do que ocorria com a jovem, o príncipe dá-lhe dinheiro e jóias caríssimas para que custeie o tratamento da mãe. Após a morte da mãe, Lina toma lições de canto com o famoso Maestro Dória, que a leva, em seguida, para Paris. Na capital francesa, por motivos de rivalidades artísticas, luta em duelo com outra cantora e vence, tornando-se famosa em toda a Europa. Numa festa aristocrática, para a qual é convidada, reconhece o príncipe Sérgio, seu antigo protetor, mas este não se lembra mais dela. Ao contrário do que ela podia esperar, o Príncipe aposta com os amigos que é capaz de conquistar a famosa Lina Cavallieri, por todos considerada a mais bela mulher do mundo. Convida-a para uma festa em seu palácio e consegue conquistá-la integralmente. Lina, porém, decepçiona-se ao saber que o Príncipe dos seus sonhos só a procura com o fim de ganhar a aposta.

(LA DONNA PIÙ BELLA DEL MONDO)

ELENCO:

GINA LOLLOBRIGIDA		Lina Cavallieri
VITTORIO GASSMAN		Príncipe Sérgio
ROBERT ALDA		Doria
ANNE VERNON		Carmela
TAMARA LEES		Manolita
ENZO BILLIOTTI		Perret
GINO SINIMBERGHI		Silvani

Com a participação de MARIO DEL MONACO

★

Direção de ROBERT Z. LEONARD

Argumento de Maleno Malenotti

Produção de Maleno Malenotti

Rodado em Eastman Color e Copiado em
Tecnicolor — Apresentação da ART FILMS

Finalmente, a mais bela de todas as mulheres reencontra o feliz destino no amor de Sérgio.

A MAIS BELA MULHER DO MUNDO

CAPITULO II

De manhã, no bosque de Vincennes, quando as duas rivais se aprestam para o duelo, vê-se uma multidão elegantíssima. E entre ela, se acham os maiores nomes da vida artística de Paris; nomes que podem construir ou destruir uma celebridade no espaço de uma hora. Lina exulta. Compreende que aquela poderá ser a sua oportunidade. Com estudada lentidão, Lina se põe em guarda para a luta, tirando o casaco e a camisa. Resta somente um porta-seios, que revelaria o esplendor de suas espáduas e dos seios livres de qualquer sujeição, enquanto que

sua adversária, não podendo exhibir as mesmas qualidades físicas, mantém o busto coberto. Um murmúrio de admiração corre entre os homens presentes.

Lina é mais bela assim, semi-nua, com os olhos fixos e os cabelos soltos ao vento. Sua adversária já praticamente vencida, pensa bem e corre para os braços dos amigos à primeira investida da lâmina de Lina. É a glória para a Cavallieri, que assim como se encontra é levada em triunfo. Todos se ufanam em torno dela, gritando o seu nome, lançando convites, flores

e presentes. O proprietário do «Folies Plastiques» apresenta-lhe um contrato com as cifras em branco. Poucas noites depois, o nome de Lina Cavallieri brilha em letras de fogo na fachada do «Folies Plastiques», no novo espetáculo intitulado «La Donna Più Bella del Mondo». Os jornais estão cheios de suas fotos e do seu nome. Paris tem uma nova rainha.

No salão do Teatro, completamente lotado do que há de mais representativo, reina uma expectativa. Lina, como o seu número, fecha o espetáculo. Quando desce a cortina o público

irrompe em frenéticos aplausos porque descobre que a belíssima jovem tem também voz e talento. Trata-se de uma mulher verdadeiramente excepcional. Também Sérgio assiste ao triunfo de Lina, mas sem reconhecê-la como a moça que anos antes auxiliara em Roma. Os amigos de Sérgio falam dela como uma mulher fatal e inabordável. Isto provoca a curiosidade do príncipe, que aposta com o visconde de La Turenne que a fará sua em pouco tempo. O preço da aposta são os seus cavalos caríssimos contra o iate de Turenne. Terminado o espetáculo, quando Lina se prepara para sair com o célebre tenor Mário Silvani, Sérgio lhe manda um convite para o Palácio Bariatini. Era esta a ocasião com que Lina sempre sonhara para rever o seu príncipe encantado. Mário, bom e compreensivo, se contenta em acompanhá-la no carro até ao Palácio. Enquanto deixam o Teatro, o Maestro Dória, que havia assistido ao crescente sucesso de Lina com surdo rancor, consegue acompanhá-la pensando em dissipar a sombra que se interpunha entre ele e a atriz. No Palácio Bariatini, onde já se acham reunidos os amigos, depois de breve colóquio, o príncipe convida Lina para dançar. Dançando, afastam-se da sala e penetram no jardim.

Sérgio apaixonado com a beleza daquela mulher que está a tremer em seus braços, murmura palavras cheias de paixão. Lina não se surpreende, julga verdadeiros os sentimentos expressados pelo príncipe. Está feliz porque pensa que Sérgio a ama. Fogem da festa enquanto os amigos iniciam uma pequena orgia. No «chalet» de caça de Passy, onde os dois jovens foram ter, a vitória de Sérgio sobre Lina é tão fácil que desconcerta o jovem nobre, que, entretanto, ainda ignora o motivo. E só depois de a ele entregar-se totalmente é que Lina se faz reconhecer e declara que ele fôra o único em sua vida; que sempre o amara desde aquele momento fugaz em Roma. Declara-lhe ainda que tentara por todos os meios realizar o milagre de tornar-se uma grande atriz somente para tornar-se digna dele e inspirar-lhe amor. Esta súbita revelação conturba a mente do Príncipe e o faz compreender, porém tarde, porque os amigos dele logo entram para controlar a aposta. Ele queria confessar que a amava verdadeiramente, mas Lina já não lhe dá atenção. Sérgio quer ainda afastar os amigos que se vangloriam de ter perdido a aposta. Nestes breves instantes Lina compreende que havia caído numa armadilha. Ela entra no quarto para vestir-se e ouve a cavalheiresca confissão de Sérgio aos amigos: «passei a noite só. Perdi a aposta. É por isso que estou aborrecido!»

Cheia de dor, desiludida completamente, ela atravessa o grupo de homens, onde se acha Sérgio, e lança na face de todos o seu infinito desprêzo, concitando La Turenne a pagar a aposta. Depois, foge desesperada. Vai perambular pelas margens do rio. E ter-se-ia jogado à correnteza se Mário Silvani não a tomasse em seus braços e a levasse para bem longe de Paris, ao encontro de uma nova vida.

Lina Cavallieri havia desaparecido misteriosamente. Os jornais criavam hipóteses verdadeiramente absurdas e se compraziam com o sensacionalismo das suposições. Enquanto Lina, ao contrário do que se pensava, estava com Mário Silvani, numa casa de campo, onde estuda ininterruptamente canto com uma professora de piano. Seu desejo supremo era ser famosa como artista e não como mulher bonita. Sua beleza passa, então, a constituir uma infelicidade tanto para ela como para os outros. Lina detesta o ter que ser bela. Mário, silenciosamente, apaixonou-se por ela e pede-a em casamento, declarando que ela não precisa responder agora, mas quando bem entender.

Em Paris, anuncia-se a «Tosca», interpretada por Lina Cavallieri. A notícia causa uma grande sensação nos meios artísticos. Dirigirá a orquestra o Maestro Dória. O acaso reunirá novamente estes dois personagens. Dória parece não alimentar qualquer rancor em relação à Lina, mas sob a máscara fria e formalista da sua cortesia de homem de salão, encontra-se uma alma apaixonada. É que ele ama e quer ardorosamente aquela bela mulher que uma vez lhe fugiu e a quem buscara incansavelmente desde que desaparecera. Lina, feliz, reconhecida e

comovida pelo cavalheirismo e pelo amor de Mário Silvani, escolhe o dia da sua gloriosa estréia para prometer-lhe casamento. A notícia deste noivado corre através das galerias e corredores do teatro. Todos se congratulam; mesmo Dória, não obstante o seu drama íntimo, deixa de levar os seus votos ao casal, no camarim onde se encontram. Reentrando em sua cabine, após o primeiro ato, Lina encontra Sérgio à sua espera. O príncipe pede-lhe perdão, dizendo que sempre a procurara, desde aquela noite para declarar-lhe o quanto a amava e a desejava e o quanto ele havia sofrido na longínqua Rússia, pagando pela sua loucura de uma noite. Conclui dizendo que ali estava para pedi-la em casamento e levá-la para a Rússia. Lina, embora com o coração despedaçado, deve recusar aquela oferta, não obstante haver sonhado com ela durante toda a sua existência. Agora, entretanto, estava comprometida com outro e honraria a sua palavra! Para encobrir a sua perturbação e, de um certo modo, para melhor resistir à tentação de ceder ao antigo e único amor de sua vida, Lina declara ao príncipe que jamais o amou e que o fato de a ele se ter entregue, naquela noite, não passara de um simples capricho já superado e esquecido; que, na realidade ama a Mário e a prova é que está para desposá-lo. O príncipe, com o amor próprio ofendido, deixa-se vencer pelo orgulho e pela paixão e faz ameaças contra o seu rival.

Na sala da ópera encontra-se uma multidão que se prepara para aplaudir galantemente uma mulher de rara beleza que voltou caprichosamente a Paris cantando ópera, mas descobre, inesperadamente, que está diante de uma verdadeira cantora lírica.

Lina alia ao canto toda a expressão de sua dor imensurável e Mário exprime toda a sua felicidade. Cantam, agora, o terceiro ato do melodrama, e todos escutam encantados e comovidos. Também Sérgio, do seu camarote, ouve

com atenção, o coração a saltar dentro do peito. O Maestro Dória dirige a orquestra fria e controladamente. No fim do ato há uma cena de fuzilamento, e está se avizinha. Nunca «E lucen le stelle...» havia sido interpretada com tanta emoção e tanta paixão como Mário está cantando nesta noite inesquecível. Nunca um Mário caiu, com a descarga dos fuzis, com movimento tão natural, com uma expressão real de sofrimento no rosto, com um grito de agonia tão lancinante, como se estivesse verdadeiramente ferido de morte. E nunca «Tosca» alguma na história da ópera, depois de se debruçar sobre o corpo de Mário, se levantara, realçando as mãos ensangüentadas com tanta potência dramática como o fez Lina. Mas, que acontece? O público murmura, agita-se nervosamente. Depois, subitamente descobre que qualquer coisa de grave se havia passado, pelo fato da «Tosca» não haver mais cantado, como era de se esperar. O público se inquieta mais ainda e, finalmente, se levanta de vez, enquanto, no palco, há uma tremenda correria. Entre a platéia espalha-se a fulminante notícia: o tenor havia sido morto por um tiro de fuzil que um braço assassino descarregou com um projétil real. Todos silenciam, enquanto Lina, com as mãos molhadas no sangue de Mário, assoma ao palco ameaçadora e acusadora. Olha para o camarote de Sérgio: está vazio.

«Sangue sobre a mais bela mulher do mundo»: eis os títulos sensacionalistas que alardeiam com variações ainda mais romanescas. No inquérito policial, ninguém é apontado como responsável.

Lina, vítima de um traumatismo emocional, retira-se de Paris a fim de fugir a má notícia popular.

Depois, a arte a reclama novamente e passa a novos e maiores triunfos na América, onde se registram fatos de singular entusiasmo que vão desde as pitorescas manifestações de Cowboy até às faustosas acolhidas de parte dos

(Continua na página 58)

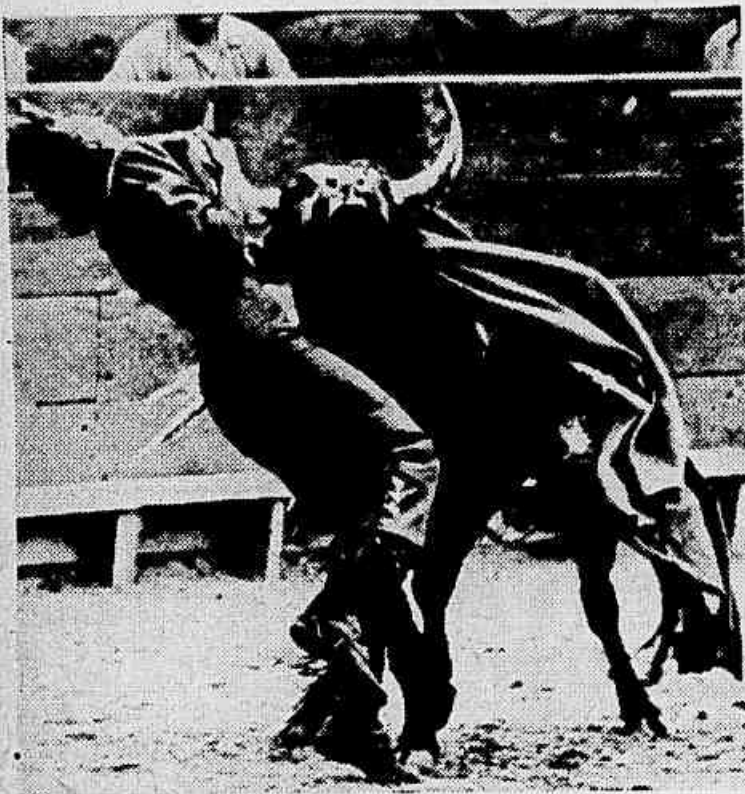
Lina vê, desesperada, o último ato da ópera se transformar em terrível realidade. Sangue...



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



JOAN CRAWFORD (sempre jovem), chega, com a família, a Londres, proveniente de Nova York. Ela tem atualmente quarenta e oito anos, e já tomou parte, em sua longa carreira no cinema, em setenta e oito filmes.



ÊSSE RAPAZ, Mister Universo, reside em Londres, com sua família. Tem nos braços a esposa, Kate, e a filhinha, Jeunesse Park, para treinar os músculos.

PAT MC CORMICK, toureira nascida no Texas, quase que era mortalmente atingida pelos chifres desse enorme miura, em uma de suas últimas exibições, realizadas em Tijuana, México.



TRÊS FOQUINHAS distraídas aproximaram-se demasiado da costa inglesa, e terminaram por encalhar em um banco de areia. Foram salvas afinal por uma baleeira, e adotadas pelos próprios salvadores.

REVISTA DA SEMANA — 40



PROBLEMA MUITO sério era até bem pouco a tomada de cenas para a televisão em ambientes acanhados e repletos de gente. Esse invento americano — uma câmara de um quilo de peso — acabou com ele.



JANE TICE, de vinte anos de idade, queria à força morrer e para isso atirou-se ao Rio Hudson. Não contava porém com a rápida ação da polícia, que a arrebatou às águas, mesmo contra a vontade. No carro, ainda tentou lançar-se à rua. Mas sem êxito.

IRA MURCHISON, de Chicago, e **Willie Williams**, de Gary, norte-americanos, abaixaram, com dois dias de distância, a marca mundial dos 100 metros razos em 10"2, que pertencia desde 1936 ao famoso campeão olímpico, também ianque, **Jesse Owens**. Novo recorde: 10"1.



GRACE KELLY E SEU PRÍNCIPE encantado compareceram ao grande baile anual da Cruz Vermelha Internacional, realizado em Mônaco, há cerca de um mês. Tiveram o privilégio de inaugurá-lo, perante uma assembléia de testas coroadas européias, e membros da nobreza de todos os recantos do mundo. Muitos artistas de Hollywood estavam presentes, entre eles Joan Fontaine. Dick Powell foi o introdutor oficial da festa. Na última fotografia aparecem Fontaine, Ali Khan e a «linda» Elsa Maxwell.



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70
SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966
End. Electr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Ricchuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsa Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO



TÓDAS AS
QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



O GRANDE AMOR DO

(Continuação do

◆ Depois de muito rodar, Luísa começa a temer algo desagradável. Entretanto, como não falava bem o português, mantinha-se calada, entregue à própria sorte.

O tilburi parou numa rua escura. O boleiro desceu e disse:

— E' aqui, dona...

Luísa obedeceu e passou um olhar de relance pela casa onde teria que ficar até à chegada de Artur. Não era propriamente uma casa, e sim uma choça, rancho paupérrimo coberto de palhas, em cujas falhas era preciso se colocarem folhas de jornal bem dobradas para que a chuva não molhasse o interior. Recebida, porém, com a maior distinção pelos moradores, é Luísa levada a um quarto modesto, onde a dona da casa a acomoda da melhor maneira. Não sabendo falar suficientemente a língua do país, a artista, porém, compreendia tudo com muita clareza e se esforçava por não vexar aquela boa gente tão acolhedora e esforçada.

No dia seguinte soube ela que a polícia andava à sua procura, por ordem do pai e da Ristori, ambos indignados com aquela fuga precipitada, alarmados com certos boatos que davam a artista como vítima de algum malfeitor. A moça, porém, fez compreender, que nada dissessem a quem quer que fosse, pois estava disposta a enfrentar todos os obstáculos e dificuldades até à chegada de seu amado.

Luísa sofre todas as consequências com o maior estoicismo. Não reclama a falta de conforto, não se lamenta, mostra-se alegre e confiante despertando grande admiração no espírito dos seus hospedadores. Diariamente procurava ela saber notícias de Artur. No dia 2 de dezembro recebeu de Marcelino esta agradável e ansiada notícia: A corveta «Vital de Oliveira» deveria chegar no dia seguinte, segundo informações de um oficial da Armada.

Luísa, que já estava em seu exílio desde a noite do dia 22 de novembro, não se contém de alegria. Seu coração se alvoroça e ela não dorme na noite de 2 para 3 de dezembro. Logo muito cedo se levanta, não para arrumar sua mala, pois havia fugido do teatro com a roupa do corpo, mas para saber se, realmente, Artur já chegara ao Rio. Já à tarde sabe que a corveta estava no porto. E o seu adorado comandante, quando iria vê-la?

Somente no dia seguinte foi ele à palhoça de seu amor.

— Luísa! — Exclamou o oficial com voz trêmula pela emoção.

Longo e apertado abraço os confundiu num só corpo. Trocaram beijos, enquanto os seus protetores se afastavam discretamente. Artur e sua bem amada muito conversaram. Ele explicou a causa por que não conseguira chegar a mais tempo. Ventos contrários retardaram a marcha do seu veleiro. Ela, então, lhe contou tudo o que fizera na noite da despedida da Companhia. Felizmente as coisas se passaram sem maiores dificuldades, e nada mais tinham que fazer senão agradecer àquela família humilde e hospitaleira o refúgio com que tanto ajudaram em seus sonhos felizes.

— Por que não veio antes, meu amor?

— Luísa, logo que cheguei, amigos meus, inclusive um contemporâneo de estudos, mas que é hoje funcionário da Polícia, me procuraram e advertiram que eu tivesse cuidado e só viesse vê-la protegido pelas sombras da noite. A polícia não tem descansado, à sua procura. Por isso, sem demonstrar meus intentos, cheguei e não procurei vir até aqui, embora já o soubesse, por intermédio do atual patrão do Marcelino. Explicou-me ele das razões por que o criado não a levou para a sua morada no Cais da Glória. Ali correria perigo de ser descoberta e presa. Sabe de uma boa notícia?

— Não. Qual é?

— Foi promovido a capitão de mar e guerra!

— Parabéns! — Disse ela abraçando-o.

— Bem, meu amor. Temos agora que providenciar a sua retirada daqui para a casa do papai. Para não chamar a atenção da polícia, que prossegue na busca, vamos vestir você de homem...

— De homem?!

— Claro! Se algum polícia me vir, há de aproximar-se e verificar se é você quem me acompanha. Não seria agradável vermos tudo de águas abaixo nesta altura dos acontecimentos. Vou providenciar o seu «travesti». Vai você transformar-se num guapo adolescente...

Duas horas depois chegava ao casebre um tilburi e dele saltava o capitão de mar e guerra Artur Silveira da Mota, com um embrulho. Entrou na palhoça e foi logo dizendo para Luísa:

— Pronto, minha querida. Vá meter-se nestas calças e vamos para a rua do Carmo.

— Você exagera, Artur, disse ela não sem alguma razão. A polícia não me deteve ainda, certamente porque não quis...

— Mas é melhor prevenir do que depois lamentar.

— Vê-se que você é o grande vencedor de Humaitá... — gracejou ela.

— Vamos, Luísa. Deixe de rodeios. Quero ver como fica, vestidinha de homem.

A moça se encerrou no quarto e, logo depois, voltava trajando calças e paletó, gravata e um chapéuzinho de lebre, um tanto surrado.

— Bravos, Creuza! Até parece que é Jasão!

Artur a abraçou com efusão e a beijou apaixonadamente. Os donos da casa estavam emocionados. A quanto levava o amor, o verdadeiro amor! Naqueles tempos era muito comum casar-se assim de fugidas. Em todas as famílias, tanto do Rio como de qualquer outra cidade do país, havia um ou mais casos de casamentos fugidos. Era romântico e... bastante econômico.

Minutos depois rodava o tilburi para a residência do senador Silveira da Mota, pai de Artur, levando através das ruas mal iluminadas daquele Rio colonial, a mais aplaudida jovem do Teatro Lírico da Capital do Brasil.

— Se o seu pai não quiser receber-me, Artur? — Perguntou ela durante o percurso.

— Já expus tudo a ele. Embora achasse precipitação de minha parte, disse-me que eu sou maior de idade, com elevado posto na Marinha de Guerra, e, por isso podia dispor de minha vida como bem entendesse. Quanto a ele, nenhum obstáculo criaria contra nossos desejos, Luísa. Pediu-me, apenas,

ALMIRANTE JACEGUAI

número anterior)

que eu a depositasse em sua casa e fôsse para nossa propriedade na Ilha das Flores, até efetuar-se o casamento.

— Um cavalheiro, o senador, — disse ela à meia voz.

Artur lhe apertou as mãos e a beijou numa das faces. Sentiu o sabor das lágrimas que rolavam dos olhos da amada.

— Alegre-se, Luísa. Deixe seus olhos descansarem. Entre em casa de meu pai com ânimo elevado e coração alegre. Estamos chegando ao final de nossa encantadora aventura.

— Meu pai, disse ele apresentando Luísa, aqui fica minha futura esposa. Peça-lhe que a trate como a uma filha.

O velho, embora não pudesse fingir alegria, se manteve ereto, com a maior dignidade. Cumprimentou a futura nora e a confiou às servais do seu lar para que tomassem conta dela até ao dia do casamento. Luísa voltou a vestir-se como devia, não sem provocar risos femininos em casa do senador. Fôra um ardil bastante engraçado. Ela mesma fazia comentários jocosos, provocando bom humor do próprio senador.

No dia seguinte recebe Artur uma notícia que o deixa contrariado. Terá que partir como comandante da corveta «Niterói» em viagem de instrução de uma turma de guardas-marinha, velejando diretamente para o Cabo da Boa Esperança.

— Quando será a viagem? — Pergunta-lhe Luísa.

— Ainda não está marcada; mas deve ser dentro de algumas semanas.

— Então, porque não nos casamos logo?

— Não será preferível fazer primeiro esta viagem, meu amor?

Luísa não cede. Artur já estava disposto a casar-se antes, quando surge perigoso incidente.

Giácomo Glech, que continuava no Rio disposto a resolver o caso da filha logo que soube que ela estava refugiada em casa do senador, mandou um emissário entender-se com o oficial, na Ilha das Flores.

— E' o sr. capitão Artur Silveira da Mota?

— As suas ordens. Com quem tenho a honra de falar?

— Com o comerciante Tribiani, amigo do sr. Giácomo Glech.

— Ah... — fez Artur. Queira sentar-se.

— Vim aqui advertir o senhor, de que a situação da filha do meu amigo não pode continuar assim.

— Assim... como?

— Assim com a irresponsabilidade com que o senhor a está tratando!

O oficial, homem de gênio arrebatado, repeliu a indireta:

— Retire-se, seu atrevido! Não lhe dou a ousadia de dirigir-se a mim nos termos em que fala! Se o seu amigo tem algo a dizer-me, que venha pessoalmente, e não incumbindo um tipo sem a necessária educação como o senhor!

Os dois trocam palavras ásperas. Silveira da Mota está perdendo a paciência e a compostura.

— Vou abrir uma campanha contra o senhor pelos «A Pedidos» do «Jornal do Comércio», capitão!

— Vá para o diabo que o carregue, idiota! Não temo campanhas de ninguém, quanto mais de um patife de sua marca!

Exasperam-se ambos. Pessoas da família acorrem e procuram apaziguar os ânimos. Por último Silveira da Mota conclui:

— Pois diga ao sr. Glech, que não casarei com a filha dele enquanto ele permanecer no Rio! Ouviu?! Vá dizer-lhe isto. Quando retirar-se do Rio e viajar para a Europa, então desposarei Luísa. Não o farei com a presença dele aqui! Vá, retire-se!...

Tribiani saiu trêmulo de raiva; mas fôra o provocador de um incidente inútil e que viera agravar a situação de Luísa. Artur queria casar-se dentro de mais uma ou duas semanas; mas o emissário de Giácomo fôra de uma incapacidade deplorável. Não soubera agir com prudência e cortesia. Mais realista do que o rei, achara que devia desabafar o coração do amigo falando com ele de maneira inconveniente e irritante.

Artur, naquele mesmo dia, foi à casa do pai e falou com Luísa. Contou-lhe o ocorrido e lhe disse que, diante do procedimento de Giácomo, ele só trataria do casamento depois que voltasse do cruzeiro da «Niterói». Mas a moça não concordou com essa idéia.

— Não aceito esta solução, Artur. Se não nos casarmos antes de sua viagem, voltarei para a companhia de meu pai e seguirei com ele para a Itália.

— Luísa! — Exclamou Artur estupefacto.

— E' a minha resposta à sua vacilação. Estou pacientemente à espera de nosso casamento. Muito tenho sofrido. Durante onze dias me exilei lá no Jardim Botânico dormindo mal e me alimentando insuficientemente, na certeza de que você, ao chegar, decidisse nosso destino.

Sua voz se tornou trêmula. Seus olhos se umedeceram. Artur estava numa encruzilhada. Reconhecia que Luísa tinha razão. Ele não devia adiar por tanto tempo o seu enlace. Consultou o pai. O senador achou que deviam casar-se o mais rapidamente possível. Já era tarde para recuar ou atempar o casamento, embora nada houvesse ainda de anormal. Mas o caso ganhara a rua, era comentado na sociedade, censurado por uns, aplaudido por outros. O melhor seria acabar com a novela e se casarem.

Daí em diante começaram a providenciar o enlace do futuro Almirante Jaceguai, e, a 9 de fevereiro de 1870, quando a guerra do Paraguai já estava praticamente vencida pelo Brasil, uniam-se em modesta cerimônia religiosa na capela particular da residência do senador Silveira da Mota, o oficial da Marinha Brasileira com a encantadora artista italiana. No dia seguinte viajava o capitão Artur para o cruzeiro de instrução pelo mundo deixando no Rio a esposa saudosa. Fôra uma lua de mel de poucas horas, adiada para a definitiva, quando ele regressasse de sua missão. Aí então, confortados pela conquista da felicidade, viveriam unidos, inseparáveis, dividindo as alegrias e suportando as contrariedades, como dois eternos amantes, para os quais só existia um objetivo: o Amor.

N Ã O P E R C A M

EU SEI TUDO

DE OUTUBRO

AS CRIANÇAS, ESSAS CIUMENTAS.

A INSÔNIA É UMA PATRANHA!

BANHISTAS, CUIDADO COM O "CALDO"...

AS ABELHAS SALVARAM O PAPA!

CHEGA AO FIM O DOMÍNIO
DO HOMEM BRANCO

NO OCASO DA ERA COLONIAL, A ESPERANÇA
E O TEMOR DE DOIS MUNDOS! ..

PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa



EÇA DE QUEIROZ, convidado pelo Khediva, compareceu às deslumbrantes festas que marcaram a inauguração do Canal de Suez. Suas impressões, insuperáveis, desfilam neste artigo.

A INAUGURAÇÃO DO CANAL DE SUEZ

COMO PRESENCIOU, HÁ MAIS DE OITENTA ANOS, UM ENVIADO ESPECIAL... ESPECIALÍSSIMO ★ IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS DAS SOLENIDADES ★ SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA COMPANHIA DO CANAL DE SUEZ

Reportagem de EÇA DE QUEIROZ

A CEDO da melhor boa vontade ao seu desejo de que lhe escreva a história real das festas de Suez. Conto-lhe, porém, simplesmente descarnadamente, o que me ficou em memória daqueles dias confusos e cheios de acontecimentos, tanto mais que as festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações — o Cairo e Jerusalém: estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como pode estar um desenho linear a lápis, entre uma tela resplandesciente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuária de Delaroche, o pintor do Evangelho.

Talvez em breve diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos Seus profetas. Hoje faço-lhe apenas a narração trivial, o relatório chato das festas de Port-Said, Ismailia e Suez.

... Tínhamos voltado, eu e o meu companheiro, o conde de Rezende, numa excursão às Pirâmides de Gizé, aos templos de Sakkarah e às ruínas de Memphis, quando no Cairo soubemos que estavam na baía de Alexandria os navios do Khediva que deviam levar-nos a Port-Said e Suez.

Vínhamos do sossêgo do deserto e das ruínas, e logo na gare do Cairo, ao partir para Alexandria, começamos a envolver-nos, bem a custo, naquela confusão irritante que foi o maior elemento de todas as festas de Suez. A previdente penetração da polícia egípcia tinha esquecido que trezentos convidados, ainda que não tenham a corpulência tradicional dos pachás e dos vizires, não podem caber em vinte lugares de vagões, estreitos como bancos de réus. Por isso, em volta das carruagens, havia uma multidão tão ávida como no saque de uma cidade.

Jonas Ali, o nosso drogman, um núbio, intrigou, conspircu, clamou e alcançou-nos numa carruagem de segunda classe, miseravelmente desmoronada, dois lugares empoeirados.

Confesso que foi com o maior tédio que comecei a atravessar a magnífica natureza do Delta. Demais, os caminhos de ferro egípcios não têm uma velocidade fixa. Vão aos caprichos do maquinista, que, de vez em quando, pára a máquina, desce, acende o cachimbo, ri com algum velho conhecimento de estrada, sorve minuciosamente o seu café, torna a subir bocejando, e faz partir distraidamente o comboio. Nesse dia, porém, o ar estava nublado, chuvoso; o maquinista levou-nos rapidamente a Alexandria. Na baía esperavam o Masrah, o Fayoum, o Behera, navios do Pachá. O embarque fez-se com a confusão habitual, complicada com os

embaraços dum mar agitado: os barcos iam cheios de gente, uns de pé, outros sentados na borda, roçando pela água, outros gravemente equilibrados sobre a acumulação pitoresca das bagagens: ria-se, fulminava-se a organização e a polícia das festas, gritava-se um pouco quando os barcos pesados oscilavam mais inquietantemente. Nós subimos para o Fayoum, que devia levantar ferro nessa tarde, apesar do tempo contrário e dos mares que víamos partir de longe na linha de rochedos, que precede a baía de Alexandria. E ao outro dia, por uma bela manhã, entrávamos em Port-Said por entre os dois grandes molhos que se adiantam paralelamente pelo mar, feitos de poderosos blocos de pedra solta. Port-Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de indústria e de operários: estaleiros, forjas, serralharias, armazéns de materiais, aparelhos distilatórios. A sua construção foi determinada pela necessidade de haver um vasto porto, que fôsse uma estação de navios, à entrada do canal, e primitivamente para que engenheiros, maquinistas, diretores de obras tivessem um centro. Isto dá-lhe um aspecto de cidade provisória. Como havia espaço, as ruas são largas como praças e compridas como avenidas: as casas são baixas, de materiais ligeiros: sente-se a construção rápida e a incerteza da duração. Apesar dos seus doze mil habitantes, não há ainda ali um viver definitivo e regular. Não há estabelecimentos feitos na esperança de duração; não há comércio fixamente estabelecido; tudo tem o aspecto duma feira, que hoje ganha e se anima, e amanhã se levanta e se dispersa. E isto, porque apesar da confiança de toda a população na prosperidade do canal nenhuma profissão, nenhum negócio se quer arriscar a estabelecer-se dum modo definitivo, correndo o perigo de ver aquêle começo de cidade estiolar-se e morrer miseravelmente. Pois tal seria a sorte de Port-Said, bem como de Ismailia, se o canal fôsse uma inutilidade, abandonado do comércio e da navegação.

A sua construção ressentia-se, pois, destas circunstâncias, nem edifícios, nem monumentos, nem habitações sólidas e sérias; tudo é ligeiro, barato, temporário. A igreja católica é como uma grande barraca: vê-se o céu azul através do seu teto feito de grandes traves mal unidas. Daí o aspecto triste de Port-Said. No fim das festas, tempo depois, quando ali tornei a passar, em viagem para Jerusalém, pareceu-me pela apatia de vida, pelo silêncio, que o deserto começava de novo a aparecer por entre aquela iraca aparência de cidade.

Mas naquele dia 17, da inauguração, Port-Said, cheio de gente, coberto de bandeiras, todo ruidoso dos tiros

dos canhões e dos hurrahs da marinhagem, tendo no seu porto as esquadras da Europa, cheio de flâmulas, de arcos, de flores, de músicas, de cafés improvisados, de barracas de acompanhamento, de uniformes, tinha um belo e poderoso aspecto de vida. A baía de Port-Said estava triunfante. Era o primeiro dia das festas. Estavam aí as esquadras francesas do Levante, a esquadra italiana, os navios suecos, holandeses, alemães e russos, os iates dos príncipes, os vapores egípcios, a frota do Pachá, as fragatas espanholas, a Aigle, com a imperatriz Eugénia, o Mamoudeb com o Khediva, e navios com todas as amostras de realeza, desde o Imperador cristianíssimo Francisco José, até ao kaid árabe Abd-el-Kader. As salvas faziam o ar sonoro. Em todos os navios, empavesados e cheios de pavilhões, a marinhagem, perfilada nas vergas, saudava com vastos hurrahs. De todos os tombadilhos vinha o vivo ruído das músicas militares. O azul da baía era riscado em todos os sentidos pelos escaleres, a remos, a vapor, à vela: almirantes com os seus pavilhões, oficialidades todas resplandescentes de uniformes, gordos funcionários turcos afadigados e apopléticos, viajantes com os chapéus cobertos de véus e de «couffies», cruzavam-se ruidosamente por entre os grandes navios ancorados; as barcas decrepitas dos árabes, apinhadas de turbanes, abriam as suas largas velas riscadas d'azul. Sobre tudo isto o céu do Egito, duma cor, duma profundidade infinita. A noite a cidade iluminava-se, enchia-se de músicas e festas populares. As esquadras tinham as suas armações e cordagens cobertas de fios de luz. Durante toda a noite os fogos de artifício, numa grande linha de terra, faziam sobre o céu escuro um grande bordado luminoso.

Na baía havia um viver completo, como numa cidade: bailes a bordo dos navios, jantares, visitas trocadas, recepções, passeios a remo, serenata nos escaleres. De tudo isto saía uma luz, um ruído, um fluído de vida poderosamente original. Havia em Port-Said um café cantante, memorável pela excentricidade da sua alegria: estava tão cheio de gente que era necessário fumar, beber, ouvir, de pé, sufocado, hirtó. Quando no palco aparecia a atriz para dizer a sua canção, as mil vozes daquela imensa multidão, acompanhadas do tinir cadenciado dos copos, do bater dos pés, dos assobios, dos uivos, dos gritos, repetiam, com estrondoso assombro, a canção conhecida da atriz. Era bestial e extraordinário.

No dia seguinte ao da chegada, descemos todos à terra para a cerimônia da inauguração. Do lado oposto aos molhes, para além da cidade, tinham-se construído

três pavilhões, estrados tapetados e brasonados, sobre a areia úmida da espuma do mar. Era nesse lugar a celebração religiosa: os ulemas e os padres cristãos deviam abençoar e consagrar nos seus ritos o canal de Suez. Um grande cortejo de convidados precedidos dos príncipes, entre os quais sobressaía a pensativa e bela figura de Abd-el-Kader, dirigiu-se para esse lugar, entre duas fileiras de soldados egípcios, de arcos, de bandeiras, e de árabes que abriam grandes olhos. No pavilhão principal, de côres triunfantes, colocaram-se os convidados reais e imperiais e os mais que podiam caber; no outro pavilhão estavam os ulemas maometanos; no terceiro os padres latinos, gregos, armênios e coptas.

Quando todos tomaram os seus lugares e o grande rumor da chegada se acalmou, os ulemas prostraram-se, voltados para o lado de Meca, os padres cristãos começaram a missa, a artilharia salvou nas esquadras. Entretanto a multidão apinhava-se sobre areia úmida e em volta dos estrados; a grossa figura vermelha do Khediva estava radiosa, a Imperatriz tinha um ar de satisfação discreta, o sr. de Lesseps tinha o seu belo e inteligente sorriso. Em redor e até ao fundo horizonte, o mar reluzia. Quando a artilharia findou, Mr. Bauer adiantou-se à beira do estrado e falou. Mr. Bauer é um homem baixo, pálido, de cara feminina e larga, cabelos pendentes em anéis sobre os ombros, asseado, barbeado, perfumado, delicado e com uma voz assombrosa. O que ele dizia eram palavras de fraternidade entre o Oriente e o Ocidente, esperanças de uma humanidade mais unida por aquela ligação marítima, palavras afáveis aos convidados reais, e recordações piedosas dos corajosos trabalhadores, que durante aquela obra de luta morreram obscuramente.

Quando ele disse o nome do sr. de Lesseps, toda a imensa multidão bateu as palmas. Mr. Bauer findou, e o cortejo voltou à praia e dispersou-se pelos navios. Durante toda a noite os fogos de artifício, os clamores alegres da cidade, o ruído dos escaleres, as músicas, encheram a baía de vida.

Ao outro dia os navios começaram a mover-se lentamente, voltando a proa para um ponto da baía de Port-Said, onde se erguiam, como os dois umbrais de uma porta, dois obeliscos de madeira pintados de vermelho. Era a entrada do canal de Suez.

Entretanto, corriam por todos os navios estranhos boatos. Dizia-se que o Latife, pequeno vapor que na

véspera tinha partido como explorador, encalhara; que os navios reais e imperiais, os vapores egípcios com os convidados, não podiam passar na estreiteza do canal, e que apesar de aliados da sua artilharia, e sem lastro, pediam mais água do que o canal tinha de profundidade; que o vice-rei e o sr. de Lesseps tinham partido para ver o Latife; que se resolvera em último caso fazê-lo saltar; que as festas cessavam, e tudo regressava a Alexandria, como no tempo das derrotas d'Actium.

Em Port-Said e a bordo dos navios havia inquietações: os comissários, as officialidades, os engenheiros, interrogados, calavam-se discretamente, esperavam ordens de Ismailia — e receavam. Com efeito o Latife estava encalhado. Isto, em primeiro lugar, demonstrava a impraticabilidade do canal: o Latife é um pequeno vapor, estreito, calando pouco, quase um rebocador. Além disso, era um obstáculo material, brutal, a que os outros navios fizessem uma tentativa corajosa.

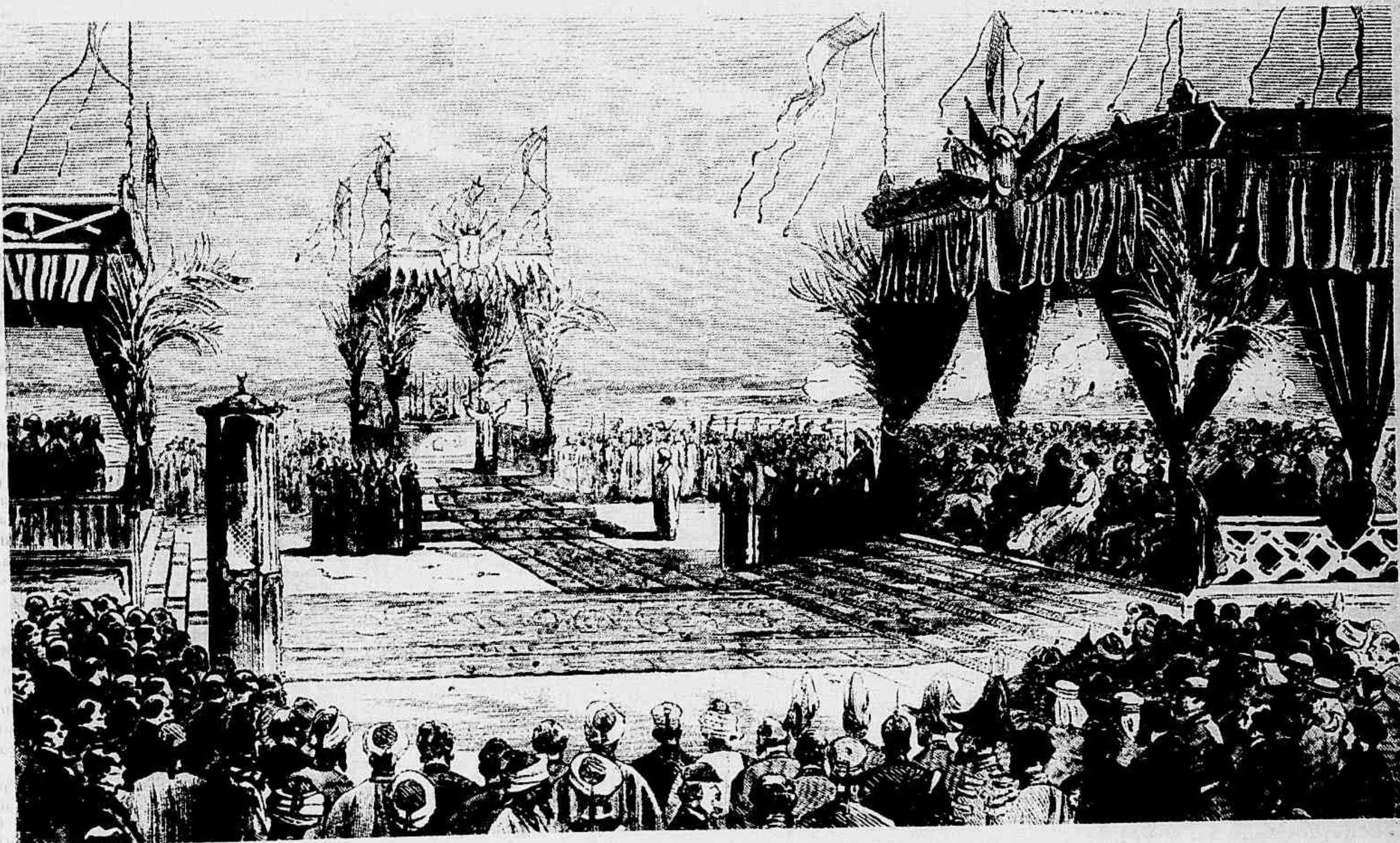
Dizia-se que o vice-rei estava desolado, que o sr. de Lesseps perdera a sua habitual e impassível firmeza de espírito, e que telegrafara para Paris anunciando o resultado desastroso. Realmente, depois de dez anos de tantos esforços e tantas lutas, tantos combates com o deserto e tantos combates com a intriga, depois de tantos milhões sorvidos pelas areias, de tantas vidas aniquiladas, de tantas festas anunciadas, depois das bênçãos do sr. Bauer e das ovações ao sr. de Lesseps, era doloroso ver findar tudo repentina e vergonhosamente, verificar-se que num canal feito para a navegação não cabiam navios, que aquilo era uma obra ridiculamente grandiosa, e que, em lugar de tudo terminar em triunfos, tudo terminava em gargalhadas! Estivemos nestas incertezas parte do dia. Esperava-se o vice-rei, que fôra num pequeno escaler ao canal ver o desastre do Latife. Enfim, pelo começo da tarde, os navios começaram a mover-se, as inquietações findaram, o vice-rei voltava, o Latife estava desencalhado, a Água seguia já, e a obra do sr. de Lesseps começava a justificar-se.

O Fayoum então penetrou corajosamente no canal. O Fayoum era o maior navio do cortejo. Caminhava-se com grande cuidado: no meio do canal bandeiras brancas marcavam precisamente a linha que deviam seguir os navios, para acharem a necessária profundidade de água. Conservavam-se minuciosamente em

distância; ia-se devagar, sondando; havia mais cuidados e escrupulosos receios, do que na navegação dum labirinto de rochas. Na realidade, o canal aparecia-nos estreito, baixo, e a cada momento receávamos ver a proa do navio ir atufar-se nas areias das margens elevadas. O canal, ao sair de Port-Said, atravessa o Mensaleh, antigo lago lamacentoso. Os vãos de ambos os lados do canal reluzir ao sol aquela água morta, pesada, esverdeada.

Foi esta a primeira grande dificuldade dos trabalhos. Era necessário, no meio daquele largo lodaçal, abrir um canal navegável e construir margens. As dificuldades cresciam com a insalubridade daqueles lugares miasmáticos. Felizmente, ao violento sol do Egipto, o lodo extraído e amontoado, a fim de formar as margens, secava rapidamente. Empregaram-se ali esforços heróicos. Os operários da Europa desertaram daquele trabalho perigoso. Era necessário empregar os habitantes das margens daquele lago de lamas: estes entravam até à cintura na água espessa, tiravam com as mãos a maior quantidade de lodo possível, apertavam-no ao calor do peito até secar, e iam-no enfileirando em pequenos montículos, formando assim o começo das margens. As dragas vinham por fim, e aprofundavam e aperfeiçoavam aquêle trabalho elementar.

Depois do lago Mensaleh o canal entra definitivamente no deserto, até ao lago Timsah, à beira do qual está Ismailia. A meio do caminho de Ismailia, o Fayoum encalhou na areia da margem direita, desembarçou-se com grandes esforços, seguiu; mas, como a pouco espaço encontrasse o caminho obstruído por outro navio que estava encalhado, lançou âncoras durante a noite. Havia uma lua admirável, que iluminava de um lado e de outro a extensão branca do deserto. Aquêlê lugar onde estávamos parados tinha sido precisamente um dos mais difíceis do trabalho. Chamava-se El-Guisr. Havia ali enormes dunas de areia, que era necessário remover. O vento do deserto incomodava e impedia os trabalhos. Viviam ali, em trabalho incessante, dezoito mil operários. Da terra que se tirava para fazer o leito do canal formaram-se de um lado e de outro paraesitos enormes: à maneira que os paraesitos cresciam, mais difícil era conduzi-los acima a terra que se tirava; os árabes levavam-na, resvalando, rolando, caindo, em cestos chamados «couffins»; recusavam-se obstinadamente a empregar outro qualquer meio moderno e eficaz, para conduzir a



ERA NESSE lugar a celebração religiosa: os ulemas e os padres cristãos deviam abençoar e consagrar nos seus ritos o canal de Suez.

terra, que não fôsse o «couffin». Calculou-se que todos os cestos empregados, sendo colocados em linha, dariam três vezes a volta ao globo. Todavia os parapeitos ainda não eram obstáculos bastantes contra o vento do deserto e contra a invasão crescente das areias: fixavam-se paliçadas, elevavam-se muralhas de lama seca, faziam-se plantações numerosas e vivazes para impedir a flutuação das areias. Naquela multidão de operários reinava a mais absoluta ordem: ali, e em todo o percurso dos trabalhos, havia hospitais, ambulâncias, armazéns; incessantes caravanas percorriam o deserto trazendo víveres. Os europeus, logo ao princípio, esmagados pela imensidade e estranheza do trabalho, desertaram. Vinham então gregos, dalmatas, armênios, árabes. Todas as raças, todas as línguas, todas as religiões ali se reuniam. Do interior do deserto corriam as tribos de beduínos a pedir trabalho. Havia enormes acampamentos.

O sr. de Lesseps andava sempre no caminho dos trabalhos, no seu belo dromedário branco, envolto no burnu árabe, aclamado pelos operários. Aquelas pobres raças da planície e do deserto estavam fascinadas por duas coisas novas para elas, — o ganho pelo trabalho e a água abundante!

Nada restava agora daquele grande movimento, senão, a grandes espaços, algum abarracamento levanta-

se abastecer o baixo vale do Nilo, a seis horas de distância, e para comunicar com o mundo a navegação do canal. Pela sua posição é um porto forçado e o melhor do Oriente. Todos os pachás do Egito têm tido como os antigos tiranos, o desejo de ligar a sua memória à edificação de uma cidade: Mehemet-Ali, Said-Pachá, Abbas-Pachá, todos. A cidade que este último original fundou, Abbasiade, ainda hoje está acabando de se desmoronar perto do Cairo, no caminho da antiga Heliópolis, numa vasta planície deserta.

Ismail-Pachá será talvez mais feliz, e Ismailia poderá vir a ser a capital européia do velho Egito, como Alexandria é a sua capital comercial, o Cairo a sua capital histórica.

Ismailia estava invadida por uma extraordinária multidão. Nos largos areais, para além do cais, tinham-se construído acampamentos para os viajantes que não vinham de Alexandria nos navios. Tinha-se improvisado hotéis semelhantes a grandes dormitórios. Havia pequenos vapores ancorados servindo para alojamentos. O aspecto da cidade naquele dia era poderosamente vivo e original.

Os regimentos egípcios tinham acampado junto do lago. Ao centro, num largo espaço que há ao pé do canal de água doce, estavam as tendas para os «cheiks», que são ou chefes das aldeias árabes, ou

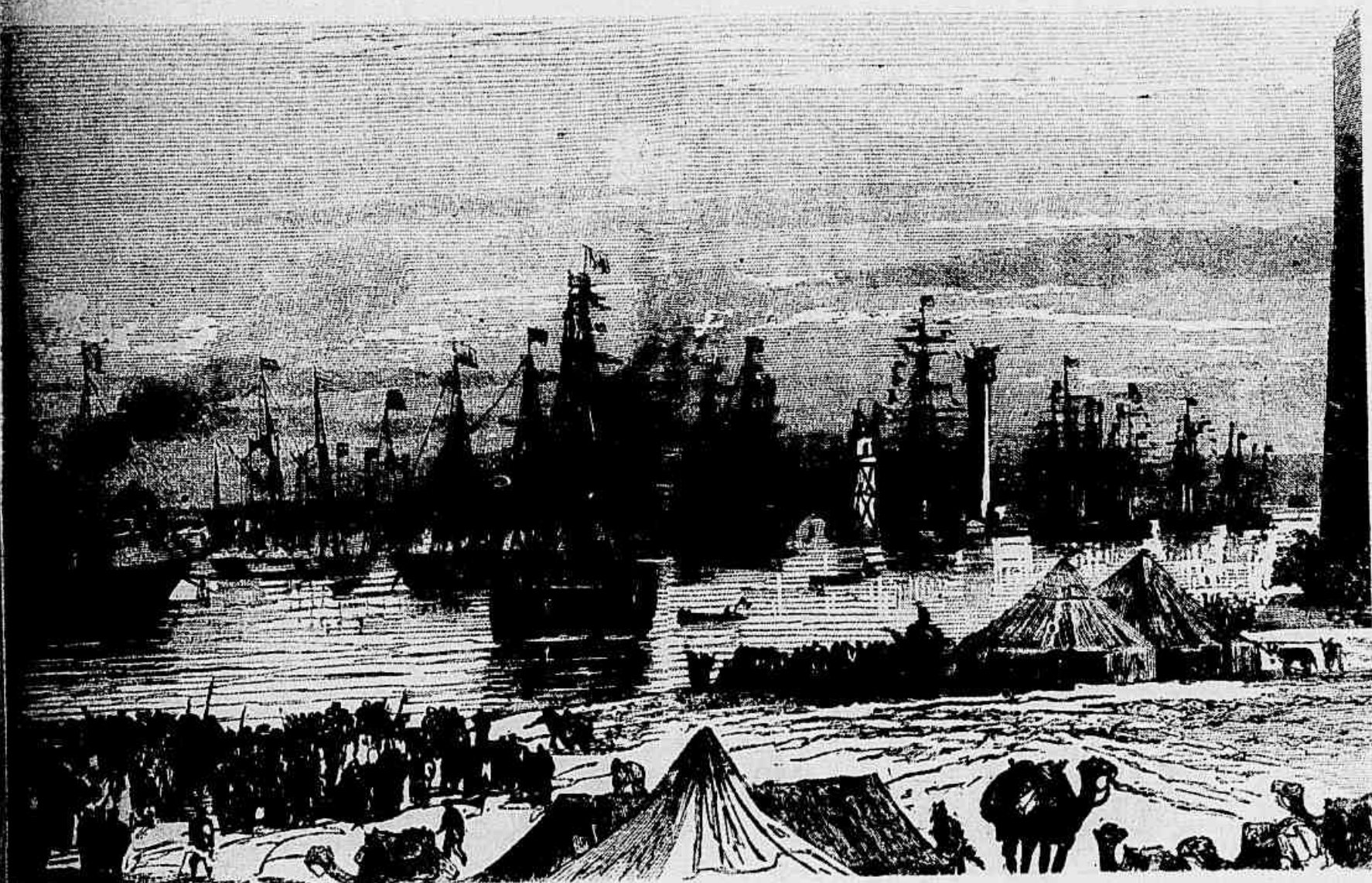
A inauguração do

Os beduínos formavam danças e lutas, e carreiras de cavalos. Alguns, de pé sobre os dromedários lançados a galope, faziam toda a sorte de destrezas e de equilíbrios, jogando a lança. Tudo isto era acompanhado pelas salvas constantes dos navios e pelos hurrahs das marinheiras. À noite, tudo resplandecia. Por todos os largos estavam acesos grandes fogos. Viase ao fundo do lago, através dos navios iluminados, brilhar fantásticamente a cidade, feita de pontos de luz. Os acampamentos estavam flamejantes. Em todas as tendas dos «cheiks» havia cantos de mulheres árabes acompanhados de darbouka. Os fogos de artifício estalavam por todo o ar. No meio de grandes grupos, entre um círculo de fochos enormes, dançavam as almeias. Em outros círculos alumados, a multidão abria os olhos diante dos improvisadores árabes. A luz escorria por entre toda aquela multidão; tomada de alegria. Havia sobre a cidade e o lago aquele forte rumor das festas, que é composto dos cantos, das músicas; das vozes, dos aplausos, tudo harmônicamente confundido, e que pela força da sua originalidade arranca o homem para fora da vida vulgar, com irritantes atrações. Tudo isto víamos nós ao atravessar a cidade, nas enormes carruagens que nos levavam ao grande baile de Ismailia, no palácio novo de Ismail-Pachá. O palácio, cercado de jardins, tinha nêles uma iluminação de gosto oriental. Havia luzes espalhadas por todos os ramos de árvores, entre as folhas das flores, na terra dos vasos. Sobre a erva estavam desenhados arabescos de luz de um aspecto original. O canal de água doce, que corre ao pé, estava cheio de barcos iluminados, que passavam numa perpétua serenada. Ao começo da noite, entre as mesas, os árabes estendiam às vezes a mão, metiam os dedos nos pratos, e afastavam-se comendo desdenhosamente. Nas salas, o baile era apenas uma oscilação sufocada de corpos. O ouro bordado das fardas arranhava os ombros nus, e os enormes sapatos dos «cheiks» do deserto rasgavam os longos vestidos das lores. Não havia ordem, nem espaço, nem ar, nem alegria. Era brutal e pesado: fatigava. A maior parte da gente dispersou-se pela cidade, a ver as iluminações e as festas populares.

Quando eu saía, para ir a um café italiano, em companhia de alguns oficiais ingleses, ver as almeias de Beni-Ironel dançarem a dança da abelha, encontrei o sr. de Lesseps, no peristilo, que procurava ansiosamente o seu paletó.

Lesseps é uma figura delgada e nervosa, bigode curto e branco, e dois olhos que faíscam em negro, cheios de inteligência e sinceridade. Tem uma fisionomia e sobretudo um sorriso, que revelam tendência para as concepções abstratas, mas firmeza nas dificuldades da vida. É diplomata, orador, engenheiro, financeiro e soldado. Tem de tudo isto, e esta harmonia de qualidades é o segredo da sua inquebrantável força e do seu constante triunfo nesta obra do Suez. Foi andando a visitar o deserto líbico, em companhia de Said-Pachá, então vice-rei, que ele resolveu, com apoio de Said, encetar a sua obra: desde então quantas lutas, já com a Inglaterra que intriga contra ele e que o diloma, já com a Turquia, que lhe tira os seus trabalhadores, já com os capitais que se retraem diante dos seus planos, já com o deserto que contradiz a ciência das suas teorias, já com a cólera que lhe destrói os seus operários, quantas lutas, até que pudesse tranqüilamente procurar o seu paletó, numa festa que celebrava o fim de tantos e tão ásperos trabalhos!

Ao meio da noite, quando eu vinha para bordo, as luzes morriam miseravelmente por toda Ismailia e a sombra cobria o lago. Ao outro dia, a grande procissão dos navios saía do lago Timsah, em direção a Suez. Começava então já a ver-se, ao lado do canal marítimo, o canal de água doce — que vai indo quase paralelamente com ele até Suez. A paisagem começa a ser duma uniformidade monótona: a fulva vastidão do deserto de ambos os lados do canal. O canal de água doce é uma das maiores obras de Lesseps e um dos episódios mais notáveis da perfuração do istmo. Os operários do canal tinham de trabalhar no deserto. A primeira necessidade era a água: um exército de operários não podia subsistir durante muitos anos apenas com água trazida pelas caravanas. Ao princípio, quando as obras estavam ainda junto do lago Men-



AS SALVAS faziam o ar sonoro. Em todos os navios, empavesados e cheios de pavilhões, a marinagem, perfilada nas vergas, saudava com vastos hurrahs.

tado à beira do canal, donde os operários vinham saudar com grande ruído a passagem dos navios.

Ao outro dia pela manhã entrávamos, ao ruído das salvas, no lago Timsah. No fundo víamos a cidade de Ismailia. Era ali o centro das festas.

Ismailia é a capital do canal. É um porto admirável, inacessível às tempestades, à simples agitação da água; não porto de passagem como Port-Said ou Suez, mas perfeita estação de descanso para a navegação do Oriente. Comunica com o Egito pelo caminho de ferro e pelo canal de água doce. Tem praças, largos, ruas de futura capital. Não é cidade rude e trabalhadora como Port-Said, cheio de oficinas e de operários. É uma cidade cheia de «chalets», de esboços de palácios, de passeios arborizados, de cais largamente construídos. Tem já os refinamentos civilizados duma capital; tem mesmo já uns pequenos ares de corrupção; as almeias exiladas do Cairo, refugiadas em Esneh no alto Egito, têm-se vindo aproximando de Ismailia. Tudo aquilo assenta, é verdade, sobre a areia, e para os lados do deserto vive uma população árabe em toda a sua pitoresca miséria. Mas a sua colocação é excelente: confinada entre um deserto e um lago, tem para

chefes das tribos do deserto. As tendas abertas por diante deixavam ver os grandes lustres pendentes, os tapetes de Meca e de Damasco, onde se encruzavam as soberbas figuras dos «cheiks» fumando gravemente o narguile. Tinha-se estabelecido barracas enormes, onde, a todo o momento, se serviam a todos os convidados e a todos que entravam, refrescos, vinhos, saladas e jantares. Havia toda a sorte de jogos, de danças, de músicas. As tribos beduínas tinham acampado perto. Eu vi uma caravana beduína em descanso no largo dos bazares: tinham cravados no chão duas lanças, e em volta os cavalos e os homens, figuras duramente esculpidas em bronze, altivamente enfaixadas nos albornozes, faziam um grupo estranhamente pitoresco. As largas ruas estavam cheias duma multidão ruidosa, colorida original. Tinha vindo almeias da província de Fayoum, que debaixo das tendas celebravam as suas misteriosas e estranhas danças. O imperador da Áustria e a imperatriz tinham passeado por Ismailia, montados em dromedários; depois disso as ruas estavam cheias de viajantes equilibrados sobre as excêntricas selas dos camelos e dos dromedários. Havia por toda a parte tocadores, cantadores, feiticeiros, fascinadores de serpentes.

canal de Suez

saleh, tirava-se a água de alguns poços isolados, fazia-se vir da próxima cidade de Damietta, ou destilava-se a água do mar. Mas, à medida que os trabalhos caminhavam para o centro do istmo, as dificuldades apareciam. Não havia poços, nem água do mar. Damietta estava longe. O tonel de água começava a custar vinte e cinco francos. Demais, como vinha em caravanas, qualquer demora, qualquer transtorno lançava a sede entre os operários, e começavam as confusões de trabalho. As inquietações sobre a água cresciam. Então o sr. de Lesseps resolveu ir ao Nilo, a trinta e cinco léguas, buscar água doce e trazê-la ao deserto por um canal que seguisse uma linha quase paralela ao canal marítimo, costeasse os lagos Amargos, passasse ao pé das montanhas de Djebel, e fôsse ter a Suez. O canal seria, assim, para uso dos operários, para a irrigação daqueles terrenos áridos, e para a navegação de pequenos barcos. Nós víamos, com efeito, o canal doce, cheio de velas, cujas pontas aguçadas e brancas saíam acima das margens.

Um dos episódios épicos do canal de água doce foi a passagem das dragas. Foi necessário levar aquelas monstruosas máquinas até ao pé dos lagos Amargos para atacarem as areias do Serapeum. Foram transportadas pelo canal de água doce. Centenares de homens iam-nas levando à sirga, das margens. Mas aquelas enormes máquinas a cada momento encalhavam, voltavam-se ou, quando o vento era violentamente contrário, faziam força para trás. Para as tirar do lodo, para as impelir, para as equilibrar, eram necessários esforços sobre-humanos, onde sucumbiram muitos valorosos operários.

Foi ao anoitecer que chegamos aos lagos Amargos. Toda a esquadra do cortejo ancorou aqui durante a noite. Havia uma lua esplêndida, que enchia o lago de luz, e desenhava vagamente até ao horizonte as ondulações do deserto.

Os lagos Amargos são os restos do antigo golfo Heroopolita, águas do mar Vermelho que vinham aqui. Foi neste lugar que passaram os hebreus, guiados por Moisés; foi aqui que ficaram sepultadas as legiões dos Faraós, quinze mil homens e mil e duzentos carros. Para o lado do Egito, a lua branqueava uma vasta planície: era Gessen, a terra dos Patriarcas. Os Faraós tinham dado aquele lugar aos hebreus, lugar então cheio de culturas e de searas, hoje coberto de areias. Foi dali que eles partiram em demanda de Canaan. Dali tomaram para o sul, para os desertos da Arábia e do Sinai, para evitar o encontro dos exércitos egípcios. Moisés conhecia bem aqueles lugares. A sua cidade tinha-se passado no istmo. Demais, aquele lugar era tradicionalmente a passagem dos que vinham da Síria, pela Caldéia e Iduméia. Abraão, José, Jacob tinham ali passado nas suas viagens ao Egito. Foi por ali também, mas um pouco mais ao norte, a pouca distância do lago Timsah, que muitos séculos depois o descendente de tantos patriarcas e de tantos profetas, Jesus, passou levado por sua mãe que fugia para o vale do Nilo. Os árabes mostram ainda hoje este lugar. Enquanto olhávamos aqueles lugares bíblicos, os fogos de artifício estalavam por todo o ar.

Ao outro dia pela manhã fomos aproximando do Suez. Saímos devagar, porque a maré do mar Vermelho já vinha contra nós. Foi esta questão de marés, e de desigualdade de níveis entre o mar Vermelho e o Mediterrâneo, a origem de uma das grandes oposições que se fizeram ao canal.

Dizia-se que, segundo as sondagens feitas sob a direção de Lepère em 1799, o mar Vermelho era nove metros mais alto que o Mediterrâneo: dizia-se também que a obra era impraticável por causa das areias movediças e dos ventos do deserto: dizia-se, por fim, que a navegação do mar Vermelho não podia, pela sua dificuldade, pelo seu perigo, constituir nunca um verdadeiro caminho marítimo. Era uma legião de sábios, de arqueólogos, de engenheiros, de geólogos.

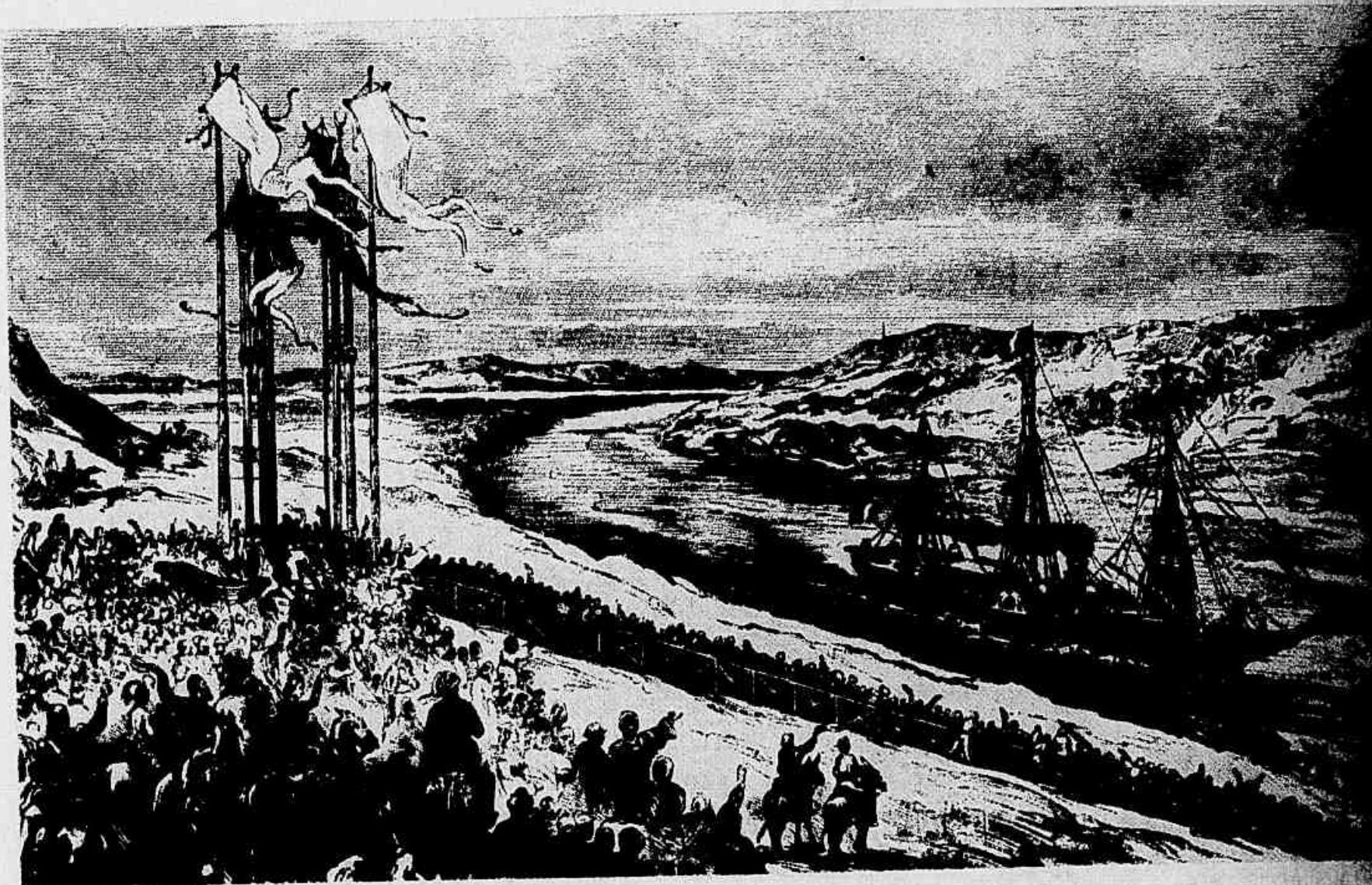
Said-Pachá fez-lhe recepções reais. Atravessaram o istmo, nos seus estudos, de Suez a Peluse. Sondaram todas as enseadas, todos os lagos, estudaram todos os terrenos. Acamparam grandiosamente, e seguia-os uma caravana de cento e setenta camelos. Os árabes vinham de todos os pontos para ver passar aquele estranho cortejo.

A comissão dissipou todas as objeções. O nível dos dois mares foi declarado igual por novas e mais perfeitas sondagens: reconheceu-se que as areias não eram um obstáculo: se as areias trazidas pelo vento deviam sepultar o futuro canal, porque não tinham sepultado já os lagos Amargos, por que não tinham coberto as antigas ruínas, por que não tinham, ao menos, apagado os vestígios das caravanas da última peregrinação de Meca? Por último, o mar Vermelho foi, contra os impugnadores do canal, declarado bom, como via marítima. O que tem de mau o mar Vermelho? alguns rochedos. Não os tem o Adriático? Não os tem a Mancha? Não os tem o Arquipélago? O mar Vermelho tem ventos regulares; o mar Vermelho tem a admirável claridade das suas noites. Impede isto a navegação? Se o mar Vermelho foi duma navegação fácil para as frotas de Salomão; se venezianos e portugueses puderam ali bater o turco, o que será hoje, com os meios científicos de navegação, e com o vapor? Todas as objeções caem de per si.

Nas margens do canal começávamos a ver muitos acampamentos de operários: vinham até quase à água bater as palmas aos navios que passavam, acenando com lenços e véus entre grandes hurras. Dos navios respondiam. Havia um forte sol: o deserto luzia até ao horizonte. Víamos à nossa esquerda o caminho das

vada em caixas de ferro, trazidas do Cairo. A água da fonte de Moisés, que está a três léguas, só a podem beber os camelos. No tempo da chuva havia, além da do Cairo alguma água potável a seis léguas de distância. No tempo de calma a sede era uma doença: havia mercados de água, onde os preços eram fabulosos; horríveis. Os ricos bebiam uma água meio salubre. Os pobres bebiam a água dos camelos, ou morriam de sede. Em Suez não havia (e ainda não há hoje) uma árvore, uma flor, uma erva. Havia gente, que tendo sempre ali vivido, não fazia idéia da vegetação. Contava-se de árabes de Suez que, vindo ao Cairo pela primeira vez, fugiam das árvores como de monstros desconhecidos. Isto fez a raça dura, áspera, hostil. O canal de água doce mudou esta face das coisas. A água é gratuita e abundante. No dia em que a água chegou a Suez foi uma vertigem. Os pobres árabes não podiam crer: mergulhavam-se nela, bebiam até lhes fazer mal, estendidos sobre as margens do canal, davam gritos loucos. Alguns estavam aterrados e passavam da perda de tanta riqueza. A população gritava cheia de amor em volta de Lesseps, prostrando-se e beijando-lhe as mãos. E desde então a cidade tende a reviver.

Quando chegamos a Suez, separou-se aquela caravana de convidados que havia seis dias saíra de Alexandria



O FAYOUM então penetrou corajosamente no canal. O Fayoum era o maior navio do cortejo. Caminhava-se com grande cuidado.

caravanas, que vão a Meca, a Medina, a Bagdad, e a Damasco na rota Síria. A Arábia, a Ásia ficavam para além daquele deserto. Do lado do Egito, ao fundo do areal coberto de salinas, estava a escura e triste cidade de Suez. Para além estende-se o monte de Djebel Attaka, chamado do Libertamento, porque, quando as caravanas que vêm do deserto o avistam, é que estão fora de perigo. Ao fundo, esbatida na pulverização de luz do horizonte, entrevia-se a cordilheira do Sinai. Ao meio dia entrávamos em Suez, no meio das salvas.

Suez é uma cidade escura, miserável, decrepita; é o começo de novas regiões; é já quase a Ásia e a Índia. Tem um aspecto mortuário: a cólera e a peste aparecem, com efeito, ali frequentes vezes.

Em alguns bairros arruinados, quase desabitados, conserva porém nas suas construções desmoronadas um notável caráter de velha e pura arquitetura árabe. De resto, a civilização europeia começa a representar-se em Suez por catés cantantes e por «gourgadines» de Marselha.

Suez tem tido até há pouco tempo um viver incompleto pela falta de água. Em Suez a água era conser-

Uns ficaram em Suez, outros foram para o Cairo. Nós fomos para as costas da Arábia, para os lados do deserto do Sinai ver o oásis de Moisés. No Exodo diz-se: «os filhos de Israel vieram depois a Elim, onde havia doze nascentes e setenta palmeiras.» Eram estas doze fontes e setenta palmeiras que nós fomos ver, passando o mar Vermelho numa barca árabe.

Tínhamos feito a nossa peregrinação através do canal; a esquadra da Europa tinha as suas âncoras no mar Vermelho; a obra de Lesseps estava completa. Havia dez anos que um grupo de trabalhadores, numa segunda-feira de Páscoa, estava reunido na praia, no lugar que depois foi Port-Said; não havia nada nesse lugar, senão a bandeira egípcia plantada sobre a areia.

Um homem saiu do grupo, descobriu-se, e disse:

«Em nome da companhia de Suez, dou o primeiro goipe de alvião neste terreno que abrirá às raças do Oriente a civilização do Ocidente.»

E cavou a areia com o alvião. O homem que disse aquelas palavras era o sr. de Lesseps: e, como se vê, o seu alvião tem feito largamente o seu caminho.

quando V. fala com um...

3.100 FUNCIONÁRIOS

COMEÇAM

A SERVÍ-LO!



Ele representa uma equipe especializada. A cortesia com que trata indistintamente a todos, a eficiência e a presteza que imprime às tarefas a seu cargo, são um exemplo da organização que colocamos ao dispor dos nossos clientes, que nos confiam suas economias nas 192 filiais, agências e escritórios distribuídos por todo o território nacional. Por essas razões passamos, do 35.º lugar em 1934, para o 1.º lugar entre os bancos do país, progresso que é demonstrado pelo volume de depósitos e amplitude de nossa rede de filiais, agências e escritórios — a maior do Brasil.

Banco da Lavoura de Minas Gerais, S.A.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA PARTICULAR DO PAÍS

DESP

164.002

prestígio. Errará e será frustrado no que de mais importante empreender. Omita-se como puder e aguarde melhor oportunidade. Os piores dias serão 6, 8, 10 e 12.

★ **LEAO** (21/1 — 20/2) — Não reaja contra o espírito de bondade e de fraternidade de que se sentirá possuído nos próximos sete dias. Esse estado d'alma atrairá para o leitor, as melhores forças astrais e, com elas, um grande bem.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Três setores, em sua vida, vão ser atingidos em cheio, pelo influxo dos astros, durante a semana: a profissão, as relações sociais e a vida sentimental. Felizmente, tudo andarà a contento.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não espere resultados satisfatórios nos negócios, durante a semana em pauta, principalmente nos que se fizerem em conta de participação. Fuja dos sócios nesses sete dias.

★ **ESCORPIAO** (21/4 — 20/5) — O ambiente astral será muito propício às delações, às intrigas e às traições. Ande prevenido contra a própria «entourage», não lhe fazendo revelações ou confidências. Os dias, 6, 7, 9 e 12, serão os piores.

★ **SAGITARIO** (21/5 — 23/6) — Todo e qualquer reajustamento que o favoreça, será possível durante a semana entrante. Aproveite a excelente oportunidade que o planeta Júpiter lhe vai dar. Os dias ímpares serão os melhores no seu caso.

★ **CAPRICORNIO** (24/6 — 22/7) — Sua vida sentimental estará muito bem amparada, graças a Vênus, durante a semana. O período favorecerá as relações amorosas, os noivados e os casamentos servindo, igualmente, para a formação de sociedades.

★ **AQUARIO** (23/7 — 21/8) — As viagens e as excursões, a caça e as competições esportivas darão ao leitor, as melhores oportunidades para a satisfação dos desejos e expansão do espírito de que se sentirá animado. Boa saúde.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Evite os excessos, principalmente na mesa ou no «bar». A semana não lhe favorecerá as resistências orgânicas, podendo, assim, comprometer-lhe a saúde. Seu «hyleg» vai ser tocado. Os negócios devem prevenir-se.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 6 E 12 DE OUTUBRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O leitor se sentirá, durante a semana, como que renovado nas suas forças físicas e morais. Estará muito bem disposto e apto a empreender alguma coisa de envergadura. Os dias 7, 9, 10 e 11 serão magníficos.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — A semana representará, no caso do leitor, um período fecundo. O que for iniciado no curso da mesma, frutificará. Não haverá

possibilidade de erros ou de enganos prejudiciais.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Com exceção do dia oito, a semana favorecerá os seus negócios, oferecendo-lhe um ambiente propício às especulações. Os negócios terão andamento rápido e desfecho o melhor possível.

★ **CANCER** (23/12 — 20/1) — Sua posição diante dos astros, na vigência da semana em pauta, será de inteiro des-

OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 6	—	Januário	—	Geny.
" 7	—	Clóvis	—	Débora.
" 8	—	Romualdo	—	Renata.
" 9	—	Gabriel	—	Eulina.
" 10	—	Gervásio	—	Sálvia.
" 11	—	Egídio	—	Solange.
" 12	—	Carlos	—	Ercília.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Outubro, 6	13°	12'	20"	(Signo da Libra)
" 7	14°	11'	34"	" " "
" 8	15°	10'	51"	" " "
" 9	16°	10'	8"	" " "
" 10	17°	9'	28"	" " "
" 11	18°	8'	40"	" " "
" 12	19°	8'	13"	" " "

ANNIE, DOSE DE ALEGRIA

Fernando LOBO

◆ Há muito que estas noites estavam peladas de novidades. Se não nos entregarmos a lei imposta pelo «rei da noite» e assistirmos os seus espetáculos gigantes, só nos resta um caminho, enfiar o corpo num dos barsinhos de Copacabana, quase todos sem grandes novidades. Ali se pode afogar as tristezas num uísque geladinho, sem perigos maiores que uma nota, não muito barata, porém honesta. O Copacabana Palace depois da experiência com o «Humoresque» — agora já mutilado, como de praxe — nos trouxe uma cantora de terras de Europa. Se famosa lá, nós nos confessamos ignorantes diante de sua figura. Tem um nome curtinho e ela mesmo de físico é um passarinho louro. Nasceu na Bélgica, mas o que nos entrega é Paris em bom tom. Annie Cordy é o seu nome e quando essas mal traçadas linhas saírem à rua, já a sua figura, sua voz e principalmente a sua simpatia já estarão divulgadas pelo rádio, pela TV e pelo próprio Copacabana que teve a feliz idéia de contratá-la. Lembra a veterana Imogene Coca, no gênero cômico, nas atitudes também, mas, quero crer de coração que Annie jamais tenha visto nem sabido da existência daquela sua colega, separadas que estão por oceano tão grosso. Vale a pena ver esta artista que não se derrama, nem se expreme nas canções trágicas ou excessivamente românticas, muito perto de nós. É uma artista nova que nos entrega bom humor, melhor remédio nesse momento em que tudo nos parece mais triste que outrora. Vale felicitar a direção artística do Copa que voltou a sua linha antiga, às apresentações de classe, gênero que marcou a sua presença dentro da noite como a «boite» de gente de classe, com classe e que por uma tentativa experimental não podia perdê-la, pois aquela «classe» faz parte do patrimônio daquela organização. Com Annie Cordy o velho Copacabana volta a sua tradição, vendo as suas mesas cheias de um público seletivo que entende a bonita arte desta estrêla, e que a aplaude esquecendo que ainda resta como lambuja um resto de «show» que não vai além das pernas bonitas que as moças bonitas daquele conjunto exibem timidamente.



NÔNCIA MIRANDA uma vez loura, uma vez fora da noite.



JORGE VEIGA, com Carminha Mascarenhas e Caymmi (Clube 36).



ANNIE CORDY... uma belga que canta canções alegres de Paris (Copa)

◆ O «NIGHT-AND-DAY» — Das cinzas de seu incêndio renasce o velho «Night-And-Day», velho e tradicional pelo tempo de serviços prestados a um público mais da zona Norte que da zona Sul. Ali nasceram e cresceram os mais variados «shows» e desfilaram os mais famosos astros e estrêlas de vários lugares. De repente o silêncio cobriu a casa, apagou suas mesas de espelho e marcou com um tom de desolação seus quatro cantos. Mas vai nascer e o seu concessionário promete um «show» que já teve um punhado de nomes mas que parece ser agora: «A MULHER É O DIABO». E de fato é mesmo! Se a esta altura já outra vez tenha havido troca no título não vai surpreender nem a esta coluna, nem ao público que já manjou esse modelo antigo de publicidade.

◆ ROTEIRINHO — Vai nascer mesmo o «Cabeça Chata» na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. — Chopp gelado depois do banho de mar, ali no bar da Lagoa, num dia em que não haja corrida de lanchas. — E os casais cada vez mais românticos em pleno século da «Lambreta». — Sérgio Porto é a figura mais conhecida da televisão Tupi de São Paulo. Embora pareça incrível, mas ele sabe tudo de música popular.

◆ JORGE & DIDU — A amizade nasceu daquele samba «Café Society» que Miguel Gustavo pintou tão bem. Havia de nascer outro, mas Didu apelou para o Jorge. Aquilo não iria ficar bem. Brincadeira tem hora. E ficaram amigos. Hoje Jorge Veiga é fã incondicional daquele jovem e a tal ponto cresceu a sua admiração pelo novo amigo que está também usando chapéu «gélol» e empunha um cachimbo. E é assim que está aparecendo no «Clube 36», onde também estão presentes o velho Caymmi e a muito simpática Carminha Mascarenhas. E eis Jorge Veiga com chapéu e tudo numa fotografia exclusiva para esta coluna.

◆ ANTÔNIO MARIA, O POETA — Há sempre um momento em que a poesia é necessária. Aconteceu com o nosso Antônio Maria há muitos anos atrás. Lá por volta de 1949 — mais ou menos — quando ele ainda não tinha festa de despedida no «Country» nem falava bonito sobre as dez mais e dez menos, elegantes. O verso era até, de certo modo contra seus novos amigos, naqueles dias seus conhecidos à distância. E aí vão no quadro ao lado, em primeira-mão os versos que Maria fez louvando o nosso rádio:

“BALADA DO RADIALISTA”

... quero ser gente de rádio

Pra andar por êsses mundos,
Sem sair dêste lugar,
Pra não ter repartição
Nem banco prá freqüentar.
Pra não ser milionário,
Nas revistas “Sombra” e “Rio”...
Pra não jogar golf nunca!
Pra nunca comprar amor!

Só sair por êsses mundos,
Sentindo ventos do sul,
Regelando minha pele,
Sem sair dêste lutar...
Só ter uma noite inteira,
Com “whisky”, amor, mulher...
E a noite não ter o caso,
E a gente ficar no bar...

Só não ter livro de ponto,
Nem hora prá trabalhar...
Explico que sou do rádio,
Que gosto de ser do rádio
“Gente de rádio”... e mais nada
Como diz a granfinagem...
E minha voz de artista,
Andando por êsses mundos,
Dizendo mil emoções,
Criando casos, encrencas,
Alertando multidões...
Palavras de minha boca
Aqui neste microfone,
Sem sair deste lugar...

Antonio Maria

Domingo, 7-10-1906

A CAPA — Raul pederneiras assinava a capa, alusiva às festividades, como sempre concorridíssimas, da Penha.

A "STELINHA"

(A Manuel Lavrador Filho)

Ella, filhinha, o unico prazer
Da sua vida rude e tormentosa,
Depois de uma agonia dolorosa,
Dorme p'ra sempre... acaba de morrer!

A dor acerba fel-o entristecer!...
Contempla a criancinha tão formosa,
Que, cruelmente, a Parca impiedosa
Da Existência feriu no alvorecer.

De beijos cobre o corpo inanimado...
Geme... soluça... chora inconsolado...
Mas, escutando o gorgear de um ninho,

Fica a sorrir no limiar da porta,
Julgando ver a sua filha morta,
Transformada em mellifluo passarinho!...

C. LEAL



EDUARDO BEVILACQUA —
Retrato (PREMIO DE VIAGEM).

CARTAS DE UM TABAREO

Rio, 1 de outubro de 1906.

Compadre e amigo.

◆ Abrio a semana a nota triste do fallecimento do eminente clinico e professor Dr. Benicio de Abreu. Foi geralmente sentida esta morte, pois o illustre extinto conseguira impor-se ao respeito, amizade e consideração de todas as classes sociaes. Filho do seu proprio esforço, pois luctou grandemente para formar-se, teve a ventura de ver se reconhecido como autoridade scientifica, mercê de sua lucida intelligencia e amor ao trabalho.

Tenho uma grande novidade para te contar, meu querido compadre: estão funcçãoando as «Lyno-tipo» do «Jornal do Brasil». Antes que me perguntes devo dizer-te que estou tratando das machinas de compor, a machina por excellencia. Machina me parece um modo de dizer, porque aquillo é muito mais do que machina. As «Lyno-tipo» teem alma: pensam, reflectem, acertam, reclamam; em uma palavra, são muito mais intelligentes que diversos mortaes que conhecemos. Só visto, seu compadre, esse engenho que parece a ultima palavra da mechanica. Confesso-te que estou deslumbrado com essa invenção, que o espirito progressista aos directores do «popularissimo» vae applicar ao sympathico orgam, com o visivel, intuito de melhorar a feitura.

Do progresso ao regresso é apenas... um passo e esse foi dado não sei por quem, mas lá está o signal na Avenida Central. Bateram-se muitos pela eliminação de diversos barracões existentes pela cidade e a Prefeitura não os consente em hypothese alguma; entretanto lá está um na nossa principal arteria, desafiando os commentarios mordazes do povo e as lyras dos poetas trocistas.



A MODA EM 1906
Toillete de passeio, em gaze salpicada de montinhos azues. (Modelo de Martial e Armand).

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

◆ O PRESENTE salão annual se não possui grande quantidade de obras de valor, offerece, entretanto, aos amadores de arte um conjunto agradável. Na secção de pintura destacam-se as paizagens de João Baptista, as figuras de Belmiro de Almeida, os pasteis de Arthur Lucas, os trabalhos de Chambelland, C. Oswaldo, Marana e Bevilacqua, as delicadezas de Vasques e as aquarellas de Freidler. A parte feminina está bem representada pelos pinceis de DD. Sarah Del-Vecchio, Maria Cunha Vasco, Anna Cunha Vasco, Carlota Laboreau e Mina Mee. Em escultura, Belmiro expõe um bronze interessante, Correa Lima um bello gesso bem talhado, Heitor de Mello estudos interessantes e D. Nicolina de Assis um bronze muito expressivo. Girardet, como sempre, nos seus trabalhos de gravura, de muito merecimento. Mencionemos tambem o projecto architectonico de R. Saldanha da Gama muito gracioso, e os trabalhos em couro de D. Joanna Brandt. Reproduzimos no presente numero algumas photogravuras dos trabalhos expostos sobre os quaes o «Jornal do Brasil» se tem manifestado diariamente na sua secção de Bellas Artes.

◆
O MERCADO — A «Revista» apresentava, em suas páginas, uma reportagem fotografica sobre o novo prédio do Mercado Municipal, que então se construía. E' dessas fotos que aqui apresentamos uma.

FÓRA um custo descobrir que todo o mal provinha de uma consciência aguda demais. Parecia paradoxo, mas a ventura consciente esmagava-se em si mesma. Como uma pessoa que ia ao cinema, transpunha-se à tela e, no melhor de tudo, descobria sua fonte de prazer consistir apenas em cinematografia mentirosa! Como um desgraçado que se envaidecia com a própria dor e, de repente, olhando o céu, percebia que ele não mudara, perturbado com seu sofrimento, não mudaria nunca... E os séculos desliriam... E as dores perderiam a dignidade atribuída a elas! A consciência de tudo, colocava um amorteceador de sensações na alma; arredondava arestas audaciosas; ao que era seta, transformava em ponto, com finalidade em si; e construía um irremovível POR QUÊ? — gancho onde se prendia toda dúvida.

Viver assim era uma preguiça, ou uma negação. Asas irremediavelmente coladas, talvez ausência de asas... Existência vã, pendurada pelos cabelos nos ponteiros estúpidos de um relógio qualquer...

A única realidade eram as afirmações que ouvia tão freqüentemente, relativas a sua pessoa:

— Norma, você é tão calma!

— Norma, como você é feliz!

Ela sorria, conformada. A farsa sedimentara-se durante longos anos, e não seria agora que ela iria imobilizar gestos costumeiros. Haviam-na vestido como uma personalidade estrangeira. Não tinha talvez o direito de decepcionar a todos, rasgando véus preciosos, para uma ostentação inútil de feridas pessoais.

Depois, havia ainda a impossibilidade de uma confissão abandonada. Como? Sentimentos muito íntimos só tinham forças e perfil dentro do peito. Exteriorizados, perdiam em côr, em volume, ficavam irreconhecíveis nos limites exigidos. Não podia opor à sua dura lógica dos outros, a sua pobre lógica de realidade interior — vê-la nua, dissecada, escarnecida, esmagada, só para lhe dar vergonha de si mesma. Não podia gastar os dedos construindo pontes a serem lançadas sobre abismos invisíveis.

Sentimentalidade? Talvez. Mas também caminhos inesgotáveis de fuga; um novo fulcro, oferecendo gratuitamente, possibilidades de uma rotação diferente, pessoal; uma suposta brecha no suposto muro das limitações. Contra uma vida quotidiana inelutável, o choque dos grilhões durante a dança, dava a ilusão do ruído de uma rutura definitiva.

Ela olhava os rostos que viviam perto de si e indagava desorientada:

• Como é possível que se enganem comigo? Como é possível que sejam cegos à realidade que existe sob minha face lisa, imperturbável? Lago manso... Luas e sóis se refletindo à superfície... Risos tolos, palavras vãs escorregando... As vezes alguma ranhura que a própria ocasionalidade apressava-se a desmanchar... •

Em dias de covardia maior, tentava arrumar frases para um desabafo. Mas outras frases, mais gulosas, partidas de outras bocas que não a sua, engoliam-nas. E nem Lúcia, que era o mais tangível ao seu dedo, conseguia disfarçar a complacência impaciente de quem lida com criança amuada. A menina chorava pela lua? Não custava nada prometer depressa, para estancar lágrimas aborrecidas. Não custava nem mesmo, indagar maldosamente:

• Que faria você com a lua, se a tivesse nas mãos? •

Norma encolhia-se como uma cobrinha, ao redor de si mesma. Punha os olhos no futuro, com vã esperança. Mas, ao mesmo tempo, percebia a loucura de traçar planos para um futuro de limites desmanchados. O futuro começará amanhã? Começou ontem? Em que muros desenhava traços, se os traços enlouqueciam em linhas doidas e os muros se afastavam à medida que os passos comiam distâncias?

• ... Talvez à hora da morte eu ainda fale em futuro, com a ignorância e a teimosia dos frustrados... •

Depois, basear o futuro em que passado? Seus dias antigos estavam desfeitos. A cada instante ela era uma estranha a si mesma, uma irretornável. Não havia conexão entre o EU de agora e o EU de um minuto atrás. Para isso seria preciso o poder de insuflar vida e côr a pétalas esmagadas; construir palácios de ruínas submersas; emprestar dimensões a lembranças



EVASÃO

Conto de VILMA SANT'ANNA AREAS

Desenho de J. RAMOS

ças planas, tradições a incidentes vulgares! O milagre só seria concreto se conseguisse reencontrar as pegadas de criança que as ondas comeram à beira da praia; colher nas mãos, suas tranças de menina, sem côr nem beleza, que o cabeleireiro cortou, indiferente, e entornou no chão sujo. Reconstruir um novo desabrochar, sem segredos ocultos no coração das pétalas, sem espíritos crescidos aos dedos curiosos.

Mas nada disso era possível. Cofre de carne abria-se qual ôlho, numa aurora de sons. E o hálito gelado das horas dispersara todas as fibras. Em ângulo algum do espaço conseguia descobrir sinais de sua presença. Não por insuficiência de visão, mas por ausência de sinais. O céu se erguia, cada vez mais alto, para que seu dedo não deixasse nenhuma impressão; o asfalto negro cada vez mais se endurecia, para seus pés não ficarem gravados.

Era engraçado! Se não conseguia deixar nenhuma marca no Tempo, com que direito aquele mesmo Tempo deixava marcas em si? Não eram invisíveis o desencanto dos olhos, o machucado da carne.

As vezes, em dias de vacuidade maior, tinha ímpetos de telefonar a Júlio:

— Querido, a vida é irremediavelmente trivial. Vamos ao campo soltar balões. Você adorava um céu sardento de balões, hein?

Ou então:

— Júlio, cheguei à conclusão de que não existo. Não me achei até hoje. Sou um novêlo de pontos que nunca se juntarão numa reta. Estou doente do mundo. Vou gastar o resto das horas no fundo de uma caverna.

Mas o que diria Júlio? Ele era plano e batido de sol. Não tropeçava. Não tinha buracos na alma. Com um riso estridente, indagaria:

— Bolachinha, sua mãe está em casa?

E se ela estivesse sozinha, viria satisfeito, armaria abraços, murmuraria as palavras de amor do ritual eterno, encrespava os nervos a exigências de um prazer extorquido a branduras ou a violências... Tudo se repetiria, porque Júlio saltaria a barreira do tempo com a possibilidade das criaturas ligeiras, cujas pernas não se enterravam nos dias. Tudo se repetiria. O Cristo morto, pendente da parede, seria mais uma vez testemunha da quebra de tabus estabelecidos. A bailarina rosada, equilibrando-se sobre a mesinha, olharia todas as cenas sem bater as pestanas de cristal, ouviria todos os ruídos com indiferença. E haveria a nova partida. E a presença de um vazio maior.

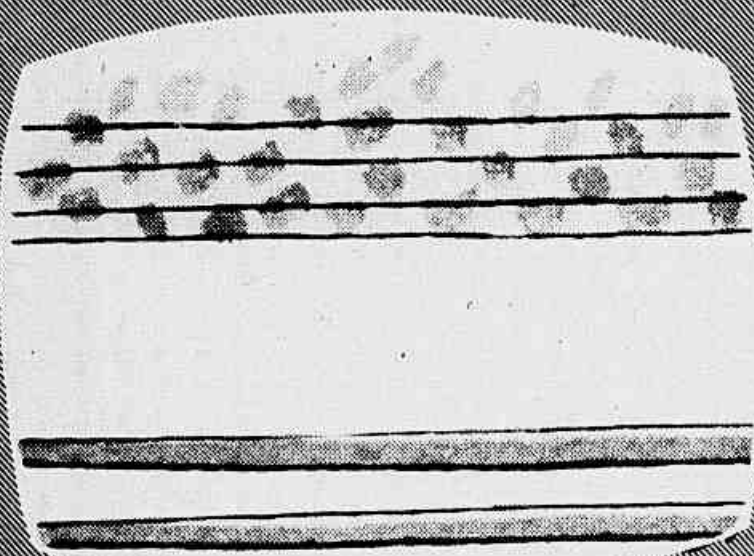
• Ah Júlio, minhas unhas nunca foram suficientemente duras para cavar um poço, por mais raso que fôsse, em sua superficialidade. Você sempre teve um guizo no lugar do coração... •

(Cont. na página 58)

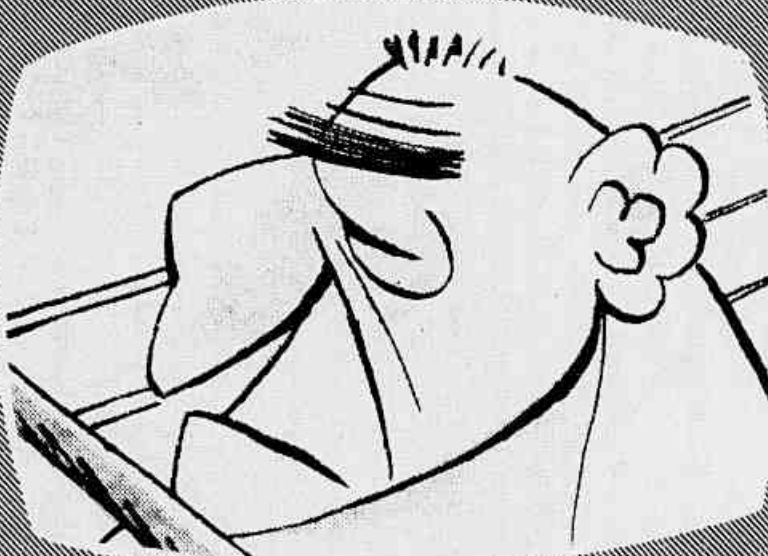
FORTUNA (tele-sparring) APRESENTA

BOX EM CASA

À TV carioca, que foi salva pelo gongo, meu garôto que já aprendeu a contar até 10 envia um «clinch» bem apertado, e eu que nunca fui de ringue, beijinhos na lona.



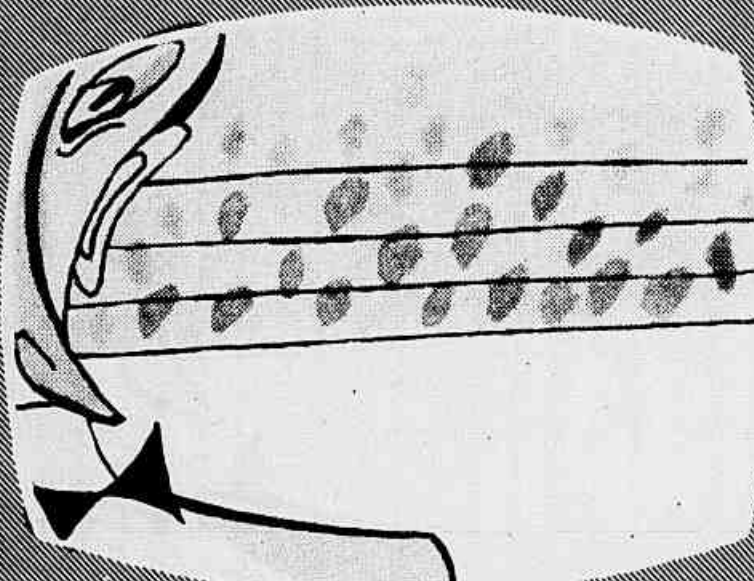
— Senhores telespectadores, os lutadores Kid Juca e Walcott da Conceição já se encontram cada um num canto do ringue.



— Kid Juca é o que está de calção preto.



— Walcott da Conceição é o que está de calção azul.



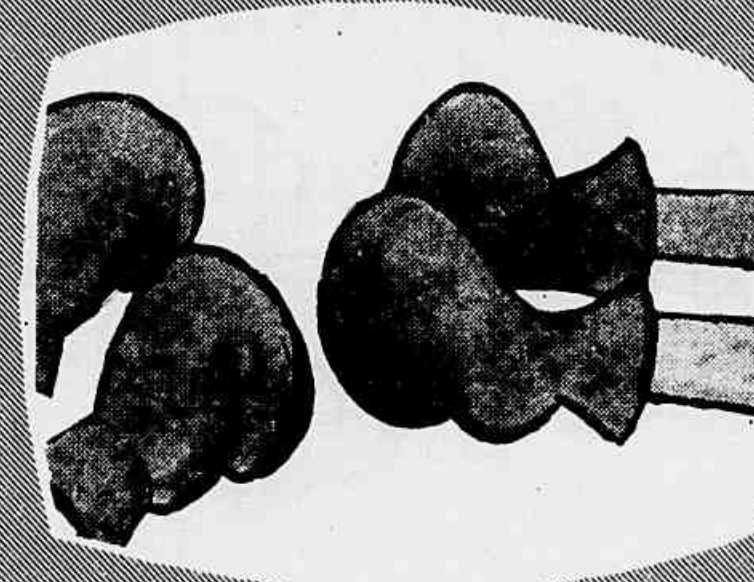
— O juiz desta luta será o popular Nariz Grosso, como se vê, que vai fazer as recomendações de praxe aos lutadores.



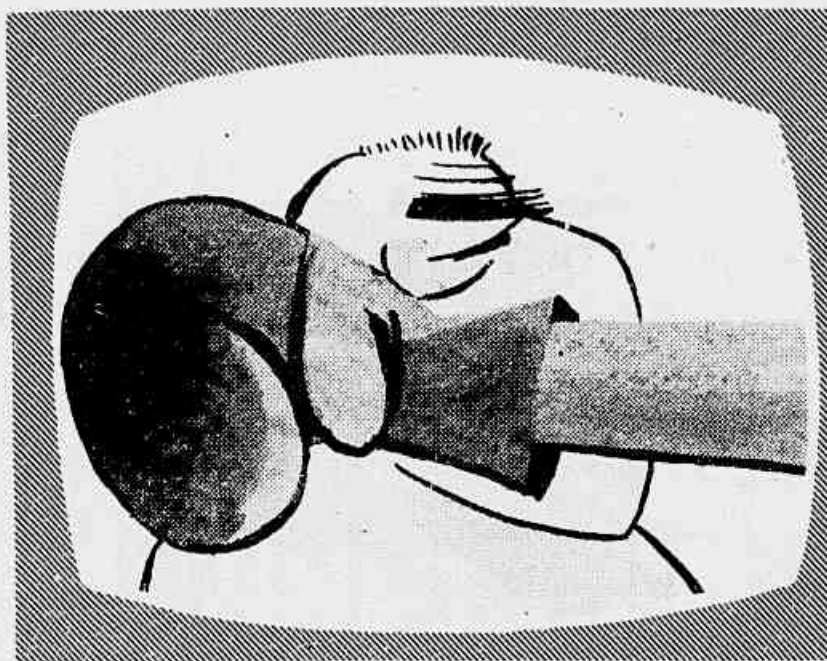
... e sobretudo, nada de golpes abaixo da cintura!



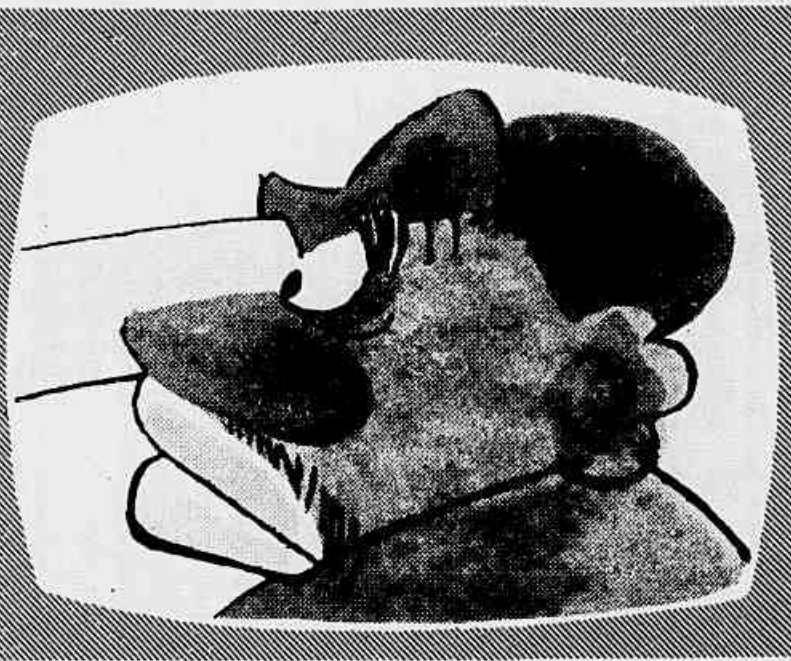
— Nosso auditório, como sempre, apresenta-se florido e... BOINNNG!



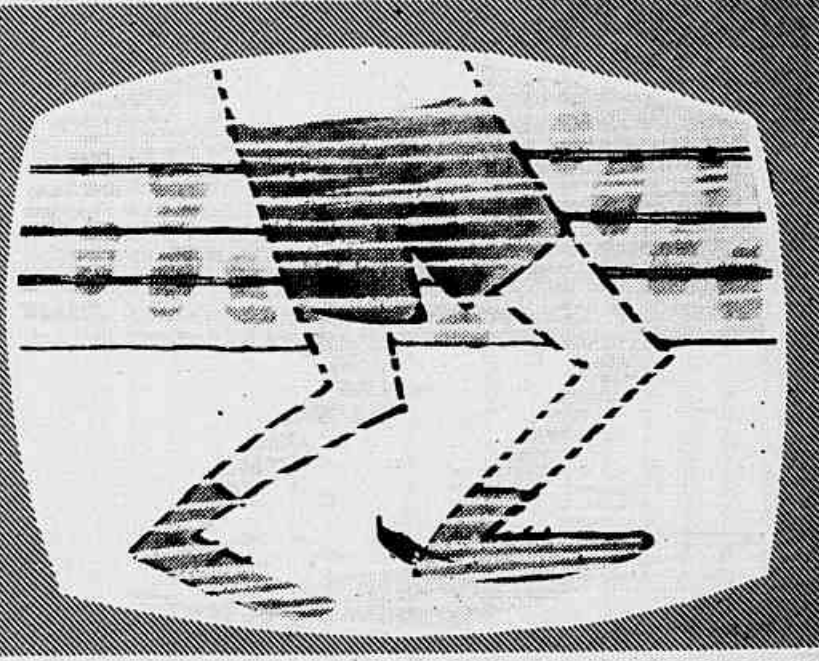
— Estudam-se Kid Juca, de calção preto e Walcott, de calção azul. Os senhores talvez não consigam diferenciá-los porque o azul televisionado fica preto.



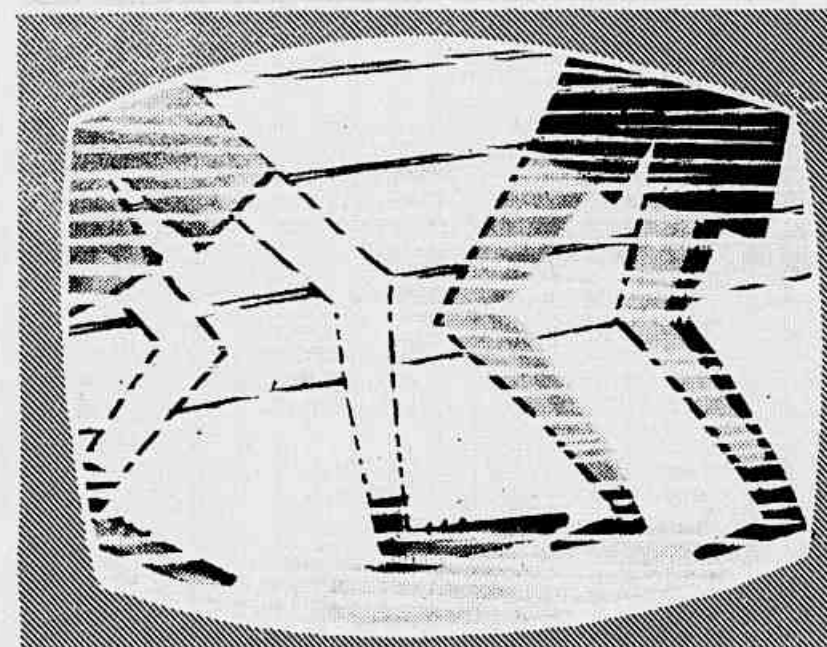
— A única diferença é que o calção de Walcott é de listinhas...



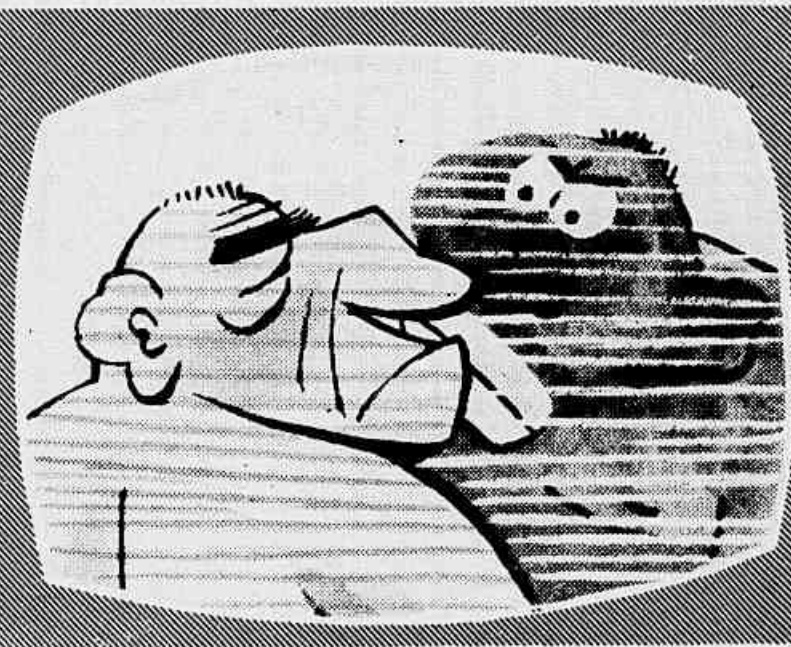
... enquanto que no calção de Kid Juca as listinhas são da TV mesmo.



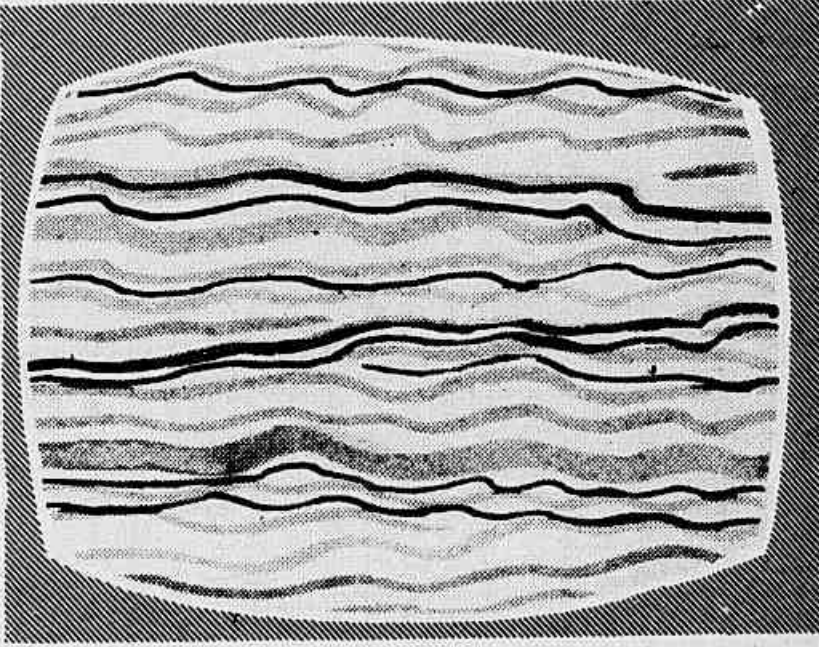
— Walcott atacando... Não: Kid Juca é que está atacando.



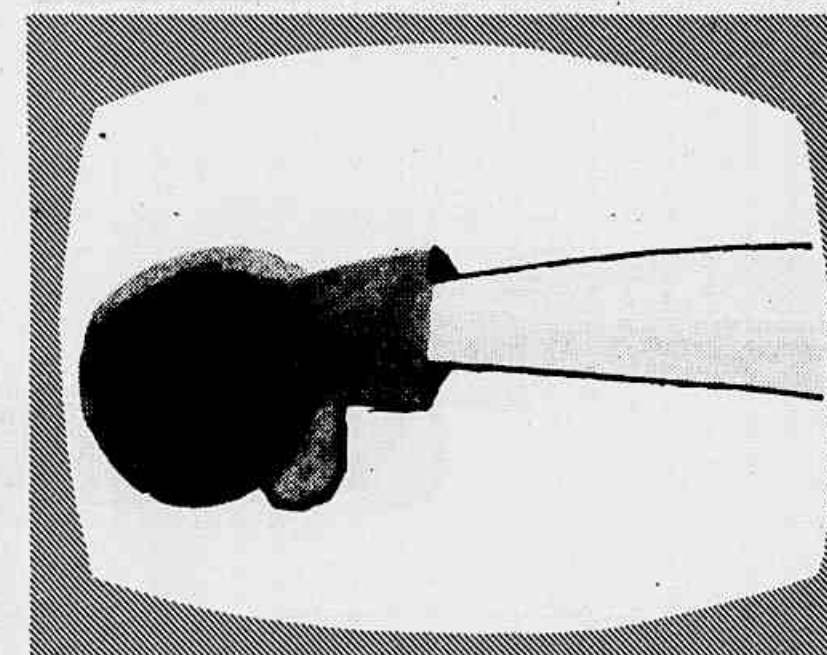
— A ligeira confusão se deve, como dissemos, a que ambos os lutadores usam listinhas.



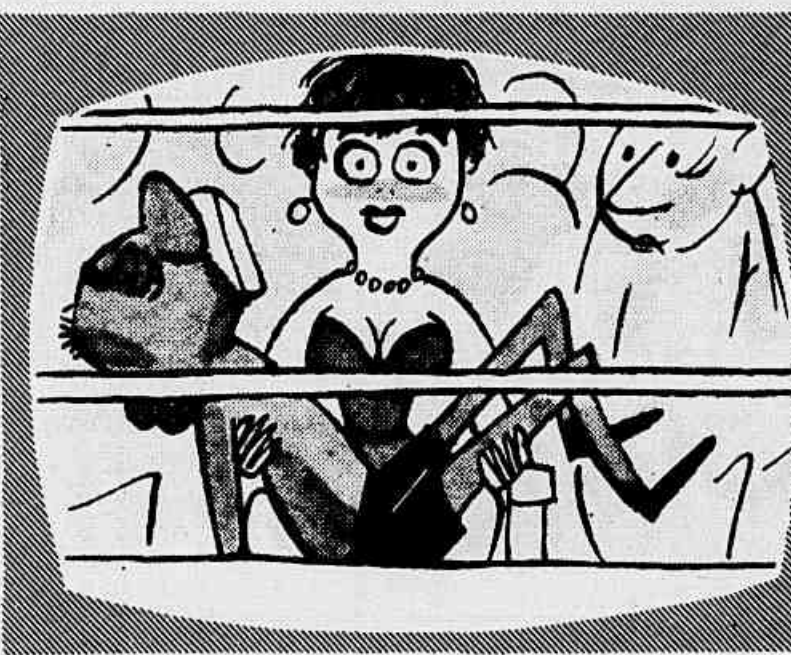
— Afinal, Kid Juca é branco com listinhas pretas e Walcott é preto com listinhas brancas. Assim os senhores poderão diferenciá-los melhor.



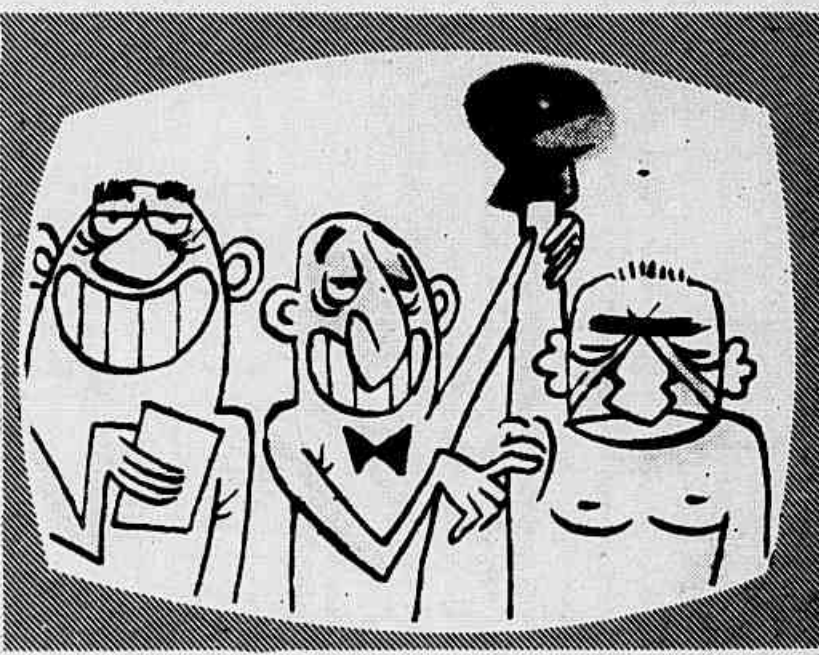
— Atenção! Kid Juca executa um direto sensacional...



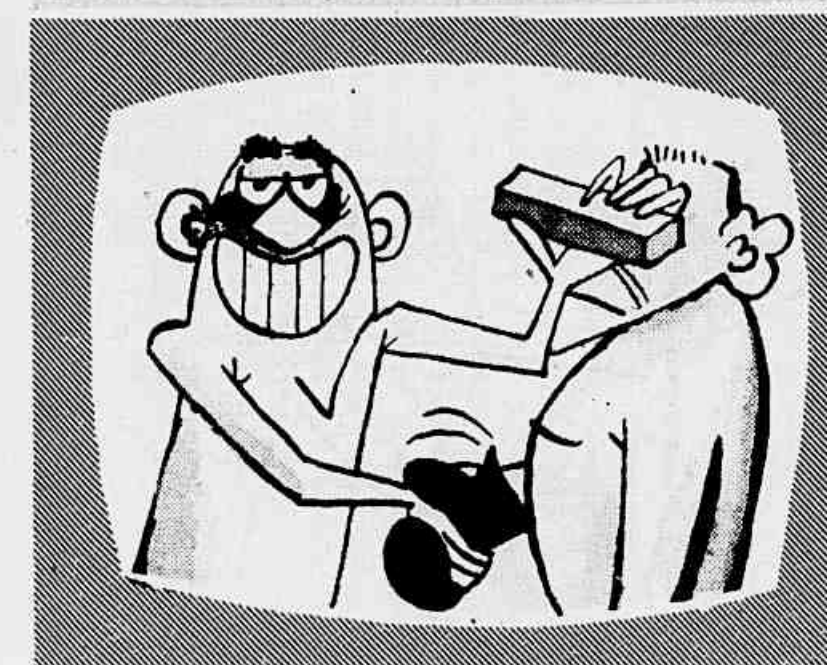
... e atira Walcott por cima das cordas para fora do video!



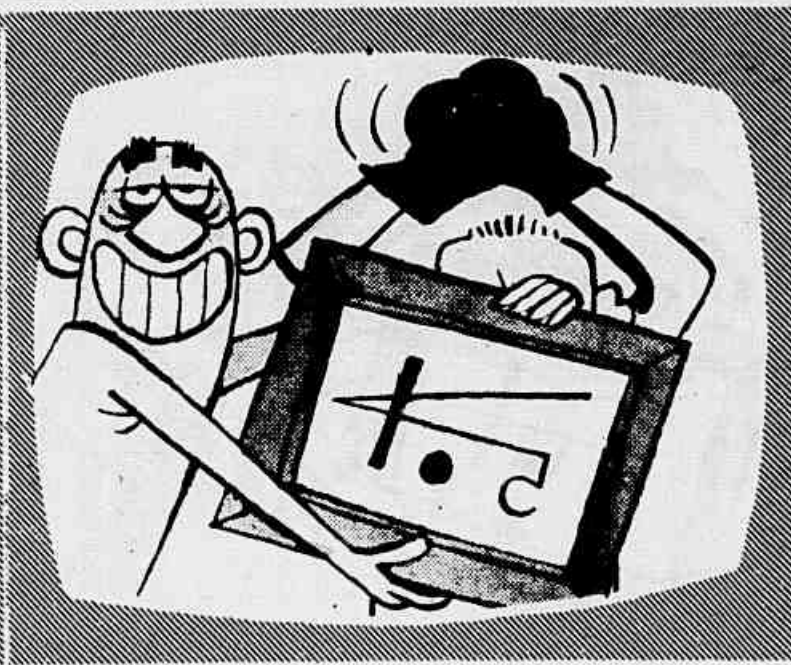
— Agradecemos a presença em nosso auditório da estrelinha do cinema brasileiro, Marilu, com Walcott no colo.



— Vencedor, por nocaute técnico. Kid Juca!



— Ao lutador vitorioso, uma caneta King Pink...



... um quadro de Leger...



... e um exemplar do «Macbeth», de Shakespeare! Pode falar, Kid Juca!

— Hê, tá legal!

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA



mantê-los flexíveis. Também é ótimo o uso de óleo de rícino, uma vez por mês (aplique morno e deixe estar por duas horas no mínimo, antes de lavar a cabeça). Se você puder deixar de fazer permanente e tinturas durante o período que está freqüentando a praia será ótimo. Se não puder, redobre os cuidados com a cabeleira.

Não se esqueça dos OLHOS. Tenha bons óculos escuros para protegê-los da excessiva claridade. Faça-se receitar pelo seu oculista, em vez de adquirir óculos escuros apenas porque achou bonita a cor das lentes ou o feitio dos aros. Depois de ter a receita em mão pode, então, escolher os aros que sua fantasia imaginou.

E para finalizar, uma atenção especial para a **DEPILAÇÃO DAS PERNAS**, mais visíveis quando expostas ao sol, e dos braços e para o cuidado das **UNHAS DAS MÃOS E PÉS**, que devem estar sempre impecáveis. No verão um esmalte de tonalidade suave é mais aconselhado e casa-se melhor com o ambiente esportivo. (Na foto: Donna Reed, Paramount).

BELAS OU FEIAS...

◆ Os italianos têm um provérbio que diz: «Belle o brutte, si sposano tutte» e que significa: «Bonitas ou feias, tôdas se casam». É uma verdade demonstrada até pelas estatísticas. Por isso, a tristeza e a depressão das jovens que se julgam privadas de atributos excepcionais é absolutamente sem razão. Há um grande número de homens que hão de preferir as características físicas que elas desejariam apagar com uma operação plástica, quando os cosméticos não bastam. Não dizem isso para infundir otimismo. Se você passar um dia inteiro na pretoria observando os pares que se casam, há de ver que o número das noivas feias não é inferior ao das bonitas. Também as primeiras encontraram o companheiro ideal e são felizes.

A psicologia moderna demonstrou a importância das recordações infantis no aparecimento de sentimentos amorosos: pessoas que encontramos e que de algum modo nos fazem lembrar as personagens de nossa infância a quem queríamos bem, desperta-nos sentimentos de amizade ou mesmo de amor. O filósofo francês Descartes, enamorava-se de tôdas as mulheres estrábicas que encontrava e somente depois de pensar muito descobriu que uma sua tia a quem ele tinha grande afeição também possuía esse defeito nos olhos.

As vezes é o timbre de voz, a doçura do olhar, o ritmo do andar, que cativam e fazem surgir o amor. Pode-se dizer, sem exagerar, que o amor em qualquer idade é um retrocesso no tempo: leva à infância. É a única fase da vida adulta em que dificilmente se separam as ilusões das realidades.

◆ E o verão vai pouco a pouco voltando. Tome sol. Pratique esportes na praia, aproveite as delícias de um dia passado na areia mas, defenda sua beleza. Não deixe que alguns meses de férias marítimas a destruam. Hoje existem já muitos preparados cuja finalidade é proteger a pele e os cabelos dos efeitos destruidores do sol e do vento. Sem essa proteção adequada a pele se resseca e os cabelos também, tornando-se quebradiços e sem brilho.

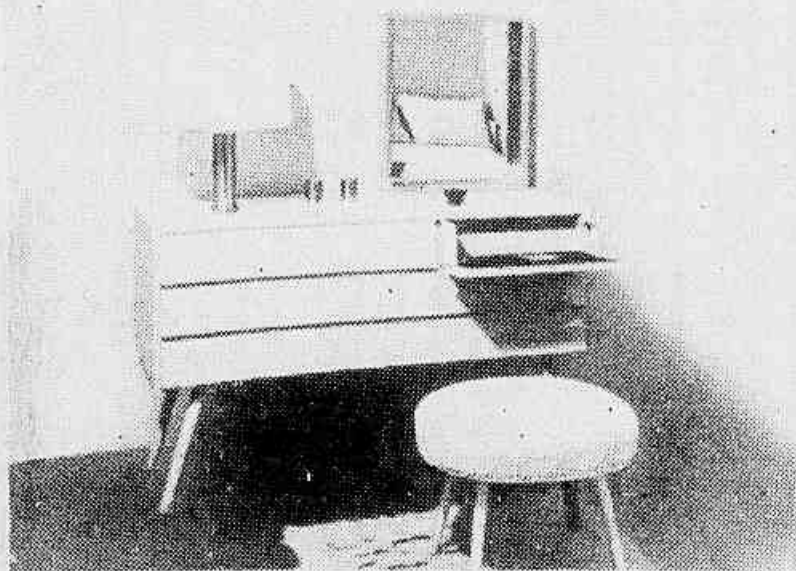
Para O ROSTO um bom creme protetor que também será usado nas mãos. Nada de maquiagem excessiva nem cosméticos nos olhos, que não ficam bem numa praia ensolarada, além de se desmancharem ao contato com a água (apesar das qualidades excelentes apregoadas

pelos fabricantes). Um pouco de baton à prova d'água é o suficiente para realçar sua beleza, pois o sol se incumbirá de colorir as faces.

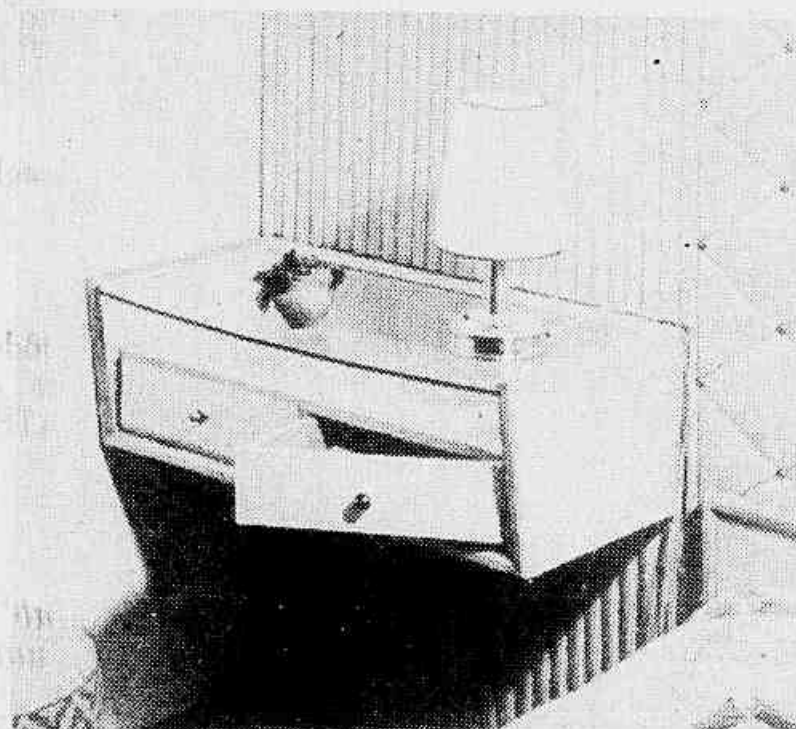
Nas **COSTAS, PERNAS E BRAÇOS** use o óleo protetor: impermeável ou não aos raios solares, conforme sua intenção seja ou não ficar bronzeada. Há muito onde escolher em matéria de óleos para a praia, de ótimos fabricantes.

Quanto aos **CABELOS**, o melhor ainda é um chapéu de abas largas, ou um turbante bem amarrado, e touca para a imersão na água. Mesmo assim, requerem cuidados especiais no verão para manterem-se sadios. Não os deixe nunca com a água salgada, e aplique, de tanto em tanto, um óleo a base de lanolina para

SUGESTÃO PARA O LAR



● Se você não tem mesmo espaço para uma penteadeira, pode mandar adaptar um canto da cômoda para tal fim. Uma prateleira que se abre como as das escrivaninhas embutidas, e um espelho, resolvem bem o problema.

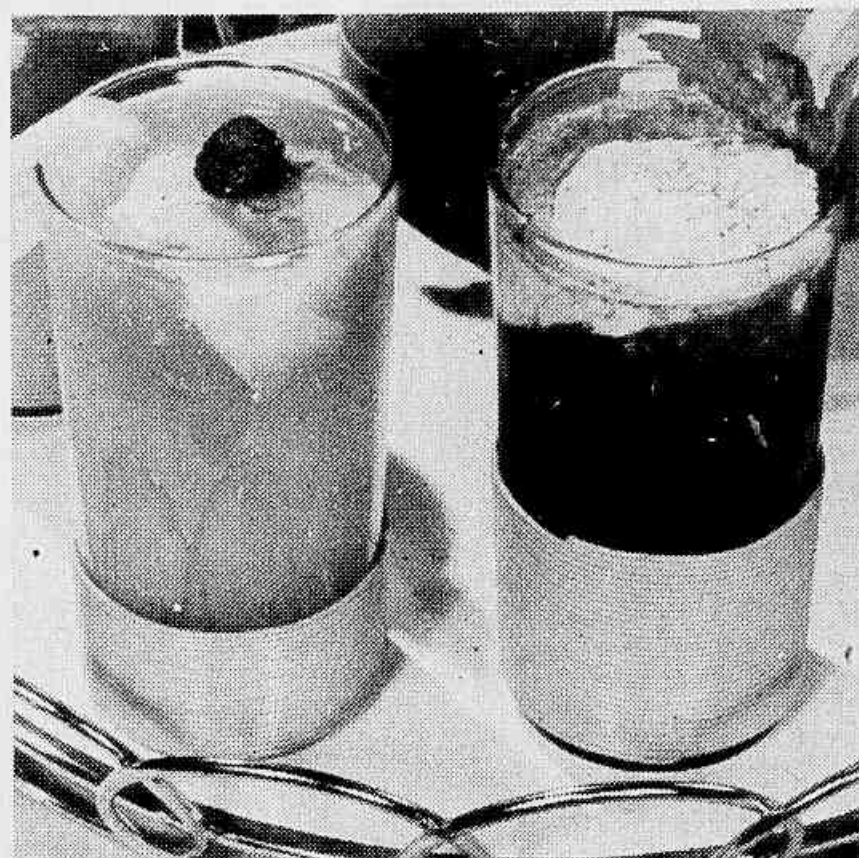


● Também no lugar da mesinha de cabeceira pode ser instalado um móvel que sirva como penteadeira. Observem a gaveta rotativa, muito prática para guardar cosméticos.



● O melhor será, porém, se puder instalar a sua penteadeira no banheiro, pois, além de poupar espaço no quarto, lhe dará maior comodidade, evitando que pó de arroz, perfume, e águas de colônia se espalhem e derramem onde não devem.

WEEK-END NO BAR (dos entendidos)



Já dizia o ex-soberano inglês, duque de Windsor: «Basta provar o coquetel que me oferecem para saber se quem recebe é um verdadeiro anfitrião». Realmente a arte de beber e de servir bebidas é algo que não se improvisa de um momento a outro, mas é demorado aperfeiçoamento do gosto, que só se aprimora nas famílias dos anfitriões tradicionais. Existem tratados e tratados sobre a difícil arte de preparar coquetéis. Muitos seguem as variações da moda. Atualmente, por exemplo notamos que os «Martinis» estão sendo considerados «demodés».

Antes de entrar nas fórmulas, vamos explicar as quantidades das doses: quando escrevemos UM DEDO queremos dizer um centímetro e meio de bebida; UMA COLHERINHA é a colher de chá comum; um SALPICO equivale perto de 10 gotas (é menos que uma colherinha). E eis os coquetéis:

★ **OLD FASHIONED:** dois salpicos de «amaro» italiano, ou de bitter, um tablete de açúcar (o açúcar em tabletes ou cubinhos é melhor para muitos coquetéis), dois cubos de gelo, uma pitadinha de casca de laranja ralada, uma rodela de limão, um dedo e meio de uísque. Misture na própria taça, sem agitar no «shaker».

★ **SCOTCH ON THE ROCKS:** dois cubos de gelo, dois dedos de uísque escocês e uma rodela de limão. Misture.

★ **SHERRY FLIP:** ponha no «shaker» um ovo, um tablete de açúcar, dois dedos de sherry. Bata. Derrame na taça e por cima espalhe um pouquinho de noz moscada.

★ **CHAMPAGNE COQUETEL:** numa taça ponha um tablete de açúcar que se umedece com bitter ou amaro, italiano, um salpico de essência de menta, um cubo de gelo, e uma rodela de limão. Termine de encher a taça com champagne.

★ **JACK ROSE:** no «shaker» ponha um dedo e meio de qualquer licor de fruta, meio dedo de granadina, suco de meio limão e gelo picado.

★ **STINGER:** no «shaker» ponha gelo picado, um dedo de essência de menta e um dedo e meio de conhaque seco.

★ **BRONX:** no «shaker» ponha um dedo e meio de gin, meio dedo de vermute seco e o suco de meia laranja. Gelo.

★ **MOSCOW-MULE:** misture o suco de meio limão, dois cubos de gelo, dois dedos de vodka e acabe de encher o copo com cerveja.

★ **WARD-EIGHT:** misture o suco de um limão, uma colherinha de açúcar em pó, uma colherinha de granadina, um dedo e meio de uísque, um dedo de soda, dois cubos de gelo.

★ **CLOVER CLUB:** no «shaker» gelo picado, o suco de meio limão, dois dedos de gin e uma clara de ovo.

Deve-se servir coquetel a hóspedes que não apreciam bebidas muito alcoólicas escolha entre estes:

★ **SANGAREE DE CERVEJA:** dois tabletes de açúcar num copo de cerveja. Por cima noz moscada.

★ **PÓRTO COBBLER:** misture meia colherinha de açúcar com duas colherinhas de suco de limão. Junte três dedos de vinho do Pôrto, gelo e três fatias de laranja.

★ **MINT-COOLER:** misture um dedo de gin com meio dedo de menta, dois cubos de gelo. Termine de encher com sifão e decore com fruta em calda.

E... se quiserem mais fórmulas é só pedir.



MISS ELEGANTE BANGU

NA "SOIRÉE-SNOB" DO PRÓXIMO DIA 6 SERÁ ES-
COLHIDA NOS SENHORIAIS SALÕES DO COPACA-
BANA PALACE, POR UM COMPETENTE JÚRI COM-
POSTO DE FIGURAS DO "HIGH-SOCIETY" CARIOCA
E PAULISTA, A FUTURA "MISS ELEGANTE BANGU"

Grand Monde internacional



Genevieve Fath não poderá casar-se com o duque de Cadaval, em virtude de a nobreza portuguesa não permitir divórcios.

costureiro Jacques Fath. Pois a nobreza lusitana não admite divórcios. — O conhecido milionário Aristóteles Onassis continua saindo no seu iate «Christina» em companhia de Greta Garbo.

◆ O príncipe Aly Khan parece que vai mesmo ser iscado pela modelo Betina, depois da decisão definitiva de seu divórcio com a atriz Rita Hayworth. — O novo «date» preferido do marajá de Cooch-Bihar é a modelo inglesa Georgina Egan. Eles estão vivendo um romance, atualmente, em Deauville. Fala-se em casamento! — Como já anunciei de «preview» para vocês, a atriz Lana Turner espera para muito breve a visita da cegonha. — Em New York, está sendo aguardado o livro que traz a biografia da vida da família Kelly. Esta família ficou famosa com o aparecimento de Grace Kelly no cinema, e, principalmente, de seu casamento com o príncipe Rainier, de Mônaco, que foi o maior do século. — Dificilmente poderá acontecer o anunciado casamento do nobre português, Duque de Cadaval, com Genevieve Fath, viúva do famoso

◆ CONFIDENCIALMENTE: Informo para vocês que a srta. Cândida Pinheiro da Fonseca continua sem «date», sendo agora forte candidata a figurar na famosa PRATELEIRA. — Novamente no Rio a senhorita Leonora Issler, que continua com seu «date» preferido, sr. João Pinheiro Neto. Fala-se em casamento! — Baby Thomas, famosa personagem do «High-Society» paulista, que lá comanda o meu «gabinete social», informa que a palavra PRATELEIRA é comentada pros diabos. — Aqui entre nós: a beladade Maria Sônia Araújo, Miss Elegante Bangu do Fluminense, que continua sem «date», está em perigo de figurar na PRATELEIRA. Por quê? — Vocês sabiam que o romance entre a carioca Lígia Coutinho e o paulista Maurício Duque está prestes a terminar em noivado? «Gossips» são «Gossips». E daí? Por falar em «Gossips», este colunista foi o primeiro a lançar, em toda a América do Sul, uma coluna de «Gossips», modernizando assim o colunismo social do Brasil. — ELA continua figurando na PRATELEIRA.

Gossips



Helô Dolabela anda cedo escoltada pelo paulista Haroldo Christofell.

Pequenos Flashes



Num recente «Dinner Show Dançante» no Clube Comercial, seus diretores sociais, senhores Alvaro Cardoso Feio e Manoel de Barros Neto, conversam.

DEBUTANTES PAULISTAS — No sábado que passou, «decolei» para São Paulo, a convite da cronista Yole Ciasca, a fim de

assistir ao «Baile das Debutantes do Ano», do «High-Society» do Planalto, que foi um acontecimento realmente «suspense». Naquela «Soirée-Snob» as seguintes senhoritas vestiam pela primeira vez vestidos decotados: Maria Cândida Lanz, Ana Maria Mendes Rocha, Sônia Maria Affonseca, Liliana Pereira, Marilena Camargo Aranha Rodrigues, Maria Helena Joppert Bocayuva, Vera Maria França dos Santos, Maria Therezina D'Avril, Wilma Cappola, Ana Lucila Penteado, Sylvia de Barros Carneiro, Rita Carvalho, Vera Helena Negrão de Almeida, Maria Helena Lopes, Janice Maria Domingues Silva, Aparecida Graffone, Rosa Mysia Pacheco e Silva Seripilichi, Esther Ramos de Freitas, Vera Maria Campos, Raquel Souza Aranha Caldeira Franco.

— O Sr. Osvaldo Schuback comemorou com grande jantar de «black-tie», seu meio século de existência, em um «night-club».

— A conhecida figurinista Laiz Saldanha prepara-se para abrir uma moderna «boutique» em Copacabana.

— Na minha coluna do «Diário da Noite», o Sr. Cláudio Silveira foi focalizado em a «figura mais notícia da semana».

— Na sexta-feira que passou, a Canadá de Luxo realizou mais um desfile de modas, apresentando modelos para a primavera.

— Muito concorrido a feijoada aos sábados na «boite» «Fiesta». Aliás, esse «night-club» vai de «bola-na-réde».

— Discretamente em um «night-club», o sr. João Neder comemorava sua «mudança de idade».

— O Club Comercial realizou mais um animado «Dinner-Show-Dançante», que esteve muito movimentado.

— Muito concorrida a «Soirée-Snob» que a srta. Beatriz Monteiro de Carvalho promoveu no outro sábado em sua mansão, em Santa Tereza.

— Inezita Barroso vai voltar a atuar no «La Cremaillère».

— No Rio o sr. Renato Bandeira, chefe do nosso escritório Comercial em Paris.

— Comentada a elegância do sr. Horácio Láfer para participar na lista dos «Dez Mais Elegantes» deste ano.

— Já que o verão está chegando, vou promover banhos de piscina aqui na minha piscina particular do Hotel Glória, que, como vocês sabem, é uma das mais bonitas do mundo.

— O famoso «Gélot» continua em cima. ATÉ A PRÓXIMA.

P.S. Acabo de receber de New-York, do sr. Roberto Vasconcelos o convite para participar de cerimônia de seu casamento com a senhorita Synia Câmara Cruz. Lamento não poder comparecer em virtude de no momento não poder me afastar do Rio por mais de 24 horas.



A esguia Zaida Saldanha com sua elegância e «charme» prepara-se para abiscoitar o título de «Miss Elegante Bangu».



A «beaut» Zaida, num sorriso especial para esta coluna, parece confiante na sua vitória ao cobiçado título.

♦ Estou apresentando para vocês a «suspense» candidata da Hípica ao concurso de Miss Elegante Bangu, que será realizado nos senhoriais salões do Copacabana Palace, na «Soirée-Snob» do dia 6 de outubro. Zaida, no concurso de Miss Brasil de 54, foi a segunda colocada. No mesmo ano, foi eleita «Rainha das Rosas». Teve seu nome bem lançado, chegando a ganhar uma projeção nacional. Agora, como representante da Sociedade Hípica Brasileira, que é o clube mais «high-society» que disputa o concurso de Miss Elegante Bangu, a menina Zaida é apontada pelos peritos no assunto como a futura Miss Elegante Bangu. Entretanto, Zaida vai ter que passar pelo rigoroso «test», que é enfrentar Maria Sônia Araújo, do Fluminense, e Glorinha Drummond, do Clube Naval que são as suas mais fortes concorrentes. Como vocês estão vendo, a disputa é mesmo dos diabos. Porém, a menina Zaida, com seu corpo esguio e sua elegância tãda «suspense», poderá deixar o júri convencido de que êste cobiçado título será mesmo seu, por direito. «Good luck» pra você, menina!



Zaida Saldanha com sua elegância realmente «suspense» posa para o Brasil como a futura «Miss Elegante Bangu».



Jeff Thomas lê com Zaida Saldanha a «Revista da Semana».

“Close-up”

c o m

Zaida Saldanha

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



A MAIS BELA MULHER DO MUNDO

grandes milionários de Nova York que a aplaudiram ao lado de Enrico Caruso em «La Bohème» e «Fedora».

Após êsses triunfos, o Imperial Teatro de São Petersburgo convida-a para uma temporada lírica. Lina está viajando para a Rússia no «Expresso do Oriente», que marcha velozmente através das planícies geladas. Uma tempestade de neve imobiliza o trem internacional. Um pelotão de cossacos chega para socorrer os passageiros do comboio. O oficial do comando convida Lina a segui-lo até a guarnição vizinha, onde devia aguardar condições favoráveis para prosseguir viagem.

Era a primeira homenagem das autoridades russas à grande cantora italiana. É quase um rapto, mas Lina está contente com o ocorrido.

Chega ao Quartel-General e é introduzida no gabinete do comando, onde Lina reconhece no alto oficial a figura de Sérgio Bariatini. Fôra

(Continuação da página 39)

êle que, aproveitando a terrível tempestade, ordenara que a estrada fôsse bloqueada com troncos de árvores. Então, Sérgio, ao mesmo tempo apaixonado e altivo, exige que ela lhe dê uma explicação; aquela explicação que desejou profundamente ter em Paris, mas que os acontecimentos impediram de maneira tão trágica. Êle jamais havia dado crédito nas razões por ela então alegadas. Na verdade, quando a recebeu na Casa de Caça de Passy havia percebido que ela estava muito enamorada por êle, para depois aceitar que aquilo tivesse sido obra de um simples capricho, como ela pretendu afirmar. Sérgio quer a verdade a todo custo; Lina está perturbada. O Príncipe se aproxima e faz menção de abraçá-la. Mas a jovem se rebela. A trágica recordação daquela noite da «Tosca» lhe vem à mente. Horrorizada e afastada de Sérgio, ela o acusa de ser assassino. Afirma que tudo o que êle disser não a convencerá jamais.

— Amo-o, é verdade, mas é um amor maldito, um amor proibido. Nunca poderá haver uma união entre nós.

Sem uma palavra de defesa, Sérgio sai do gabinete, anunciando que mandará arranjar uma condução para que ela siga viagem. Em São Petersburgo, Lina reúne-se ao resto da companhia, onde se encontra também o Maestro Dória. Lina é recebida pela família imperial, na Corte. Ao lado do Czar, na qualidade de comandante da guarda palaciana está Sérgio, esplêndido em seu uniforme de gala. Lina e Sérgio parecem dois estranhos, mas nos seus olhos que se encontram, está toda a visão de um amor fatal. O Czar pede que Lina cante a «Tosca». Lina se surpreende, pois desde a noite da morte de Mário, não mais quis representar tal ópera... Mas agora não pode recusar, nem contrariar o desejo de sua majestade. Na noite da «Tosca» Sérgio também se encontra no Teatro. O espetáculo se desenvolve em meio a estrondosos aplausos. Já se avizinha o último ato. Nos momentos que vão correndo, o comportamento do Maestro vai se tornando cada vez mais estranho. A batuta martela no espaço com vivacidade e calor. Os membros da orquestra olham-no com entusiasmo. A cena do fuzilamento está prestes a ser vista. Qualquer coisa de trágico paira sobre o poço da orquestra e no palco. Atrás dos bastidores, os olhos de Lina estão fixos em Sérgio, que se acha no camarote real, vizinho ao palco, esperando que o príncipe se denunciasse por meio de um gesto revelador. Mas, ao invés disso, no momento em que os soldados se preparam para disparar a fuzilaria contra Mário, ouve-se um grito desesperado: Não disparem! Não disparem! — É Dória que grita com o rosto desfigurado e os cabelos desgrehnados, numa atitude completamente louca. Segue-se uma gargalhada frenética, nervosa. Então, Dória confessa que êle é o assassino de Mário. Sérgio e Lina se reúnem. Qualquer palavra seria inútil entre os dois seres profundamente enamorados. Os circunstantes falam por êles, que se fitam fascinados. Um beijo veemente sela finalmente aquela felicidade que o amor tanto desejou, mas que custara tão caro em sofrimentos e privações.

F I M

EVASÃO

(Continuação da página 51)

Mas Júlio também já estava atrás, perdido... Não havia vestígios de laços, nem a necessidade de explicar gestos passados com o nome macio da ingenuidade. Porque ingenuidade fôra a capa com que ela própria se cobrira para esconder as verdadeiras intenções. A quem pesava a culpa? Subira os degraus de olhos fechados e, quando alcançara o fim, cuidara que não havia saído do começo.

Olhados assim de longe, os fatos pareciam ridículos, irreais mesmo. Se dissesse a Lúcio: — «Já tive um amante» — êle iria rir-se do que chamava imaginação poderosa, e ela também se ria, quase acostumada com a personalidade através da qual a conheciam.

O melhor era deixar minutos preguiçosos pingarem na calçada, e não curvar inútilmente as palmas para retê-los. O melhor era ser amável com todos e fazer cada vez mais polida, a superfície lisa do lago. O melhor era partir sem adeus, enterrar-se em terra distante, varar mares em barquinho invisível, usando cabelos volúveis como velas, tédio insaciável como remos. Todos pensariam que ela não partira, que ainda estava presente, só porque alguém lhe apertava os dedos frios, ou porque seus lábios respondiam, indiferentes, perguntas tolas. Viver assim até a morte. E nunca mais indagar aflita:

«Por que teimam em me dar coisas que não tenho vontade de receber? Por que exigem de mim o que não posso dar?»

Enterrar tudo bem enterradinho. Deixar vento ventar. Flor fenecer. Fôlha ror.

As conversas estalariam na sala, depois do jantar. Ela balançaria a cabeça como um bonequinho bem comportado. Mas em país impossível, navegando o seu batel, estaria mordiscando o sol cheio de cheiro como um caqui maduro.

A EQUIPE DE ESGRIMA
DO FLUMINENSE DESFI-
LA SOB UMA CHUVA
DE PÉTALAS DE ROSA.



VIII JOGOS DA
PRIMAVERA

DEZESSEIS MIL BROTOS EM FLOR

• OS JOGOS da Primavera promovem, todos os anos, um grande desfile inaugural, por meio do qual pode o público averiguar a fôrça e a beleza das várias representações concorrentes. Este ano, nada menos de dezesseis mil jovens desfilarão, batendo todos os recordes, perante uma assistência também recorde.



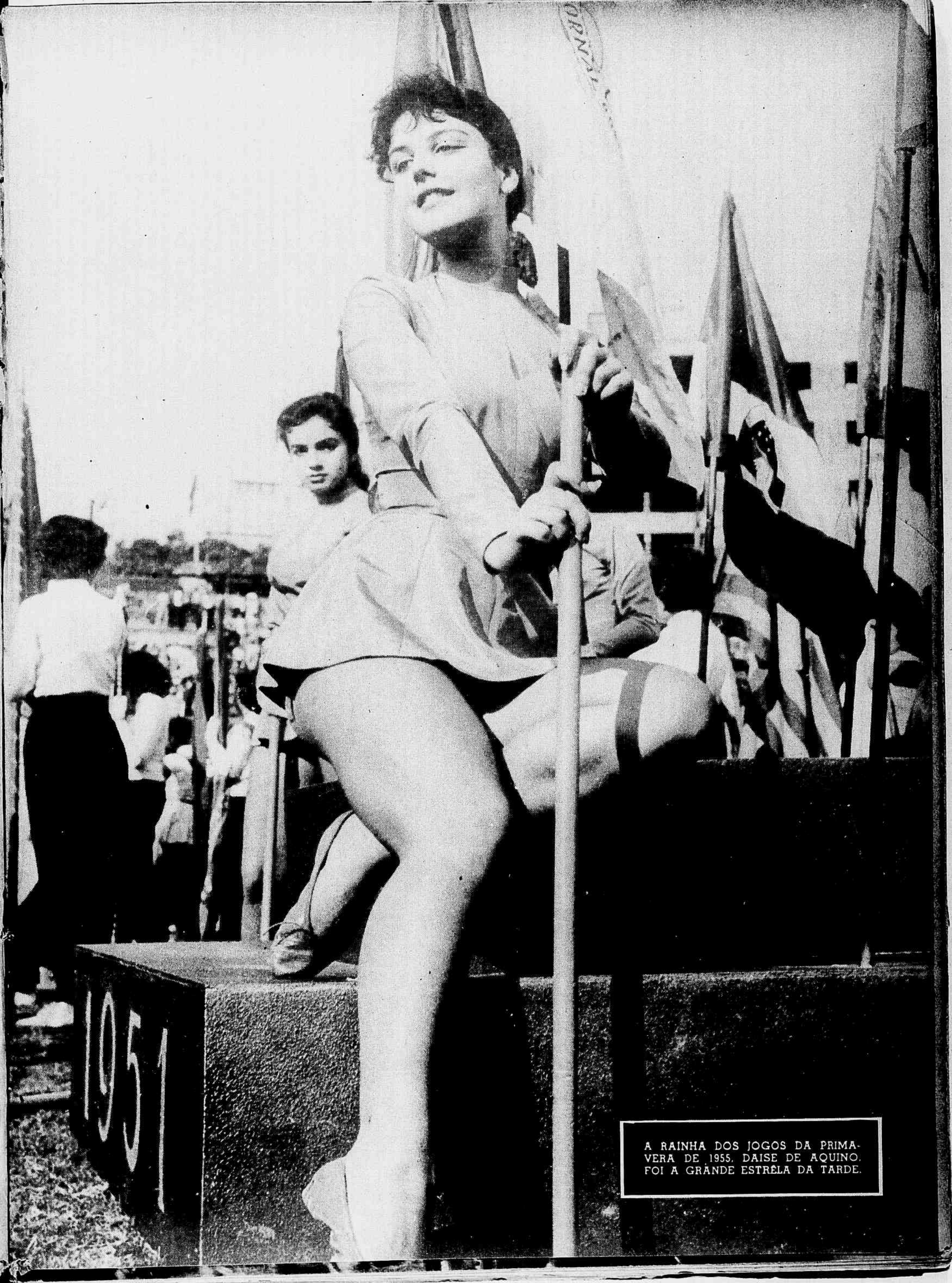
VIII JOGOS DA PRIMAVERA

DEZESSEIS mil jovens cariocas, pertencentes a dez clubes, quatro faculdades, e dezoito ginásios da cidade, desfilaram, no dia 22 de setembro, sábado, no Estádio do Fluminense, inaugurando os Oitavos Jogos da Primavera, idealizados pelo jornalista Mário Filho e levados a efeito, anualmente, pelo «Jornal dos Sports». Grande multidão lotou totalmente o Estádio das Laranjeiras, a que o próprio Presidente Juscelino Kubitschek acorreu, juntamente com o prefeito Negrão de Lima. Como sempre, as jovens desfilaram de maneira inimitável, constituindo espetáculo inteiramente à parte as evoluções das balisas, que se esmeraram na sua função — que, como todos sabem, não é das mais fáceis — perseguindo uma primeira colocação que, afinal, veio a ser conferida a Ana Maria Salazar, do Fluminense, Elza do Amaral Brandão, da Escola Nacional de Educação Física, e Roselee Tórres Viana, do Colégio Anglo-Americano, respectivamente no setor dos clubes, das faculdades e dos colégios. E foram justamente o Fluminense, a Escola Nacional de Educação Física e o Colégio Anglo-Americano que se sagraram vencedores do desfile inaugural dos Oitavos Jogos da Primavera, que certamente se desenrolarão, êsse ano, com a mesma graça e eficiência dos anteriores. (Fotos J. Santos).

CONSTITUIU UM ESPETÁCULO A PARTE A PARTICIPAÇÃO DAS BALISAS. NO GRANDE DESFILE.



JOVENS BONITAS E SADIAS CUJAS IDADES VARIAVAM ENTRE 10 E 20 ANOS APRESENTARAM-SE COM A GRAÇA E O ENCANTO DE SEMPRE



A RAINHA DOS JOGOS DA PRIMA-
VERA DE 1955, DAISE DE AQUINO,
FOI A GRANDE ESTRELA DA TARDE.



LADY ASTOR, UMA CABRÃ DIFERENTE

♦ UM DOS PRINCIPAIS atrativos da peça «A Casa de Chá do Luar de Agosto», já há tantos meses em cena no Ginástico, é essa cabrinha, que ostenta o pomposo nome de «Lady Astor», e que aqui espairose, antes de aparecer em palco, com seu tratador. É uma cabra inteligente, sob certos aspectos o orgulho da classe inteira. E, se não chega a ser como aquela que Paul Léautaud por tantos anos alimentou com páginas arrancadas a livros de poesia de Paul Fort, anda perto. Artista diferente sob mais de um ângulo, sua intervenção, na deliciosa sátira, é bastante longa e fatigante. Mas, que saibamos, até ao dia de hoje não aconteceu em palco, com a menina, nenhum daqueles incidentes desagradáveis que por vêzes tornam tão úmidas as criancinhas recém-nascidas, e as roupas de quem inadvertidamente as segura...

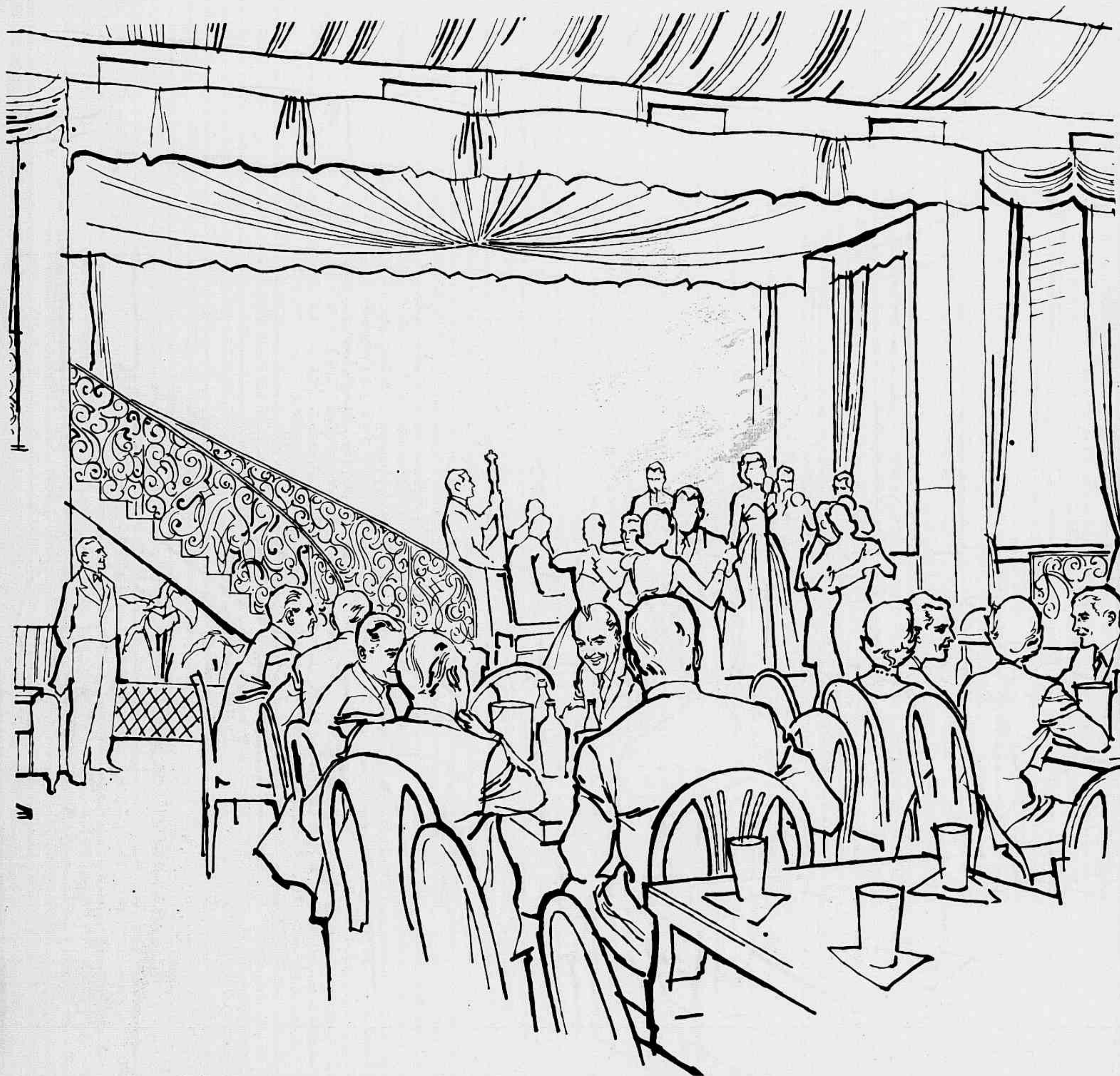
**A FIGURA
EM FOCO**



FELINTO MÜLLER

Desta vez não vou na onda,
Não contam comigo, não:
Correm as águas e os tempos,
Mas como custa o perdão!

ME
DES



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

